



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

MORGANA CLAUDIA DA SILVA

**O MUNDO À BEIRA DA PISCINA:
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE TÉCNICOS DE
NATAÇÃO SOBRE SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

Londrina
2017

MORGANA CLAUDIA DA SILVA

**O MUNDO À BEIRA DA PISCINA:
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE TÉCNICOS DE
NATAÇÃO SOBRE SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física; Associado UEM/UEL, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção de título de Doutora em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel.

Coorientador: Prof. Dr. Antônio Geraldo Magalhães Gomes Pires.

Londrina
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S586m Silva, Morgana Claudia da.

O mundo à beira da piscina : as representações sociais de técnicos de natação sobre sua formação profissional / Morgana Claudia da Silva. - Londrina, 2017.
194 f.: il.

Orientador: Giuliano Gomes de Assis Pimentel.

Coorientador: Antônio Geraldo Magalhães Gomes Pires.

Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Física e Esporte, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2017.
Inclui bibliografia.

1. Técnicos de natação. - Teses. 2. Formação profissional. - Teses. 3. Representações sociais. - Teses. 4. Reprodução animal. Teses. I. Pimentel, Giuliano Gomes de Assis. II. Pires, Antonio Geraldo Magalhães Gomes. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Física e Esporte. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. IV. Título.

CDU 797.2:796.071.4

MORGANA CLAUDIA DA SILVA

O MUNDO À BEIRA DA PISCINA:
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE TÉCNICOS DE NATAÇÃO
SOBRE SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física; Associado UEM/UEL, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção de título de Doutora em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis
Pimentel
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Coorientador: Prof. Dr. Antonio Geraldo
Magalhães Gomes Pires
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Alberto Albuquerque Gomes
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Prof. Dr. Paulo Cesar Baurace Bento
Universidade Federal do Paraná - UFPr

Profa. Dra. Ieda Parra Barbosa-Rinaldi
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof. Dr. Denilson de Castro Teixeira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 29 de Abril de 2017.

AGRADECIMENTOS

À família escolhida de coração, que foi fundamental para este processo de minha formação: Geraldo, Dirce, Pedro e Raulzito, que permitiu que esta agregada literalmente fizesse parte da família.

À Dirce, grande amiga e para mim uma irmã. Obrigada pelas conversas, telefonemas, tempo livre, pela escuta, pelos conselhos, pelas telas pintadas e presenteadas, ah e pela bela companhia das viagens, as quais terão muitas ainda amiga.

Ao grande amigo, professor, orientador e colega de trabalho Antônio Geraldo Magalhães Gomes Pires que, é o maior responsável por eu estar aqui. Pela relação de autonomia (estou tentando, que coisa difícil hein?) na construção da presente tese, pelas críticas, broncas e puxões de orelha, por aguentar os choros (rss), e que, afinal guiou-me neste processo. Pelas cervejas, vinhos, a pinga e os almoços de sexta-feira e de domingo com conversas, fofocas, risadas e até mesmo broncas. Sem você, este trabalho não estaria finalizado.

À Graça, minha prima, irmã, amiga e muitas vezes mãe, pela ajuda imprescindível no processo final das correções, com sua leitura crítica e discussões sobre o trabalho.

Aos técnicos de natação do Estado do Paraná que gentilmente disponibilizaram seu tempo, muitas vezes, em horários de descanso ou no intervalo das competições, por aceitarem participar da pesquisa, condição determinante, para a realização desta pesquisa.

Aos grandes professores e profissionais: Alberto Klar, Willian Urizzi de Lima, Roberto Carvalho Pável, Ricardo de Moura, Oscar Erichessen, João Reinaldo da Costa Lima Neto (“Nikita”), Rômulo Noronha, Sérgio da Silva (“Serjão”). Obrigada pelas conversas sobre suas experiências profissionais, opiniões, apontamentos e principalmente por serem a memória viva da natação brasileira, cada um a seu tempo.

Aos amigos que acreditaram em mim, e sempre tiveram palavras de incentivo, admiração, força, onde a amizade é fortalecida em simples gestos. Obrigada Daniela Alencar, Renato Castro, Jackson Nieheus, Laudenir Molina, Sônia Bordin, Nádia Oliveira, Dhenis Rosina, Marco Bertolassi.

Aos amigos do peito e do coração Marta Soares Araújo e Anísio Calciolari Jr., os quais compartilhamos choros, alegrias, broncas, viagens a congressos, leituras dos trabalhos, conversas infundáveis sobre todo o processo de doutoramento e até mesmo a vida pessoal. Enfim, alegrias, tristezas, conhecimento, apoiando-nos uns aos outros nas horas difíceis. Vocês moram no meu coração.

Ao Prof. Dr. Giuliano Pimentel, pela disponibilidade por ocasião da perda da orientadora profa. Dr. Jeane Barcelos, e que atendeu prontamente ao pedido de dar continuidade aos encaminhamentos de orientação, sem impor, sem mudanças, auxiliando no desenvolvimento, permitindo que continuasse meu trajeto. Obrigada pelas conversas, pelos ensinamentos, contribuições e indagações durante esse período.

Aos membros da banca meus agradecimentos: Ao Prof. Dr Paulo Baurace Bento - amigo de longa data da beira da piscina apontava suas contribuições com o olhar da ciência e também de quem à viveu. Prof. Dr Alberto Albuquerque Gomes pelo olhar crítico, apontamentos, análises, sugestões de leitura e colaborações; Profa. Dra Larissa Lara pelo olhar sobre meu objeto e auxílio; Prof. Dr Denilson Castro amigo de trabalho e à beira da piscina pela leitura e devolutiva; Profa. Dra. Ieda Parra-Rinaldi que aceitou o desafio de entrar como membro da banca no meio do caminho, após a qualificação.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente estiveram comigo, meus sinceros agradecimentos sem medida!

SILVA, Morgana Claudia. **O mundo à beira da piscina**: as representações sociais de técnicos de natação sobre sua formação profissional. 2017. 194 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

A presente pesquisa objetivou identificar as representações sociais instituídas no imaginário dos técnicos de natação paranaense sobre o processo de construção de sua formação profissional, buscando identificar os sentidos dados a esse processo de formação por meio dos seus discursos. A Teoria das Representações Sociais proposta por Moscovici, proporcionou as condições teóricas básicas para que se compreendesse o objeto de pesquisa, tomando como referencial as relações estabelecidas entre o fenômeno perceptivo que está constituído entre o mundo objetivo e a subjetividade dos atores sociais envolvidos com o processo. As trilhas eleitas que constituíram o desenho desta pesquisa possuem como princípios norteadores ser uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter exploratório com traços de pesquisa participante apresentando o núcleo central e o sistema periférico das representações sociais dos técnicos de natação paranaense. No processo da pesquisa utilizamos a técnica da entrevista semiestruturada e adotamos a seguinte pergunta deflagradora: *O que te levou a ser técnico de natação?*. Fizemos uso dos princípios teórico-metodológicos da análise do discurso para a análise dos dados, e utilizamos a abordagem estrutural da teoria das representações sociais, que engloba a teoria do núcleo central proposta por Jean- Claude Abric. A população da pesquisa é constituída por técnicos de natação do Paraná, e o grupo amostral foi composto por 12 técnicos, que foram eleitos de forma intencional, na medida que somente participaram do processo de pesquisa os convocados pela FDAP, período 2006 a 2016 a serem técnicos da seleção paranaense de natação e que participaram de no mínimo uma edição do Troféu Brasileiro Chico Piscina de seleções estaduais. Os resultados evidenciaram que a ancoragem do estudo se encontra **na beira da piscina**, local onde as relações entre os atores se solidificam. É aqui que fica estabelecido o campo de aprendizagem profissional e construção de sua carreira profissional. Os núcleos periféricos que emergiram, são aqueles que servem de protetores do núcleo central, são eles: a) escolha da profissão como técnico; b) campo de formação; c) habilidades e competências do técnico de natação; d) técnicos de natação e a experiência de ter sido atleta ou não; e) formação de técnicos no Parana, e considerações de um programa/escola para formação profissional de técnicos de natação.

Palavras-Chave: Técnicos de natação. Representações Sociais. Formação Profissional.

SILVA, Morgana Claudia. **O the world at the edge of the pool: social representations of swimming coaches about their professional formation.** 2017. 194 p. Thesis (Doctoral degree in Physical Education) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

The present research aims to identify the social representations of the swimming coaches from Paraná about the process of construction of their professional training, seeking to identify the meanings given to this formation process through their discourses. The Theory of Social Representations by Moscovici provided the basic theoretical conditions for understanding the object of research, taking as reference the relationships established between the perceptual phenomenon that is constituted between the objective world and a subjectivity of the social actors involved with the process. This research is of qualitative nature, of exploratory character with traces of participant research presenting the central core and its peripheral system of social representations of swimming coaches from Paraná. During the research process we used a semi-structured interview technique and we adopted the following question: What made you want to be a swimming coach? We have used the theoretical-methodological principles of discourse analysis for data analysis, and we have used a structural approach of the theory of social representations, which encompasses the central core theory proposed by Jean-Claude Abric. The research population consists of swimming coaches from Paraná, and the sample group was composed by 12 coaches, who were elected intentionally, since only participated in the research process those who are selected by the FDAP, from 2006 to 2016, to coach the Parana national swimming team and that participated at least in one edition of the Chico Piscina Brazilian Trophy of Swimming of state selections. The results showed that the anchoring of the study was found at the edge of the pool, where the relationships among the actors solidify, where the professional learning field and the construction of one's professional career is established. The peripheral nuclei that emerged are those that serve as protectors of the central nucleus, they are: a) choice of the profession as a coach; B) field of formation; C) skills and abilities of the swimming coach; D) swimming coaches and the experience of having been an athlete or not; E) coach training in Paraná, and considerations of a program/school for professional training of swimming coaches.

Keywords: Swimming coaches. Social Representations. Professional qualification.

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Modelo Piramidal.....	59
Figura 2: Modelo de colocação de estratégia e de para o desenvolvimento da Educação Física e Desportos estabelecidos no Diagnóstico de 1971	64
Figura 3: Constituição da formação profissional dos técnicos de natação do Paraná.....	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Organização da trajetória da construção das Secretarias nos governos federais relacionados a questões do esporte.	62
Quadro 2: Quadro indicativo: relação da formação/ciência e países.....	121
Quadro 3: Níveis de certificação da ASCA.....	142

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AD	Análise do Discurso
ABT	Academia Brasileira de Treinadores
APEF	Associação dos Professores de Educação Física
ASCA	<i>American Swimming Coaches Association</i>
ATR	Acumulação, Transformação e Realização
CBDA	Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos
CAGE	Gestão Esportiva
CAS	Comissão de Assuntos Sociais
CIAA	Centro Integrado de Apoio ao Atleta
CBN	Confederação Brasileira de Natação
CEFAM	Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes
CEFE	Centro de Educação Física e Esporte
CIESP's	Centro de Indústrias do estado de São Paulo
CREF	Conselho Regional de Educação Física
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CONFEF	Conselho Nacional de Educação Física
CNRH	Centro Nacional de Recursos Humanos
DEF	Departamento de Educação Física
EF	Educação Física
EMH	Departamento de Estudo do Movimento Humano – Curso de Licenciatura da Uel.
FA	<i>Football Association</i>
FBAPEF	Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física
FDAP	Federação de Desportos Aquáticos do Paraná
FIEP	Federação Internacional de Educação Física
GERIS	Grupo de Estudo sobre Representações Sociais, Imaginário, Memória e Intervenção Profissional
INDESP	Indústria Nacional de Desenvolvimento do Esporte
IPEA	Instituto de Planejamento Econômico e Social
IOB	Instituto Olímpico Brasileiro
JEB's	Jogos Escolares Brasileiros

JUB's	Jogos Universitários Brasileiros
MEC	Ministério da Educação e da Cultura
PNDE	Plano Nacional de Educação Física e Esportes
SEED	Secretaria de Estado e de Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TRS	Teoria da Representação Social
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1.	RETORNANDO ÀS ORIGENS.....	14
2.	(DES)CAMINHOS: A CONSTRUÇÃO DAS TRILHAS METODOLÓGICAS.....	36
2.1	A ESTRUTURAÇÃO DO PERCURSO INVESTIGADO.....	45
3.	UM MERGULHO NO MUNDO DO ESPORTE: NO MUNDO DA NATAÇÃO, À BEIRA DA PISCINA: APRESENTANDO O CENÁRIO.....	56
3.1	UM MERGULHO À BEIRA DA PISCINA: DISCURSOS E SENTIDOS DAS REPRESENTAÇÕES DOS TÉCNICOS DE NATAÇÃO DO PARANÁ.....	84
3.1.1	PRIMEIRO SISTEMA PERIFÉRICO DISCURSIVO: A ESCOLHA PELA PROFISSÃO DE SER TÉCNICO DE NATAÇÃO.....	87
3.1.2	SEGUNDO SISTEMA PERIFÉRICO DISCURSIVO: CAMPOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	95
3.1.3	TERCEIRO SISTEMA PERIFÉRICO DISCURSIVO: HABILIDADE E COMPETÊNCIAS DO TÉCNICO DE NATAÇÃO.....	126
3.1.4	QUARTO SISTEMA PERIFÉRICO DISCURSIVO: TÉCNICO DE NATAÇÃO E A EXPERIÊNCIA DE TER SIDO ATLETA OU NÃO.....	137
3.1.5	QUINTO SISTEMA PERIFÉRICO DISCURSIVO: FORMAÇÃO DE TÉCNICOS NO PARANÁ E CONSIDERAÇÕES DE UM PROGRAMA/ESCOLA PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE TÉCNICOS DE NATAÇÃO.....	147
3.1.6	A BEIRA DA PISCINA O UNIVERSO CONSENSUAL COMO NÚCLEO CENTRAL.....	159
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS: (DES) (RE)-CONSTRUINDO OS OLHARES DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS DE NATAÇÃO.....	164
	REFERÊNCIAS.....	176

1. RETORNANDO AS ORIGENS

Se achar que precisa voltar, volte.
 Se perceber que precisa seguir, siga.
 Se estiver tudo errado, comece novamente.
 Se estiver tudo certo, continue.
 Se sentir saudade, mate-a.
Silvana Duboc.

É com este trecho do poema Navegue de Silvana Duboc que inicio meu trabalho, pois ele me reporta a um tempo de doces lembranças e de ruptura: o mundo da natação¹, no qual vivi boa parte de minha trajetória profissional. Retorno às origens, ora matando as saudades, ora superando obstáculos, pois ao pesquisar algo que vivi tão intensamente, corri o risco de, ao longo desta caminhada, misturar a Morgana pesquisadora com a Morgana ex-técnica de natação. Contudo, acreditando que correr riscos é inerente ao processo de amadurecimento de um pesquisador, resolvi arriscar sem a garantia de que daria certo, mas completamente imersa no universo deste objeto de pesquisa, me (re)aproximei da beira da piscina², local de sabores e dissabores.

Sobre correr riscos, gosto da ideia de Ribeiro (2014, p.208), quando afirma que ao pesquisar;

[...] o que conta aqui é o espírito de correr mais riscos, de evitar a separação acentuada demais entre sujeito e objeto que temos visto na pesquisa científica, inclusive nas Humanas, onde em princípio a proximidade entre sujeito e objeto é maior (dificilmente você trabalha

¹ Consideramos o **mundo da natação** e as coisas que envolvem esse campo, remetem às viagens, a organização do processo que envolve a natação. Aqui encontram-se as relações de aprendizagem: a escolinha a iniciação aos nados, o treinamento.

² **Beira da piscina:** é o lugar onde as pessoas se vêem e se reconhecem, é o mundo do técnico e do nadador. É aqui que são desenvolvidas as conversas, a preparação para a competição. Tudo que faz parte do fazer diário dos treinos e atletas.

um tema que não mexa com sua psique – exceto, talvez, nas áreas de Humanas mais marcadas pela matematização).

Dessa forma, se faz necessário deixar claro de onde eu falo, pois acredito que a opção que fiz pela linha de pesquisa em Trabalho e Formação em Educação Física, se justifica em função da história profissional que construí no campo da natação competitiva. Sendo assim, falo do mundo do esporte de alto rendimento³, especificamente a modalidade da natação, sendo que dela falo com o olhar e a lógica de quem foi técnica de equipes de competição nesta área.

Antes de ingressar na universidade, em minha formação inicial, já trabalhava com a educação do ensino formal, pois tenho formação em magistério que me qualificou para trabalhar como professora regente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental⁴, respectivamente. Meu envolvimento com o esporte antecedeu ao período de minha formação acadêmica inicial, pois eu era atleta de basquetebol⁵ no período da adolescência e da universidade.

Ao longo de 18 anos, produzi minhas intervenções profissionais na natação, atuando em escolinhas como professora de natação, na iniciação pedagógica com os nados, bem como, na coordenação de escolas de natação.

No campo do rendimento, iniciei como técnica de equipe másters, depois auxiliando às equipes de base e, posteriormente, como técnica da equipe principal⁶.

Por quase 15 anos, trabalhei como técnica de natação no Paraná, nas cidades de Londrina e Foz do Iguaçu, permitindo-me e me autorizando-me a declarar que a forma como o técnico de natação de rendimento realiza sua intervenção profissional, apresenta indícios interessantes no que diz respeito aos aspectos que norteiam sua

³ Aqui consideramos como **esporte de alto rendimento**, aquele no qual se prepara atletas para determinada modalidade esportiva, tendo por finalidade a busca constante da melhor *performance* do atleta, compreendendo que seu resultado é determinado por dimensões técnicas, táticas, físicas, sociais e emocionais.

⁴ Era professora de alfabetização na educação do meio rural, onde trabalhava com salas multisseriadas, que compreendem aulas com alunos de diferentes séries, níveis de aprendizagem e idade. Turmas caracterizadas pela heterogeneidade, e pelo número baixo de alunos em algumas fazendas em séries respectivas.

⁵ Fui atleta de basquetebol no período de 1978 a 1987 Desta forma, minha aproximação e compreensão do esporte se deu por meio dessa modalidade.

⁶ Cargo mais almejado, pois além de dar status profissional, é ele que demarca a construção técnica de todas as categorias, começando na base até chegar à principal. É o cargo mais importante, de maior visibilidade, de maior prestígio dentro do mundo aquático em cada clube, agremiação ou academia.

prática profissional, à beira da piscina. Esses indícios apontam que poderia ocorrer um deslocamento de sentidos dos técnicos paranaenses sobre sua formação e apropriação de conhecimentos para sua formação e intervenção no campo da natação competitiva.

Hoje, quando olho a maneira como consegui me capacitar como técnica de natação, percebo ter percorrido um trajeto sem ter consciência da natureza do próprio processo de minha formação profissional, visto que, como meus pares, não identificava nenhuma relação entre a natação competitiva e a educação física. Não fazia parte do meu pensar na intervenção profissional, as mudanças que a educação física estava passando. Posso afirmar que, em geral, para os técnicos de natação, nosso campo de intervenção profissional era o esporte, e não a educação física. Isso era e é tão claro, que quando se pergunta a um desses profissionais: “Qual é sua profissão?”, ele responde prontamente: - “Técnico de natação”. Ele não se apresenta como um profissional da área da Educação Física com sua especificidade de trabalho a área do esporte. Essa visão não nos permitia ver as mudanças legais, que transformaram a ocupação de técnico de natação, em profissão de técnico esportivo.

No mundo à beira da piscina, a natação e as coisas a ela ligadas, eram os temas de nossas conversas. Outros assuntos eram de pouca importância. Portanto, falar e discutir o deslocamento do sentido de profissionalização da área, o qual se materializou com a implantação da Lei nº 9696/98 e que denegava o sentido instituído em nosso imaginário, sobre a representação de nossa profissão e seu campo de intervenção, seria impensável àquela época. Ou seja, as ressignificações legais que aconteceram e os sentidos das nossas representações sobre a profissão, assim como a caracterização desse profissional, permaneceram e permanecem estáveis para os atores sociais⁷ que realizavam seu trabalho à beira da piscina como técnicos de natação.

A contradição que se estabeleceu em minha vida profissional, revela o fato de ter sido o mundo à beira da piscina e a vivência como técnica principal da equipe, os fatores determinantes que me levaram ao mundo da docência no ensino superior. Enfim, foi em razão da perversa lógica excludente do mundo da competição de

⁷ Todas as vezes que falarmos sobre o técnico de natação, utilizaremos o termo “ator social ou atores sociais”.

rendimento em natação, que fui convidada para ministrar cursos de natação e, em função dessas atividades, acabei recebendo o convite para atuar no ensino superior.

Ao ingressar neste universo, o olhar “unívoco” que a técnica lançava sobre a natação, foi sendo superado por um olhar “plural”.

Foi nessa época que comecei a perceber interpretações contraditórias e complexas sobre os papéis sociais que exercia como técnica de natação, como professora e como eu entendia e via a área do esporte, ou seja, somente pela lógica constituída à beira da piscina. O exercício da docência no ensino superior, me propiciou a condição determinante para que iniciasse o processo de deslocamento dos sentidos da representação social instituída em meu imaginário sobre educação física, pois, até então, ela estava pautada pela lógica do esporte e do treinamento de rendimento.

A docência no ensino superior colaborou para que eu passasse a olhar o esporte e a minha intervenção profissional como técnica de natação de forma crítico-reflexiva. O olhar plural⁸ que passei a lançar sobre a natação melhorou minha leitura em relação à educação física e ao próprio esporte. Sendo assim, agora ao findar essa tese de doutorado, a qual retornei ao mundo da natação, como campo de objeto de estudo, realmente posso afirmar que possuo outra lente: a da formação profissional dos técnicos.

Entendo que para uma melhor compreensão do objeto de estudo que propus, é relevante apresentar de forma sintetizada como, em geral, o técnico de natação realiza sua intervenção profissional. Para a preparação de um atleta, o técnico, de acordo com a fase que trabalha, passa pelo processo de iniciação esportiva, ou seja, formação inicial do atleta, até chegar ao treinamento de rendimento que, muitas vezes, remete à passagem do atleta para a profissionalização e atuação como técnico.

Nesse sentido, o período de formação, caracterizado como: “período de desenvolvimento da iniciação esportiva” - segundo Greco e Benda (1998) -, deve ser visto como o primeiro passo dentro do processo ensino-aprendizagem para o treinamento. Podemos considerar que, este é o primeiro momento no qual se busca colaborar com a formação global da criança. Esse é considerado o processo ideal, mas, em muitos momentos não ocorre. Ainda existe uma preocupação em se obter

⁸ Aqui, a utilização do “plural” remete não somente à ampliação, mas principalmente à indicação de mais de um olhar sobre o campo do esporte, precisamente a natação.

alguns resultados com as crianças, não respeitando a evolução do desenvolvimento natural.

O técnico, nesse início, foca seu trabalho no que diz respeito aos aspectos do desenvolvimento psicomotor, capacidades cognitivas e manutenção da saúde. O objetivo geral é fazer com que a criança incorpore a prática de atividades físicas e esportivas como um hábito cotidiano e contínuo, sendo que nessa fase o responsável pelo processo de aprendizado é caracterizado pela figura do professor de natação.

O segundo momento, se refere à passagem da iniciação esportiva conduzida pelo professor de natação para a formação inicial do atleta, agora sob a responsabilidade de um técnico esportivo. Nessa fase, o técnico trabalha a modalidade específica, lançando mão de práticas esportivas formais que buscam melhorar a *performance* e otimizar os resultados dos atletas em competições que em sua maioria, exigem um índice para participar.

Por fim, o técnico trabalha com rendimento e o alto rendimento, estando apto à preparação de atletas que se destacam no mundo do esporte de rendimento, que possuam potencial para atingir níveis superiores de *performance*. Para tanto, é *mister* que esses atletas sejam acompanhados por um profissional da área da educação física (ou técnico esportivo) e que este possua as competências necessárias à formação e preparação do atleta de alto rendimento.

Atualmente, o campo do treinamento esportivo, exige deste técnico esportivo de rendimento que ele possua competências que englobem múltiplos níveis, tais como o conhecimento científico e prático, experiência profissional e, principalmente, a capacidade para elaborar, refletir e tomar decisões sobre as possibilidades de desempenho dos competidores sob o seu comando. Marques (2000), acrescenta que o técnico esportivo deve possuir domínio de organização, administração, ciência, entre outros, pois ele deve conduzir toda progressão da preparação esportiva.

Para Lopes (2005, p. 28):

Atualmente, a função de técnico desportivo no mercado de trabalho ocupa uma posição onde se discute a real amplitude da tarefa por ele executada. O pressuposto de que qualquer indivíduo pode exercer o ofício tem vindo a ser cada vez mais questionado em função da dimensão atingida pelo desporto na sociedade.

Araújo (1994), destaca que a profissão de treinador esportivo exige que esse profissional possua um conhecimento multidisciplinar, em que podemos destacar

como imprescindíveis os conhecimentos referentes à técnica, tática e à preparação da modalidade desportiva que ele atua. Esses conhecimentos utilizados pelos técnicos esportivos podem ser construídos por meio do conhecimento formal obtido na universidade, nos cursos de formação continuada ou então apreendido nas relações existentes no próprio meio profissional, ou seja, na intervenção em si.

Sabemos que os conhecimentos podem ser dotados de múltiplas naturezas e, ao longo da vida, são (re)produzidos por meio da convivência com os pares e à beira da piscina isso também acontece. Esses meios sugerem complexa rede de relações, as quais os técnicos de natação estão inter-relacionando costumes, valores sociais, políticos e culturais. A interação forjada no mundo, permite que ele produza e reproduza determinados conhecimentos, os quais se configuram como o mais importante sistema de diferenciação de grupos sociais, enquanto ferramenta na interação de vida pessoal e profissional no mundo que o cerca.

Podemos inferir que, nesse decurso o homem, ora utiliza habilidades construídas por instinto, assimilação, reprodução entre outras, ora utiliza um determinado conhecimento que é sistematizado e produzido por meio do processo educacional formal. Para Nascimento (2004, p.19), uma das maneiras de produção de conhecimento se dá de forma fundamentada metodologicamente por meio de experiências e que, “passa a ser incorporado e produzido dentro das universidades, a fim de responder aos problemas surgidos na prática profissional”.

De acordo com Soriano (2003, p.43), desde os primórdios existiu um vínculo entre a formação profissional com a Universidade, que “demarca as implicações do desenvolvimento científico como categoria de classificação e valorização do tipo de conhecimento empregado, não apenas junto aos docentes e acadêmicos, mas também, aos grupos profissionais”. Esse conhecimento especializado é apontado como uma das principais características de uma profissão e a maneira como ele é adquirido “influencia o reconhecimento social sobre quem o detém, sendo que a formação de nível superior (universitária) também figura como parâmetro de diferenciação e caracterização dos ditos *profissionais* (Op. cit)”, segundo Cavazari *et al.* (2013).

Entendemos que é no campo do conhecimento reificado, organizado que se constrói o profissional para o mercado de trabalho, sendo esse campo materializado na figura das universidades e/ou faculdades. Em geral, podemos inferir que a palavra

“**profissão**” traduz às características comuns e distintivas de cada profissão, e que para ser reconhecida ela deve apresentar as ações de:

a) expertise: conjunto de conhecimentos e habilidades de uma profissão específica que se deve dominar;

b) credencialismo: protetor do conhecimento/profissão, que credencializa o expertise, criando uma reserva de mercado; e

c) autonomia: ação que dá independência para a realização da atividade profissional, possibilitando as decisões e escolhas desse profissional, que para Friedson (1998) são denominadores relacionados com diversas noções de profissões, desde a menos até a mais exclusiva.

Segundo Lawson (1984), a característica principal de uma ação profissional se baseia no conhecimento sobre o serviço que está sendo oferecido. Porém, esse conhecimento, ao longo do tempo, se modifica constantemente sendo necessário que o profissional acompanhe esse transcurso de mudança e neste sentido, pode-se apontar que essa ação também caracteriza uma profissão. Para Antunes (2014), quando uma ação não acompanha essa mudança, não acompanha esse critério, podemos dizer que ela é então uma ocupação, que é “um conjunto de técnicas obtidas pelo processo de tentativa e erro e pouco influenciável pela produção de conhecimentos” (p.142).

Soriano (2003), alerta que é importante ao se estudar um determinado grupo profissional, levar em consideração que seus integrantes estão interligados na autonomia, nos domínios e nas características do conhecimento profissional, então para a autora, essas categorias são classificadas da seguinte forma:

(a) a especificidade da intervenção, decorrente de um modelo de aplicação e produção de conhecimento correlacionado;

(b) a cultura própria da formação profissional, na qual temos os primórdios da socialização profissional e, portanto, são oferecidas as primeiras “traduções” e “leituras” sobre o universo das intervenções profissionais; e, por fim,

(c) o pertencimento a um determinado grupo, decorrente da organização do grupo, que conserva na configuração das respostas profissionais alguns elementos de identidade e estranhamento. (2003, p.29)

Sendo assim, se faz importante compreender a construção das dinâmicas de trabalho entre grupos profissionais diferentes, pois possibilita o

entendimento de como eles se orientam e se configuram em seus próprios grupos, dessa maneira, é necessário perceber as variáveis que podem interferir na construção de um grupo profissional, bem como se dá sua visibilidade na sociedade, pois o conhecimento desse grupo profissional favorece que eles sejam conhecidos por seus pares e pelos outros.

Assim, Freidson (1998, p.40), diz que para se compreender como se distingue as ocupações ou profissões entre elas, é preciso ver qual é “[...] o conhecimento e competência especializados necessários para a realização de tarefas diferentes numa divisão de trabalho. Esse é um critério nitidamente diferente da localização num sistema de classes ou numa empresa”.

Ainda para Freidson (1996) - estudioso sobre as profissões que surgem em meados dos anos 1970 -, toda profissão constitui-se em um trabalho especializado em que sua remuneração refere-se ao tempo de trabalho integral, e esse trabalho deve alicerçar-se no conhecimento técnico científico. Elas possuem como característica principal, a delimitação do espaço de atuação no mercado de trabalho, controlando então a divisão do trabalho. Angelin (2010, p.10) aponta que;

[...] o número das diferentes ocupações e empregos, o grau de hierarquia e a estabilidade das especializações não são fixas e, portanto, variam ao longo do tempo. E isso permite organizar e controlar a própria divisão do trabalho. Sendo assim, sempre que houver um menor número de ocupações diferentes e um menor grau de hierarquia, a divisão do trabalho está sendo controlada pelas ocupações. Quando isso ocorre, tendem a ser mais estáveis e mais longas.

Nesse sentido, Burrage (1996), ao realizar considerações da forma como cada grupo profissional identifica suas inter-relações entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento prático, sintetiza uma rede complexa de tensões que se caracterizam de acordo com o grau de reconhecimento da necessidade de se respaldar em conhecimentos acadêmicos para a realização da ação prática, até mesmo para garantir um *status* ao seu grupo.

O autor citado acima, também aponta que existe uma resistência de certos grupos profissionais em aceitar contribuições que venham do mundo acadêmico e/ou estratégias apresentadas por eles em sua formação. Outro ponto discutido pelo autor, se refere às relações existentes no campo empregatício após a Revolução Industrial, em que algumas profissões foram fortemente organizadas fortemente pelo papel do

empregador, e, por último, o papel que o Estado desempenha como controlador em relação a emitir algumas diretrizes quanto ao papel social da profissão. Ele ainda diz que;

[...] ao longo de sua história, a universidade formal ou sistema acadêmico teve que se adaptar ou enfrentar um "sistema" concorrente da educação prática, [muitas vezes], mais firmemente estabelecido. Ignorar isto supõe passar por alto a experiência compartilhada [...] por dezenas de ocupações [...] (BURRAGE, 1996, p.194).

No Brasil, o movimento da profissionalização ocorreu no início do século XX, por meio dos engenheiros e médicos sanitaristas decorrente do encadeamento "de saberes modernos como recurso na luta interelites" (BARBOSA, 1998, p.133). Esse processo já era conhecido pela categoria dos advogados, porém, o autor faz críticas contundentes dizendo que ela não poderia ser tratada como uma profissão, pois, "já que o ponto de partida da atuação desse grupo não era o saber, mas sim a sua situação de classe e o seu patrimônio familiar de relações sociais e políticas" (ANGELIN, 2010, p.11). Então, o que poderia ser feito era no máximo aproximá-las daquelas profissões consideradas de status, mas "nada a ver com as modernas profissões que são a base dos atuais sistemas de estratificação." (BARBOSA, 1998, p.133).

Um dos pontos fundamentais da profissão é a definição dela por meio do saber, do conhecimento produzido tecnicamente e cientificamente. Essa definição surge segundo Angelin (2010), através dos médicos sanitaristas cariocas que passam a ocupar um papel de destaque no início do século XX, pois eles passam a ser representativamente portadores de um saber científico, e tornam-se os responsáveis pela reorientação das maneiras de atuação do Estado, onde "[...] novos princípios de classificação social, com ênfase especial para os critérios meritocráticos para organização de carreiras nas empresas públicas." (BARBOSA, 1998, p.134).

Barbosa, corroborando com o pensamento de Freidson, indica que no Brasil ocorre um desenvolvimento à profissionalização. As evidências do acontecimento se pautam no aumento significativo do número de pessoas que são portadoras de diplomas de ensino superior, sendo para ele, o grande indicativo da busca do profissionalismo por uma parcela da sociedade brasileira. Em consonância com Diniz (2001) ele afirma que nesse momento revela então a;

[...] expansão e diversificação profissional no Brasil é o grande crescimento do número de ocupações que exigem o diploma universitário: se em 1950 eram apenas menos de uma dúzia de ocupações que exigiam o nível superior, em 1980, passaram a ser 114 ocupações, das quais 76 estavam regulamentadas. Se não bastasse o crescimento do número de profissões com exigência do ensino superior, verifica-se, também, que houve um enorme e importante crescimento do número de profissionais no mercado de trabalho com ensino superior (ANGELIN, 2010, p.12).

Para reforçar a fala acima, o livro de Diniz (sobre profissões e monopólios profissionais) apresenta dados sobre o crescimento da procura da formação universitária para a intervenção profissional, apontando que “[...] em 1979, a força de trabalho com educação de nível superior constituía 3,5% da população economicamente ativa, contra 5,35% em 1985” (DINIZ, 2001, p.13). Podemos inferir que em um curto período, faculdades e/ou universidades passam a receber uma demanda grande de alunos em busca de uma titulação representada pelo diploma universitário, sendo que esses formandos se inserem no mercado de trabalho.

No que diz respeito ao campo profissional, especificamente da Educação Física, Nunes, Votre e Santos (2012, p. 286) dizem que ocorre uma pluralidade conceitual referente à formação profissional na área da educação física, sendo que;

[...] tem no campo epistemológico, relações de poder, resistência e ideologia, travadas entre as teorias tradicionais, críticas e pós-críticas. Como discurso e linguagem, o currículo possui significados em construção permanente e aberto, onde em um mesmo contexto, podem existir vários discursos constituintes de verdades desses significados, dependendo do emissor.

Com as discussões para a realização da mudança da formação de licenciatura e a reformulação do curso de bacharel na educação física, foi necessário repensar a formação, pois não foi somente o campo de atuação que mudou, mas a natureza desta. Desde a década de 2010, criou-se um cenário de reformas educacionais no país, objetivando mudanças e reorganização no campo das políticas educacionais e, segundo Nunes, Votre e Santos (2012, p. 280), o “objetivo de tais reformas e reorganizações foi de buscar a melhoria da qualidade da educação brasileira nos diversos níveis de ensino”.

No que diz respeito à formação de Licenciatura, na Resolução 01/02 (BRASIL, 2002), fica explícito as competências que são relativas ao papel do professor na

escola. Para a formação em Bacharelado, ainda de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais em sua Resolução nº 07/04 (BRASIL, 2004), orienta para que se construa, neste curso, uma formação específica para cada área de conhecimento, definindo o perfil profissional, privilegiando competências intelectuais, visando atender as demandas sociais referente ao mundo do trabalho do profissional desta área.

Dessa forma, indagamos quais seriam os conhecimentos específicos referendados para a formação de um profissional que irá atuar como técnico esportivo com formação no campo de bacharel. Ainda, os autores Nunes, Votre e Santos (2012, p. 281), apontam que a legislação sugere que para a formação de um profissional da área acima descrita, as instituições superiores devem se ater em determinar maior autonomia na construção do projeto político pedagógico de seus cursos, tendo como preocupação;

[...] a partir da explicitação das competências e das habilidades que se deseja desenvolver, através da organização de um modelo pedagógico capaz de entender e debater a dinâmica das demandas da sociedade. Após definidos os marcos para construção da identidade do bacharel como profissional em educação física, as comissões de especialistas das diferentes áreas e campos do saber construíram diretrizes curriculares específicas.

Se a área do profissional licenciado se encontra legitimada dentro da escola, possuindo modelos pedagógicos, que estabeleçam diálogos que articulam os conhecimentos e saberes específicos para a apropriação da cultura corporal, então, a escola se faz o lugar de trabalho e de encadeamento desses saberes. Um dos desafios da formação do bacharel se encontra nos meios de intervenção, pois o campo de atuação é ampliado, e esses profissionais também ensinam, porém possuem um modo de intervenção diferente. Parece-nos, que em determinados momentos da formação existe uma adaptação do modelo da formação do licenciado, mas onde e como se intervém, é o que diferencia as duas formações. Dessa maneira corroboramos com a fala dos autores:

Os projetos dos cursos de educação física no Brasil devem articular competências em seus processos de ensino e aprendizagem, construindo e debatendo as inúmeras situações concretas, articuladas durante a formação de seus profissionais. É criticamente relevante que esses futuros profissionais tenham tempo de viver suas experiências e possam identificar quais são as competências e habilidades que poderão mobilizar para a resolução daquela tarefa ou situação, de

forma autônoma. A identificação desses conhecimentos pertinentes pode ser mediada durante a formação profissional, mas precisamos propiciar uma postura ativa e eficaz diante dos desafios ou problemas. Decidir sobre essa concepção significa romper com ênfases curriculares centradas na simples transmissão de conteúdos, organizados na forma de disciplinas desarticuladas. As Instituições do Ensino Superior devem sistematizar e planejar seus projetos com metas que fundamentam uma recontextualização aos modelos curriculares de formação do profissional bacharel em educação física. (NUNES, VOTRE e SANTOS, 2012, p.284)

De maneira geral, as instituições vêm trabalhando arduamente para organizar os currículos de formação do Bacharel de forma mais efetiva, repensando e discutindo os problemas próprios dessa formação, e procurando ampliar conhecimentos de base e conhecimentos específicos. Esse transcurso faz parte da organização curricular que é dinâmica, e que não deve e não pode ficar estacionada em princípios pré-estabelecidos anteriormente. A formação do profissional do Bacharel está legalizada pelo processo de formação. Porém, entendemos que não basta garantir a profissionalização somente pelo olhar da legalidade, olhar este, apoiado nas ações representativas pelo CONFEF/CREF, mas também garantir o processo de atuação. Então, podemos dizer que, a legalidade se dá no desenvolvimento da formação, na obtenção do diploma universitário da credencial do CREF, e a legitimidade da profissão, se dá na maneira como esses profissionais estão atuando em sua prática do profissional.

No Brasil, a Educação Física, enquanto uma profissão, foi consolidada por meio da Lei nº 9696/98 que, em linhas gerais, institui a obrigatoriedade da graduação em educação física, e para atuar como profissional desta área, além da graduação é necessário estar devidamente credenciado junto ao Conselho Federal de Educação Física - CONFEF. No caso de sujeito esportivo não portador do diploma, deve ser possuidor de conhecimento técnico e prático, devidamente comprovado, e ter exercido a profissão por mais de três anos, anterior à data de publicação da lei, condições necessárias para fazer o curso de provisionamento, que o habilitará ao exercício da profissão de forma regulamentada, desde que devidamente credenciado no CONFEF, com a diferença que ele estará habilitado somente para a ação da modalidade esportiva referendada na documentação.

Outra característica da profissão, aponta que a intervenção do profissional de Educação Física deverá acontecer mediante a aplicação de conhecimentos

científicos, pedagógicos e técnicos sobre as atividades física, esportiva e outras, sempre orientadas pelas questões éticas (BRASIL, 2014).

Mais especificamente na Resolução CONFEF nº 56/2003, o código de ética dos profissionais de Educação Física, no capítulo III – das responsabilidades e deveres, no artigo 6, traz em sua redação:

III – assegurar a seus beneficiários um serviço profissional seguro, competente e atualizado prestado com o máximo de seu conhecimento, habilidade e experiência.

XII – manter-se atualizado quanto aos conhecimentos técnicos, científicos e culturais no sentido de prestar o melhor serviço e contribuir para o desenvolvimento da profissão. (BRASIL, 2003, s/d)

Podemos notar que, semelhante ao código de ocupações brasileiras ou outros códigos profissionais, sua função principal é balizar a importância de se manter a competência técnica do profissional, visando, no caso do profissional de Educação Física, uma prestação de serviço com qualidade e eficácia. O técnico esportivo precisa, por força de lei, ser formado em Educação Física e ainda cumprir os itens previstos pelo CONFEF, ressaltando-se as questões asseguradas ao profissional provisionado no quesito de formação universitária.

Ao olhar o campo de formação profissional nas universidades, Taffarel e Cruz (2000), apontam que a formação para esses profissionais de Educação Física ainda é considerada insuficiente para que ele se sinta preparado para atuar no mercado. Um dos motivos apontados pelos autores, refere-se ao fato das Instituições de Ensino Superior não conseguirem acompanhar a velocidade, exigências e necessidades dessa área profissional. Também acompanhando essa linha de raciocínio Oelkê, Raiter e Montagnoli (2010, p. 2) apontam que por ser um curso de formação com culturas disciplinares “tão diversificadas, questiona-se se eles são realmente capazes de proporcionar uma formação profissional de qualidade, isto é, proporcionam uma formação assentada na realidade do mundo do trabalho profissional”.

Para Nunes, Votre e Santos (2012, p.288-289), ainda existem diferenças nos currículos em relação aos conteúdos trabalhados na formação do profissional de Educação Física, que são considerados por eles “caricaturas desse conhecimento”. Dessa forma, ressaltam que se faz necessário olhar de forma mais profunda na construção dos currículos, pois percebe-se que durante a formação não há aprendizagem de tudo, e nem todos aprendem da mesma forma e, portanto, dificulta-

se o caminho a trilhar”. No tocante do pensar o esporte, Pereira e Hunger (2003, p.94), já destacam que;

[...] provavelmente em consequência às críticas acadêmicas geradas na década de 80 acerca do esporte de competição, entende-se que na atualidade este se encontra em pleno desenvolvimento, necessitando de uma atuação profissional que responda às exigências que regem o universo do esporte (administração, marketing e equipe técnica – nutricionista, preparador físico, massagista, psicólogo, técnico, estatístico e auxiliar técnico).

Percebemos um movimento dentro dos cursos para uma aproximação maior entre o que se produz na universidade e a apropriação desses conhecimentos para a utilização no campo de trabalho. Gonçalves, Santos e Martins Júnior (2007), salientam a importância da articulação entre os conhecimentos produzidos e obtidos na formação profissional inicial, com ações pedagógicas para esse profissional, pois entendem que esse profissional bacharel deverá utilizar e adaptar esses conhecimentos em sua prática diária da profissão.

Nunes, Votre e Santos (2012, p. 288), a partir do campo de formação em Educação Física indagam: “[...] Se os cursos são diferentes (licenciatura e bacharelado), como justificar ementas, bibliografias e programas de disciplinas iguais aos cursos?”

A área passou e passa por uma transição; não são somente os currículos que devem ser repensados, mas também a prática na área do esporte, pois ainda alguns grupos profissionais do campo esportivo, se mantem à margem desse desenvolvimento de formação, dando importância aos conhecimentos da sua formação prática e ainda constroem suas relações a partir daquilo que para eles é considerado conhecimento prático, o ritual do processo que se aprende no campo da prática esportiva.

A formação do Bacharel em Educação Física remete, dentre outros, ao campo do esporte⁹, no qual esses profissionais podem buscar a intervenção como técnicos esportivos. Autores como Woodman (1993) e Schwartz (2000), dizem que algumas funções no campo do trabalho estão em extinção, enquanto outras aparecem ou se transformam, porém todas estão em busca de reconhecimento. Entre elas, o técnico

⁹ Aqui, campo do esporte, diz respeito, a tudo relativo ao esporte: da iniciação esportiva ao treinamento especializado, e as relações existentes nesse meio.

esportivo, segundo Meinberg (2002), pode ter uma vida longa, embora ainda seja recente como profissão. O Bacharelado em Educação Física está no grupo das profissões emergentes que estão se estabelecendo entre as outras profissões, de acordo com estudos de Woodman (1993), Faria Júnior (1992), Nascimento (1998), e Wright, Silva e Spers (2010).

A palavra técnico refere-se a alguém que seja especialista, conhecedor, *expert*, ou seja, um técnico esportivo é um especialista da área do esporte. O técnico esportivo ou treinador é peça fundamental no desenvolvimento do treinamento de qualquer modalidade esportiva, independentemente do nível em que trabalha (categoria de base ou rendimento). Para Costa (2012, p.7), esse profissional “atua diretamente sobre os futuros comportamentos esportivos dos jovens, também poderá influenciá-los dentro e fora dos locais de treinamentos e competições”.

Rezende (2006), afirma que a figura do técnico esportivo reporta a alguém que detém um conhecimento específico sobre uma modalidade esportiva, sendo ele o especialista que transita com maior proximidade dos atletas, influenciando no modo de agir e na conduta dos mesmos. Nesse processo de relacionamento ele, na maioria das vezes, assume diferentes papéis, tais como: psicólogo, estrategista, amigo, líder, dentre outros.

Acima explanamos os aspectos referentes à caracterização de uma profissão, por ser importante compreender a razão que levou à ocupação do técnico de rendimento a ser reconhecida legalmente como profissão de técnico esportivo. Nesse sentido, identificamos no mundo à beira da piscina (esporte de resultados e *performance*) a existência de alguns indícios que apontavam para o estabelecimento de um possível deslocamento do sentido instituído no imaginário dos técnicos de natação, sobre a maneira como realizavam sua intervenção profissional.

Para falar em técnico esportivo de natação, todavia, é preciso destacar os acontecimentos que pedem a existência desse profissional. Embora, desde o período colonial, o nado em rios fosse uma prática comum no Brasil, - influenciada pela nossa raiz indígena -, a modalidade de natação só assumiria tal configuração esportiva, com a primeira competição institucionalizada. Os rudimentos para a natação competitiva estão no Campeonato Brasileiro, realizado pela primeira vez em 1898 no Clube de Natação na cidade do Rio de Janeiro, tendo como prova uma travessia de 1.500 metros, realizada entre a Fortaleza de *Villegaignon* até a praia de Santa Luzia, competição esta, que durou até o ano de 1912. A partir de 1932, a natação competitiva

no Brasil passou a revelar novos talentos, que começaram a figurar entre os classificados e finalistas dos Jogos Olímpicos, nomes de pioneiros como Issac Morais, Manuel Vilar, Benevuto Nunes e Manoel Silva conseguem um 7º lugar na Olimpíada de Los Angeles (TRAVINHA, 2015).

Ao olhar a história da natação competitiva no país, pode-se dizer que desde seu início, como modalidade no Brasil, ela apresentava traços de alguma ciência; porém, pode-se inferir que, ela passa a ser de alto rendimento com a participação da Seleção Brasileira, mesmo sem apresentar resultados expressivos, nos Jogos Olímpicos na Bélgica, em 1920. A partir de 1932, nos Jogos Olímpicos de Berlim, Maria Lenk chega às semifinais na prova de 200 metros peito, encantando o mundo com uma nova forma de nadar, que mais tarde viria a ser o nado borboleta (TRAVINHA, 2015).

Os primeiros resultados expressivos alcançados pela natação brasileira, começaram a aparecer nos Jogos de Helsinque em 1952, com a conquista da medalha de bronze na prova de 1.500 metros livre do nadador *Tetsuo Okamoto*; e na Finlândia também no mesmo ano com Manuel Santos. Depois em Roma em 1960, Manoel Santos foi medalhista de bronze na prova de 100 metros livre, e se torna recordista mundial em 1961. Já em 1968, José Sylvio Fiolo, tendo como técnico o professor Roberto Carvalho Pável, supera o recorde mundial nos 100 metros nado peito, e conquista duas medalhas de ouro e cinco de bronze nos Jogos Pan-americanos (TRAVINHA, 2015).

Pode-se dizer que uma nova geração de nadadores começa a aparecer na década de 1970, período em que também a ciência passa a ser mais conhecida por uma parcela maior de técnicos. Nomes como Jorge Fernandes e Djan Madruga aparecem nas conquistas de medalhas em Jogos Pan-americanos, e garantem uma medalha de bronze na Olimpíada de Moscou, os dois compondo o revezamento os dois, juntamente com Marcus Mattioli e Cyro Delgado em 1980. Mas, o destaque maior até então, fica por conta do nadador Ricardo Prado que, em 1982, no Mundial de Guayaquil, bate o recorde mundial da prova dos 400 metros medley. Outro feito realizado pelo atleta reporta a 1984, em Los Angeles, onde conquistou a medalha de prata (TRAVINHA, 2015).

É importante destacar, que não foram somente os resultados conseguidos pelo nadador que fizeram dele uma referência na natação, quando se falava sobre alto rendimento e seus resultados de excelência, na verdade seus resultados foram

respostas à decisão que tomou aos 15 anos (em 1980) ao ir morar e estudar nos Estados Unidos, como condição esta para poder realizar seu treinamento e, em consequência, estar em contato com os melhores técnicos e atletas da natação mundial.

As condições em que Ricardo Prado realizou seu treinamento, e seus feitos, colocaram os técnicos da natação brasileira de alto rendimento diante de uma situação que não lhes era familiar: a parceria da natação com a universidade, e a utilização dos conhecimentos científicos por ela produzidos na elaboração da planificação do treinamento.

Pode-se dizer que Ricardo Prado, simbolicamente foi limiar ultrapassado pela natação de competição, para ingressar no mundo da natação de alto rendimento, na medida em que a primeira era desenvolvida basicamente de forma empírica, e a segunda baseada no conhecimento científico, tendo como aspecto norteador a elaboração do processo de treino de um nadador voltado ao alto rendimento.

Por outro lado, as evidências identificadas, o aumento do número de atletas nos jogos e os resultados expressivos, apontam que esses resultados e a condição de Ricardo Prado eram muito mais fruto da persistência e esforço individual do atleta, dos treinadores¹⁰ e familiares, do que uma política esportiva do país. Ressalta-se que a intervenção profissional realizada pelos técnicos àquela época, era orientada, na maioria significativa das vezes, pelos princípios relativos aos ensaios de erros e acertos, das experiências compartilhadas com seus pares à beira da piscina e do contato que mantinham com alguns materiais teóricos que apresentavam inovações no campo da preparação técnica, que lhes chegavam às mãos, e em literaturas de língua estrangeira.

O Brasil passou por um momento histórico no campo esportivo, em razão de ter sediado os Jogos Olímpicos em 2016. Diante desse cenário, o esporte foi colocado no centro dos palcos social, econômico e político do país. Das modalidades esportivas que foram disputadas nos Jogos Olímpicos, a natação aparecia como uma das grandes forças, ainda que os resultados esperados não aconteceram.

Atualmente a natação brasileira, via CBDA, vem passando por um processo de reestruturação técnica e administrativa. Esse processo de reestruturação delineia um

¹⁰ Terminologia utilizada nos Estados Unidos da América do Norte (hegemônico na natação) que servia de espelho para a natação brasileira.

dos pontos a ser trabalhado, a capacitação dos técnicos de forma mais eficiente e que potencialize uma melhora significativa nos resultados de seus atletas. Os resultados negativos da natação, considerado pelos envolvidos na Olimpíada, estão sendo repensados e mudanças estratégicas devem acontecer a partir da renovação da presidência da CBDA, visto que Coaracy Nunes Filho, deixou o cargo após 28 anos como Presidente da instituição.

A Natação, junto com a modalidade de Atletismo e Ginástica Olímpica fez parte do Programa do Comitê Olímpico do Brasil (COB), por meio de seu Departamento de Educação, o Instituto Olímpico Brasileiro (IOB), o qual entregou para 85 profissionais a certificação de conclusão da primeira turma da Academia Brasileira de Treinadores (ABT). Esse curso teve a finalidade de capacitação com o objetivo de complementar, por meio de atividades educacionais, a formação profissional de treinadores do esporte de alto rendimento e do esporte de base do Brasil, de forma a contribuir para a conquista de resultados no esporte olímpico (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2013).

O Instituto Olímpico Brasileiro (IOB) é o departamento de Educação do COB para o esporte olímpico. O seu objetivo maior é gerar e difundir conhecimento, ao promover uma formação profissional de alta qualidade por meio de programas de capacitação e desenvolvimento. Em cursos, seminários, congressos e demais eventos acadêmicos e científicos, o IOB pretende contribuir de forma significativa para o amadurecimento do esporte nacional de alto rendimento (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2013).

Percebe-se que existe uma preocupação por parte dos dirigentes brasileiros por capacitação profissional que dialogue com os conhecimentos científicos utilizados no mundo do esporte. Isso fica evidente no discurso do técnico de Ginástica Olímpica Marcos Goto que diz: ***“Um curso deste nível faz toda a diferença. Aliar a parte acadêmica ao esporte é muito importante. Foi um grande esforço. Mas para adquirir conhecimento muitas vezes temos que abrir mão de certas coisas. E, principalmente, se você quer treinar um atleta de alto nível, você tem que estudar”*** (id).

A natação brasileira, na área técnica, vem evoluindo constantemente e, cada vez mais, é notória e necessária a utilização dos conhecimentos científicos nessa área como grande aliado para o desenvolvimento da modalidade esportiva. Conhecimentos

produzidos por áreas distintas, estão, com frequência, sendo utilizados para ajustes e melhoria na *performance* individual do atleta, vide o caso da natação brasileira com a incorporação de fisiologistas, biomecânicos, médicos do esporte, psicólogos, entre outros profissionais que compõem o quadro nacional nos últimos 10 anos, objetivando melhores resultados para os atletas em busca de medalhas olímpicas, demonstrando uma preocupação referente a responsabilidade da área de não ficar esperando resultados isolados, geralmente, ocorridos pelo acaso ou pela sorte, mas sim, pela incorporação de um quadro técnico possuidor de conhecimentos específicos para o processo.

Dessa maneira, traçar um paralelo entre a função do técnico de natação no mercado de trabalho e a posição que tal ocupa em relação a sua responsabilidade, é interessante no que diz respeito ao seu papel na sociedade. Lopes (2005), aponta que a realidade do modelo de recrutamento no futebol, ocorria pela “passagem de ex-jogador à função de técnico”, e na natação competitiva isso não é diferente.

É comum perceber que no mundo à beira da piscina, a maioria dos técnicos esportivos foram atletas em nível regional, estadual, nacional e internacional e se encaminharam para a profissão de técnico esportivo com esse “carimbo”, ou seja, muitos acreditam ser fundamental ter tido a experiência prática (ter vivido na água), para criar um elo com seus nadadores, sugerindo assim, que esse pré-requisito os aproxima de seus atletas, pois eles sabem exatamente o que o seu atleta sente antes, durante ou depois de uma prova.

É importante o equilíbrio no processo de formação, e não estamos aqui dizendo que a experiência prática não seja válida, mas sim, apontamos que utilizá-la somente como balizador da prática profissional não pode ser uma ação profissional. Dessa maneira, não se pode apoiar somente no conhecimento prático, ou somente nos conhecimentos adquiridos em cursos pontuais sobre treinamento ou natação competitiva. Mas, é necessário mergulhar em todo o processo de formação que constitui o universo profissional desse técnico, para também verificar qual é o papel da universidade nessa relação.

O profissional da natação (técnico) deve aliar múltiplos conhecimentos para que sua prática seja efetivamente pautada por decisões fundamentadas e planejamentos de treinamento consistentes. Lopes (2005, p.19), aponta que “a qualificação profissional deste indivíduo deve ter um peso significativo (difícil de mensurar) para a produção de atletas e equipes dirigidas por ele”.

Como mencionei anteriormente, vivenciei o contexto à beira da piscina por longo tempo como técnica principal de equipe de natação, obtendo resultados expressivos em nível regional, estadual e nacional, mas ressalto que grande parte dos resultados foi conseguida utilizando conhecimentos de senso comum, produzidos pelos técnicos na própria beira da piscina aliados a conhecimentos obtidos em cursos específicos. Ao passar a olhar o campo do treinamento de alto rendimento do ponto de vista da universidade e a produção científica por ela produzida, constatei como ainda é grande o fosso existente entre o mundo da beira da piscina e o mundo científico da universidade: dois mundos, que em geral, não conversam, pelo contrário, tendem a se afastar.

Diante do cenário apresentado, passei a refletir sobre alguns aspectos que poderiam acontecer à beira da piscina e, partindo do princípio que a maioria dos técnicos de natação optou por essa profissão, em função de suas experiências como ex-nadadores de rendimento e de alto rendimento, e que, ao longo do processo de consolidação de suas vidas como técnicos, vivenciaram poucas experiências no campo do esporte de rendimento fora do mundo da natação.

Acredito que muito pouco mudou nos sentidos instituídos em seus imaginários sobre a natação e o ser técnico de natação, o que nos autoriza a fazer a seguinte pergunta à realidade do mundo à beira da piscina: Quais são as representações sociais instituídas pelos técnicos de natação paranaense sobre sua própria formação profissional? Para tal, algumas questões norteadoras foram necessárias para dar corpo à questão central. Dessa maneira, a partir dos discursos de nossos atores: os técnicos de natação paranaense; procuro desvelar suas representações no sentido de buscar entendimento de como se deu a sua formação para ser técnico.

Considerando este cenário, a pesquisa se justifica porque de maneira geral, estudos evidenciam que o processo de construção profissional ainda é influenciado pela prática diária decorrente de um processo que se inicia na relação de atleta e depois a transferência para o campo profissional dessas experiências práticas vivenciadas. Outro ponto diz respeito aos poucos estudos que discutem a formação profissional do técnico de natação.

Encontramos nos trabalhos de Simão (1998); Lima (2001); Maturelli Jr. (2002); Scheemp (2003); Pereira e Hunger (2003); Lopes (2005); Ergland, Nascimento e Both (2009); Duarte (2009); Costa (2012); Talomani (2012, 2013); Trudel, Culver e Wethner (2013); Brasil, Ramos e Nascimento (2015) e Pinho e Ramos Filho (2016) pesquisas

que destacam formação profissional de treinadores esportivos no campo do futebol, voleibol, basquetebol relacionando-as com discussões de competências e habilidades, perfil de liderança, aprendizagem profissional organizada. Identificamos somente 1 na área de natação proposto por Oliveira, Rodrigues e Falcão (2016) que remete ao perfil profissional do treinador de natação brasileiro das categorias infantil e juvenil. Discussões sobre a própria formação profissional e principalmente de técnicos de natação são escassas.

A pesquisa está ancorada nas seguintes temáticas: Representações Sociais, Formação Profissional, Esporte de Rendimento e Técnicos de Natação. Pode-se dizer que essas representações dos técnicos de natação foram adquiridas a partir da experiência pessoal e coletiva deles durante sua vida profissional. Moscovici (1978), destaca que as representações são o conjunto de explicações, conceitos, proposições que se originam da vida cotidiana dos indivíduos, elas são na sociedade os mitos, crenças, sistemas de valores da sociedade tradicional, podendo ser vistas sob o olhar do senso comum.

Sendo assim, talvez no mundo à beira da piscina esses profissionais ratificam que o conhecimento produzido nele, as conversas, os cursos de pequena duração, constituem-se em elementos que dão embasamento para essa formação e que os conhecimentos produzidos nas universidades ajudam pouco nesse processo.

Nesse sentido, o objetivo dessa investigação foi identificar as representações sociais instituídas no imaginário dos técnicos de natação paranaense sobre o processo de sua própria formação profissional, buscando identificar os sentidos dados a esse processo de formação por meio dos seus discursos. A fim de realizar a pesquisa proposta, e como desdobramento do objetivo geral, elegemos uma pergunta deflagradora: “O que te levou a ser técnico de natação?” E trabalhamos com as seguintes questões a serem verificadas:

- Papel da formação inicial/universidade na formação do técnico de natação;
- Relação do conhecimento reificado com o conhecimento do técnico de natação;
- Identificação do técnico competente, e competências necessárias para ser técnico de natação;
- O papel do conhecimento científico na formação do técnico de natação;
- Onde aprendeu a ser técnico de natação;

- Forma de apropriação dos conhecimentos necessários para ser técnico de natação;
- Diferenças entre o técnico de natação ter sido atleta e não ter sido atleta;
- Posição em relação à formação do técnico de natação no Brasil.

Essas questões foram a motivação principal, pois me incomodavam e, antes da fase de seleção, já tomavam “forma”. Assim, elas me fizeram retornar para a aproximação do campo da piscina, já influenciada pelo olhar mais plural da área, por outras leituras e discussões propiciadas pelo fazer didático pedagógico que é exigido nas relações travadas entre aluno e professora na sala de aula, e, principalmente pelo ingresso ao Grupo de Estudo sobre Representações Sociais, Imaginário, Memória e Formação e Intervenção Profissional - GERIS do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Estudos do Movimento Humano (EMH) da Universidade Estadual de Londrina, que considero como um divisor de águas, pois, para o estabelecimento de outro foco de interesse pela área adveio da experiência vivenciada junto a esse grupo de estudos¹¹, que desenvolve suas investigações tomando por base as práticas pedagógicas construídas por docentes. Dessa forma, a experiência acadêmica propiciada pelo grupo possibilitou a busca de formação complementar, ampliando o olhar de mundo sobre as diversas temáticas que se aproximavam da Educação Física e, até mesmo, as que fossem distantes dela.

A tese construída, porta indícios de que as teias de relações produzidas no campo relativo à formação profissional do técnico de natação de rendimento do Paraná, basicamente foram forjados empiricamente. A apropriação dos conhecimentos específicos, *expertise*, necessários à intervenção profissional do técnico de natação se dá ao longo da produção de seus processos interdiscursivos assentados nas experiências vividas/vivenciadas ao longo das competições.

De forma geral, apontamos que essa pesquisa pode ser importante no que diz respeito à dinâmica utilizada durante as entrevistas, considerando que a materialização dos discursos produzidos pelos atores sociais, apontam indícios de

¹¹ Sobre a formação desse grupo de estudo, Cf. FOGAGNOLI, A. H.; PIRES, A. G. M. G.; SILVA, M. C. O grupo de pesquisa no curso de formação de professores de educação física: a (re)significação da iniciação científica. **Nuances**: estudos sobre a educação. Presidente Prudente, SP: ano XIV, v.15, n.16, p.65 - 79, jan./dez., 2008. Disponível em: revista.fct.unesp.br/ojs/index.php/Nuances/article/viewFile/177/247. Acesso em:15/04/2009.

representações que se manifestam simbolicamente, assegurando à pesquisadora um mergulho mais radical nos discursos produzidos pelos atores sociais da nataçãõ.

2. (DES)CAMINHOS: A CONSTRUÇÃO DAS TRILHAS

METODOLÓGICAS

A construção de um percurso metodológico enquanto prática de produção de conhecimento, não deve se pautar em somente delinear rigorosos caminhos inflexíveis para se chegar ao resultado final. Considerando essa premissa, apresentamos as trilhas que foram orientadoras para o desenvolvimento desta tese, e a forma como a produção científica do conhecimento foi configurada como uma prática produzida historicamente, na qual sua estrutura foi assentada no estabelecimento de relações que envolveram a pesquisadora e o objeto de estudo.

O processo metodológico de uma pesquisa deve apresentar quais foram os caminhos percorridos no decorrer do processo, bem como apresentar toda a dinamicidade e complexidade que foram exigidas para construí-lo, levando em consideração os obstáculos epistemológicos que tendem a aparecer no trilhar da pesquisa e de que forma eles foram superados.

Usamos o termo obstáculos epistemológicos proposto por Bachelard (1996, p. 17), o qual aponta que o “ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização”. Essa evolução (des)contínuo do fazer científico me levou à ruptura daquele olhar de técnica de nataçãõ, que me remete ao local onde construí minha carreira profissional e exige que, nesse processo de ruptura e superaçãõ, eu consiga fazer a transposiçãõ de meu olhar sobre o objeto da pesquisa para então poder deixar emergir a pesquisadora. Desta maneira, a partir da própria experiênciã profissional como ex-técnica de nataçãõ questões, sobre a formaçãõ profissional do técnico passaram a ser o mote principal para definir o *lõcus* da pesquisa.

Ao longo desse caminho, temos claro que mesmo tentando evitar desacertos nesse percurso, nos deparamos com alguns obstáculos metodológicos, pois, na tentativa de organização e apropriação do objeto pesquisado para atender aos objetivos da pesquisa, eles de certo modo tangenciaram as ações do processo, desde a construção do piloto até as coletas finais, partindo do tratamento até o confronto dos dados. É importante pontuar que, conforme os obstáculos iam surgindo, apresentamos as maneiras como nos deparamos com eles e principalmente como tentamos superá-los, condição determinante para finalização desta tese.

As experiências de que falo, foram estabelecidas ao longo de minha intervenção profissional, numa teia de relações construída entre os técnicos de natação nesse processo. Dessa maneira, existem ações, atitudes, maneiras de agir, que só compreende quem faz parte desse grupo de atores sociais.

Nesse sentido, concordando com Jovchelovitch (2000), as representações são construídas pelos atores sociais (os técnicos de natação), de modo que os mesmos se apropriam e se familiarizam delas atribuindo então um determinado sentido. A partir desse processo interacional na vida cotidiana dos atores, eles tendem a tecer teias de sentidos que são organizadas pelas suas representações sociais. A autora diz que os atores sociais, “[...] constroem e organizam campos representacionais, eles o fazem de forma a dar sentido à realidade, a apropriá-la e interpretá-la” (p. 176-177).

Pode-se dizer que, essas representações foram adquiridas a partir da experiência pessoal e coletiva dos técnicos de natação durante sua vida profissional. Essas representações para Moscovici (2005), são o conjunto de explicações, conceitos, proposições que se originam da vida cotidiana dos indivíduos, e elas são, na sociedade os mitos, as crenças, os sistemas de valores da sociedade tradicional, podendo ser vista sob o olhar do senso comum.

De acordo com Ludke e André (1986), a representação social instituída no imaginário de parte dos pesquisadores do campo social refere-se ao sentido de que pesquisar significa procurar respostas para inquietações e indagações propostas pelo pesquisador e que emergem da realidade social. Ainda para as autoras (p. 1), a condição necessária para se viabilizar um projeto de pesquisa é “[...] promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”.

Considerando como objeto de estudo o processo de formação profissional do técnico de natação, optamos por olhá-lo por meio de uma lente que pudesse nos

propiciar desenhos singulares sobre todo o processo. E, em relação a nossa opção metodológica, as trilhas eleitas que constituíram o desenho da tese possuem como princípios norteadores ser uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter exploratório com traços de pesquisa participante.

Ao pensar no desenvolvimento da tese, considerando o objeto escolhido, nos orientamos pela realidade histórico-social construída pelos atores no campo investigativo: à beira da piscina. Buscamos focar nosso olhar na identificação de como eles produzem sua realidade social, a partir das teias de relações que tecem no seu cotidiano profissional. Consideramos a teoria das Representações Sociais importante, pois nos propiciou condições teóricas básicas para compreendermos o objeto da pesquisa. A interpretação do objeto estudado, tanto a produção de conhecimento, como os significados de suas práticas profissionais remeteram a um forte potencial para fazer emergir os sentidos das interpretações dos nossos atores.

De acordo com Gil (2006), a pesquisa tem o propósito de estudar certas características de um grupo específico: os técnicos de natação, pois acredita-se que seja possível identificar os conhecimentos produzidos por eles acerca do campo em que estão inseridos. Por conseguinte, ela possibilita conhecer, se aproximar dos valores, temores e crenças construídos por eles a respeito de sua formação profissional.

Tomando como referencial o discurso elaborado por Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), em relação ao entendimento de pesquisa qualitativa, ressaltamos que esse tipo de pesquisa se processa por um detalhamento do objeto de estudo, possibilitando descrever o contexto onde ocorre ou ocorreu à pesquisa, desde a seleção dos atores, os procedimentos adotados pelos pesquisadores, bem como, a coleta e análise de dados.

A condição de pesquisadora/técnica reporta à ideia de uma pesquisa marcada por traços de uma pesquisa participante, pois a minha condição de técnica implica em compromisso com minhas vivências profissionais da época. Neste sentido, é inegável a existência de uma cumplicidade entre esta pesquisadora e os atores sociais deste estudo. Assim, ratificando Faerman (2014, p. 49-50), entendemos que a pesquisa participante;

[...] requer uma opção relacionada à cumplicidade entre pesquisador e sujeito pesquisado; para realizá-la, é necessário ter como ponto de

partida a clareza de que os sujeitos podem efetivamente ser parceiros, contribuindo para a construção do conhecimento no espaço da pesquisa. Essa opção contrapõe-se à ideia de que os sujeitos são meros informantes, cuja participação se reduz à tão somente transmissão de informações. produção do conhecimento na pesquisa participante não se faz de modo isolado do sujeito, mas em presença e implica num compromisso efetivo com suas vivências e necessidades sociais cotidianas.

Portanto, o fato de ter sido técnica de natação no estado do Paraná, a convivência diária à beira da piscina na maior parte de minha vida profissional até entrar efetivamente na docência universitária, me possibilitou o compartilhamento de algumas ideias formadas nas conversas, cursos, competições, viagens, permitindo, como pesquisadora participante ter vivenciado esse ambiente que foi potencialmente favorecedor à compreensão do objeto.

Um dos princípios importantes de uma pesquisa exploratória, é que ela seja orientada por uma espécie de necessidade voltada ao ato de provocar o esclarecimento de uma situação com o objetivo de se concretizar uma tomada de consciência (CHIZOTTI, 1995). Ampliando esse olhar Gonsalves (2007), declara que a pesquisa exploratória se caracteriza por possibilitar condições para esclarecimento de ideias, apresentando então, uma visão geral sobre o fenômeno estudado.

Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1999, p.161), apontam que após o acesso ao campo investigativo, seu principal objetivo “é proporcionar, através da imersão do pesquisador no contexto, uma visão geral do problema considerando, contribuindo para a focalização das questões e a identificação dos informantes e outras fontes de dados”.

As representações sociais são construções simbólicas e se manifestam por meio de discursos produzidos pelos atores sociais, e essas representações são produzidas nas interações tecidas com outros sujeitos do grupo no processo de construção de seu cotidiano. Considerando seu aspecto simbólico elaborado com o objetivo de transformar o não-familiar em algo familiar, e que esse processo se manifesta por meio dos discursos dos sujeitos de um grupo, é possível justificar, por si só, que a utilização da análise de discurso como técnica fez emergir os sentidos das representações sociais instituídas no imaginário dos técnicos de natação do Paraná, envolvidos na pesquisa.

Portanto, a opção por lançarmos mão da análise de discurso como técnica de interpretação dos sentidos, se apoia na fala de Eni Orlandi (1996), quando afirma que

é através do discurso que “melhor se compreende a relação entre linguagem/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação” (p.12). Ora, as representações também são elaboradas partindo desse princípio, as relações estabelecidas pelos sujeitos como algo de seu cotidiano que não lhe é familiar. Assim, na própria relação com o mundo, ele elabora um sentido que torne familiar aquilo que não lhe é familiar.

Os caminhos que foram trilhados na busca da identificação das representações sociais sobre formação profissional, tomam a análise do discurso como opção tendo como ponto central que “[...] qualquer análise da linguagem implica considerá-la como produto histórico de uma coletividade”, onde essa linguagem se faz reproduzir por meio “[...] dos significados das palavras [...] reproduz uma visão de mundo”, de acordo com Lane (2004, p.32).

Deste modo, fizemos uso dos princípios teórico-metodológicos da análise do discurso, enquanto uma ferramenta, que possibilitou compreender as representações sociais produzidos pelos técnicos de natação. A representação da realidade dos técnicos, o cotidiano à beira da piscina é permeado por vários sentidos simbólicos e, a partir deles, a análise do discurso nos permitiu uma aproximação com a linguagem produzida pelos técnicos, uma vez que “o discurso é a prática da linguagem e concebe-a como a intermediação entre o homem e a realidade social”, segundo Piovesan *et al.* (2006, p.2).

Portanto, a análise do discurso como ferramenta, nos permitiu fazer emergir os sentidos das representações dos técnicos de natação, e para a interpretação dos discursos, tomamos como base os dados considerados relevantes na estrutura discursiva, pois o texto é para a análise do discurso sua própria materialidade, a estruturação física dele. Sob essa perspectiva, para apresentar a interpretação dos discursos produzidos (seus sentidos) que foram coletados junto aos atores sociais, adotamos o discurso como objeto e o texto como unidade, pois ao utilizarmos essa técnica, tivemos como objetivo analisar as perspectivas do plano discursivo dos atores, a maneira como ele se constrói, no que diz respeito às relações sociais construídas entre seus pares.

Buscamos então, a materialidade do discurso dos técnicos de natação em relação à concepção sobre sua formação profissional. Sobre esse aspecto Rizutti (1999, p.56) diz que;

[...] a análise do discurso vai além da superfície discursiva ou das formas de funcionamento da língua, trabalhando com questões enunciativas mais profundas. Seu principal contraponto com a linguística está na “historicidade discursiva”, ou seja, o analista deve questionar os processos de produção que estão implícitos no discurso analisado, identificando que o sujeito fala de determinado lugar social e, portanto, possui interesses individuais e coletivos.

Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2006, p.16), apontam a ideia de que o discurso “é efeito de sentidos entre quem fala e quem recebe a mensagem, sendo que tanto os locutores quanto a própria informação em si são diretamente afetadas pelas condições de produção do discurso”. Eles ainda dizem que se deve procurar no texto a sua discursividade, entender a forma como o discurso é compreendido por eles e por quem ouve.

Chamamos a atenção para o fato de não tomarmos as palavras soltas, pois embora tenha vocação para tornarem-se texto, a base teórica da análise do discurso nos alerta que elas não portam significados em si. Nessa linha de raciocínio, Orlandi (1996, p. 111), afirma que “é o texto que significa. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa”.

Para Orlandi (2005), a língua só faz sentido enquanto um trabalho simbólico, que faz parte da constituição do homem e de sua história. Então, ela aponta que a linguagem deve ser entendida como uma mediação que é necessária entre o homem e a realidade que o cerca. Piovesan *et al.* (2006, p.3) afirmam que:

Ao constituir o discurso como seu objeto, a AD relaciona a linguagem à sua exterioridade: não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com homens expressando-se oralmente e por escrito, falando produzindo sentidos, enquanto sujeitos e enquanto membros da sociedade.

São esses sentidos que estão sempre em evolução e inacabados que resultam nas relações de poder, as quais estão imbricadas em todos os segmentos da sociedade e das relações humanas. Dessa forma, podemos inferir que a construção dos sentidos acontece a partir do lugar onde a fala dos atores é constituída, no nosso caso à beira da piscina. E isso é fundamental, porque a linguagem só é linguagem porque possui um sentido, e esse sentido só aparece porque está inscrito na história, como aponta Orlandi (2005, p.32);

[...] o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. [...] o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.

Portanto, ao mergulhar nos discursos buscamos os sentidos de uma representação social de nossos atores sociais, no caso, os técnicos de natação. Esse mergulho possibilitou extrair dos atores suas dúvidas e certezas, anseios e expectativas, suas opiniões e, por meio dele, emergir as representações dos técnicos sobre sua própria formação profissional. Segundo Orlandi (2005), é por meio da análise do discurso que a língua encontra seu verdadeiro sentido simbólico, e é nesse simbólico que se encontram as representações sociais do grupo.

É importante ressaltar, que na análise do discurso não se atravessa o texto, a fim de extrair dele um conteúdo, mas sim, utiliza-se de sua materialidade discursiva para “[...] compreender como os sentidos – e os sujeitos – neles se constituem, interlocutores, com efeitos de sentidos filiados às redes de significação”, dessa maneira, na análise do discurso se trabalha “com os processos de constituição (dos sujeitos e dos sentidos)”, de acordo com a autora supracitada (2001, p. 90).

Optamos também a partir das representações sociais utilizarmos, a abordagem estrutural das representações sociais, a teoria do núcleo central proposta por *Jean-Claude Abric* em 1976, em que ele sustenta que toda representação social está organizada em torno de um núcleo central e de um sistema periférico. O núcleo central revela a memória coletiva de um grupo pesquisado, sendo ele que dá significação e consistência a representação social. Dessa maneira, o núcleo central é estável e sempre resiste a mudanças.

Abric (1998, 2003), desenvolve sua teoria, apontando a organização e a constituição da representação social, onde apresenta diversos elementos ao redor do núcleo central, que lhe confere significado. Tem como foco sua gênese, e apresenta dois mecanismos que vem a formar as representações encontradas. São elas: a ancoragem e a objetivação, nas quais segundo Marcondes e Souza (2003, p.2), se “encontram em relação dialética e que permitem a construção de um núcleo figurativo que se apresenta com uma estrutura figurativa e simbólica”.

A ancoragem remete ao processo de classificação e de rotulação, e implica no estabelecimento de uma rede de significações em torno do objeto estudado, nos quais relacionam seus valores com as práticas sociais que são partilhadas pelo grupo. A

objetivação exprime as noções e informações sobre o objeto que são filtradas. Contudo, ressaltamos que tanto a ancoragem como a objetivação não se desenvolvem em momentos diferentes, elas ocorrem simultaneamente, se inter-relacionando, dando então sentido as representações sociais. Moscovici diz que:

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro; está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (2005, p. 78).

A abordagem estrutural proposta por Abric que contém o núcleo central e o sistema periférico, procura conhecer os processos de formação relacionando a representação social com o objetivo, no qual busca relacionar condições sociais de produção com suas práticas sociais. Dessa maneira, desenvolve a noção de núcleo central, pois ele entende que uma representação social é definida por suas informações e atitudes e por uma estrutura interna que é organizada hierarquicamente, entre os elementos que a constitui.

Portanto, para Abric, todas as representações sociais são organizadas em torno de um sistema central, por que;

[...] em todo pensamento social, uma certa quantidade de crenças, coletivamente produzidas e historicamente determinadas, não podem ser questionadas, posto que elas são o fundamento dos modos de vida e garantem a identidade e a permanência de um grupo social (2003, p. 39).

Ele ainda fala que o núcleo central se refere à memória coletiva do grupo e que ela é consensual, estável, rígida, resistente a mudanças e possui pouca acessibilidade ao contexto atual, sendo esse núcleo determinado pela natureza do objeto. O autor parte da teoria de que o núcleo central se articula em torno da hipótese e que “[...] toda representação se organiza em torno de um núcleo central”. Esse núcleo passa a ser o elemento fundamental para a representação, pois é ele quem vai determinar a sua significação e sua organização, ao mesmo tempo (ABRIC, 1998, p. 162). Para ele, é o núcleo central que assegura duas funções essenciais nesse processo:

Uma função geradora é o elemento pelo qual se cria ou se transforma a significação dos outros elementos constitutivos da representação. É aquilo por meio do qual esses elementos ganham um sentido, uma valência;

Uma função organizadora: é o núcleo central que determina a natureza dos vínculos que unem entre si os elementos da representação. É, neste sentido, o elemento unificador e estabilizador da representação.

No que diz respeito a realizar a estruturação de uma representação Campos (2013, p.21-22), aponta que;

[...] as representações são regidas por um duplo sistema: o sistema central, vinculado às questões históricas, sociológicas e ideológicas, sendo também ligados a normas e aos valores oficiais, e define a organização e o significado da representação; e o sistema periférico, ligado ao contexto imediato, à história pessoal do indivíduo e que permite a adaptação da representação às mudanças conjeturais [...].

Ainda segundo Abric (1998), o núcleo central é responsável pela geração do significado da representação, determinando sua organização, por isso ele a estabiliza. Portanto, pode-se afirmar que representações sociais diferentes possuem núcleos centrais também diferentes. A característica dele é ser inflexível, duro, resistente à mudanças e se constitui por um ou mais elementos. Esses elementos são denominados por ele como sistema periférico, cuja função principal é proteger o núcleo central. Ele por ser mais flexível e mais permeável, permite que se tenha diferenças de conteúdo, pois é por meio das periferias que as representações surgem no cotidiano dos grupos.

Assim é, “[...] através da periferia que as representações aparecem no cotidiano e é por meio da relação dialética que estabelece com o núcleo central que este pode ser compreendido. Uma transformação do núcleo central tem sempre início na periferia” (ABRIC, 1998, p. 17). Para Flament (1994), toda transformação de um núcleo central também se inicia sempre pelas periferias.

Sá (1996, p. 22), aponta que muitas coisas utilizadas na pesquisa empírica podem ter algumas contradições no que se refere ao nível conceitual, porém elas são “satisfatoriamente explicados pela teoria do núcleo central”. Ele ainda aponta que a utilização do núcleo central e sistemas periféricos podem ser considerados uma solução teórica. Ainda afirma que:

O problema fundamental que a teoria do núcleo central pretende resolver coloca-se nos seguintes termos: as representações sociais apresentam duas características amplamente constatadas, mas aparentemente contraditórias, cuja evocação é sempre desconcertante para os estudiosos do campo, que não podem fazer outra coisa senão admiti-las. São elas as seguintes, segundo Abric (1994b): "as representações são ao mesmo tempo estáveis e móveis, rígidas e flexíveis" (p.77); e "as representações são consensuais, mas também marcadas por fortes diferenças interindividuais" (p.78) (SÁ, 1996, p. 25).

Para a Teoria das Representações Sociais, o ator social é a pessoa mais importante do processo. Arruda (2009), assinala que esse sujeito, ator social, nunca pode ser considerado uma tábula rasa ou um mero colaborador, pelo contrário, deve ser visto pelo pesquisador como aquela pessoa que constrói sua própria realidade, mas principalmente a pessoa que se constrói nessa mesma realidade. Alves-Mazzotti (1994, p.22-23), menciona que o ator social "não reproduz passivamente um objeto dado, mas de certa forma, o reconstrói e, ao fazê-lo se constitui como sujeito, pois, ao apreendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social e material [...]".

Então, segundo Moscovici, as representações sociais se caracterizam como trocas simbólicas que se desenvolvem nos ambientes sociais, segundo as teias de relações construídas em suas relações interpessoais. Elas vão influenciar na construção do conhecimento produzido por eles e que é partilhado no grupo. Essas representações se comunicam, são dinâmicas e principalmente refletem o modo de pensar e agir; elas organizam o modo de ver a vida pelo grupo.

2.1 A ESTRUTURAÇÃO DO PERCURSO INVESTIGATIVO

A metodologia adotada na investigação tomou como referencial o objeto de estudo: a formação profissional dos técnicos paranaenses. Então, no desenvolvimento da pesquisa focamos nosso olhar na maneira como os técnicos de natação produzem sua realidade social a partir de sua formação. Essa é uma condição determinante e objetiva para   compreensão dos sentidos das representações sociais da formação profissional instituída em seu imaginário.

A utilização da Teoria das Representações Sociais nos foi útil na medida em que pode proporcionar condições teóricas básicas para que se compreendesse o objeto do estudo. E, na tentativa de um possível afastamento de uma fragilização metodológica, uma das providências tomadas se refere ao processo de eleição das trilhas que foram percorridas no decorrer da construção da tese.

Enfim, a partir do momento em que foi definida a natureza da pesquisa e a metodologia; optou-se por percorrer essas trilhas, assumindo o risco de nos depararmos com situações e/ou problemas que possivelmente poderiam desfocar do objeto da pesquisa. Temos consciência dos riscos da opção metodológica, pois ao escolhermos por percorrer trilhas desconhecidas onde poderíamos encontrar percalços, que por muitas vezes poderiam nos levar a pistas erradas do processo de pesquisa.

Dessa forma, como objetivo central do trabalho buscou-se identificar como está instituída no imaginário social dos técnicos de natação paranaense a construção de sua formação profissional. Para se buscar essas representações, foi necessário utilizar algumas questões norteadoras para complementar à questão central do estudo, pois elas vão se formando ao longo da pesquisa realizada.

No processo da construção do instrumento de pesquisa, apontamos os obstáculos que foram superados pela pesquisadora, tomando como referência a noção de obstáculos epistemológicos de Bachelard (1996), que são inerentes ao processo de conhecimento. Eles se caracterizaram como os entraves para a construção científica. Muitas vezes, o conhecimento do senso comum pode ser um obstáculo ao conhecimento científico, e ainda para o autor (1996, p.56), é tido como um “[...] erro grave pensar que o conhecimento empírico pode ficar no plano do conhecimento meramente assertivo, limitando-se à simples afirmação de fatos”. Já Lecoutr (1980, p.26), criticando os obstáculos aponta que eles “preenchem a ruptura entre o conhecimento comum e o conhecimento científico e restabelece a continuidade ameaçada pelo progresso do conhecimento científico”.

Ancorada no pensamento de Bachelard, esses obstáculos revelam à minha própria formação do período de técnica, por entender que nesse processo muitas vezes os conhecimentos sobre a minha própria formação profissional foram impeditivos para o diálogo necessário com o processo científico do trabalho. Dessa forma, ao longo da estruturação do pré-piloto e piloto os obstáculos vivenciados foram sendo superados.

O primeiro obstáculo identificado foi à necessidade de desconstrução-ruptura, descolamento de minha visão de mundo sobre o mundo da natação e de minha prática profissional enquanto técnica. Desse modo, a primeira delas estava apoiada na experiência da técnica de natação, que no processo inicial da constru o da pesquisa dificultou a aprendizagem para olhar o objeto pela lente da ciência. Meu cotidiano   beira da piscina, foi construído durante 16 anos de experiência, propiciando um olhar que destaca o campo do senso comum algumas vezes, e que traz à tona práticas construídas e vivenciadas em meu dia a dia, e partilhadas com meus pares   beira da piscina.

Outro obstáculo refere-se   constru o das conversas, onde a preocupa o principal concerne ao comportamento da pesquisadora, ou seja, era ficar atenta para não assujeitar o ator social, devido também,   experiência de técnica também.

Bachelard (1996), afirma que o novo espírito científico se d  na descontinuidade ou na ruptura com o senso comum. Pode-se apontar a aproxima o que faço com o autor em rela o ao obstáculo que   necessário transpor, o senso comum. Sendo que neste momento ocorre o primeiro olhar da pesquisadora enquanto técnica. Foi preciso que eu fizesse a transposi o desse obstáculo, para a constru o de meu espírito científico, e por fim, olhar o objeto por meio da ciência, enquanto pesquisadora, tarefa que ao longo do percurso se tornou muito difícil, porém, enfim realizada.

Nesse sentido, ainda procurando transpor os obstáculos apresentados acima, a conduta processual para a organiza o dessa etapa no processo de pesquisa estava constituída em três fases: A primeira fase identificada como conversa de aproxima o; a segunda fase identificada como organiza o do instrumento denominado pr -coleta piloto. E, a terceira fase como piloto, caracterizada pelo procedimento em que se realizou o refinamento do instrumento (roteiro de entrevista) para o registro dos discursos. Todo esse processo possibilitou a constru o do instrumento final da pesquisa.

A fase da conversa de aproxima o se constituiu a partir do momento em que, identificou-se que seria necessário delimitar quem seriam os atores sociais no mundo da natação. Então, inicialmente pensamos nos técnicos de natação de sele o brasileira, pois acreditava-se que eles portavam um saber simbólico diferenciado à beira da piscina, e assim foi enviado o pré-projeto para a sele o do doutorado.

Porém, após a aprovação no programa e amadurecimento da ideia sobre como constituir a amostra da pesquisa, entre conversas travadas com o orientador, sobre quem seriam esses técnicos para a pesquisa, de onde vinham e como se dava sua formação, começamos a perceber que não somente aqueles técnicos considerados olímpicos, mas também, todos os outros técnicos de natação construíram sua formação profissional apoiados em elementos que os ancoravam enquanto um grupo, e que esses elementos serviriam para compreender como se dava a sua formação profissional.

No intuito de buscar atores que pudessem contribuir nessa fase e, no sentido de travar conversas que tirassem de uma zona de conforto e me levassem para um processo de imersão e reflexão sobre o campo a ser investigado, verificou-se a necessidade de um diálogo mais radical com pessoas da área que fizessem emergir nessa conversa de aproximação, questões relevantes sobre o objeto a ser pesquisado. Buscávamos nessas conversas delinear questões que fossem consideradas comuns sobre o objeto da pesquisa, e a partir da estrutura discursiva que fosse surgindo, poderíamos considerar os aspectos mais relevantes. Optou-se por realizar essa conversa de aproximação apoiados na ideia de ser um diálogo informal travado entre pares.

A partir dos discursos produzidos por eles procuramos fazer emergir questões que são construídas socialmente dentro desse grupo profissional, que são incorporadas com o tempo de acordo com suas vivências sociais, as quais vão além dos técnicos, mas está vinculada às estruturas relacionais em que estão inseridos, as quais possibilitam a compreensão, enquanto cria uma sensação de pertencimento ao grupo de técnicos de natação.

Após realizarmos busca nos arquivos da Federação de Desportos Aquáticos do Paraná – FDAP, sobre as competições importantes para eles, identificamos que a competição “Chico Piscina¹²” possui no seu corpo técnico da seleção estadual, ao

¹² Em 1931, o jovem “Chico Quintino” vai estudar na São Paulo romântica daquela época, e teve a convivência de três amigos com quem aos sábados, folga na escola, iam a Santo Amaro, na Vila Sofia, onde existia um tanque natatório, que era alugado, nos fins de semana, aos apreciadores da natação. *Ariovaldo, Cássio e Titilio*, começaram a azucrinar a cabeça do Chico para que “como filho de pai rico, construísse uma piscina em sua Mococa”. Um dia, sem os pais esperar, volta o Chico, de retorno da Capital, e daí em frente o sonho de “construir uma piscina em sua Mococa” jamais o abandonara. Em 1933, a piscina fica pronta: 25x14 metros, com azulejo alemão, murada, com arquibancada e dois vestiários. A inauguração acontece em março de 1934, tendo como convidada especial *Maria Lenk*. Desaparecia então o “Chico Quintino” para surgir o “Chico Piscina”. Chico Piscina em contato com o Prefeito Antônio Lima Figueiredo pediu-lhe que formasse uma comissão para tomar conta da piscina. Então foi elaborado um estatuto e se constituiu para a cidade um clube, nascia aí a Associação

longo dos anos, um grupo de técnicos considerados os melhores dos Estado pelos resultados de seus atletas. Dessa maneira, entendemos que esses atores poderiam constituir a amostra.

Para o desenvolvimento dessa etapa da proposta de pesquisa, inicialmente foi realizado o mapeamento para definir quais os técnicos que tinham sido selecionados no últimos 10 anos pela FDAP. Esse processo para encontrá-los se deu via e-mail, conversas informais, facebook, fotos de atletas da época que apontavam o selecionado paranaense. Nesse sentido, conseguimos então identificar os atores sociais que poderiam fazer parte da pesquisa.

A pesquisa apresenta como população os técnicos de natação do Paraná, e o grupo amostral foi composto por 12 técnicos, eleitos de forma intencional, na medida que somente participaram do processo de pesquisa aqueles convocados pela FDAP no período de 2006 a 2016, para serem técnicos da seleção paranaense de natação em algum momento de sua trajetória profissional, fazendo parte do selecionado paranaense que participaria de alguma edição do Troféu Brasileiro Chico Piscina de seleções de estados.

Assim, a opção pela amostra ser constituída pelos técnicos de natação do Paraná que participaram da equipe técnica de qualquer das edições do Campeonato Brasileiro e/ou Internacional Chico Piscina, que é o único evento com seleções de estado, se justifica não apenas pela delimitação de nosso objeto de estudo, mas pelos

Esportiva Mocoquense. Em 13 de Maio de 1934, foi fundada a Associação Esportiva Mocoquense, quando Mococa recebeu os melhores nadadores do país. Em 1968, a então Delegacia da 7ª Região da Federação Paulista de Natação, hoje Delegacia da 5ª Região da Federação Aquática Paulista recebendo apoio da Associação Esportiva Mocoquense, com o intuito de prestar uma homenagem ao idealizador da 1ª Piscina de Mococa e uma das primeiras do interior paulista, criou o Torneio Inter-Regional Infante-Juvenil de Natação do Estado de São Paulo no qual seria disputado o Troféu “Chico Piscina”. O Torneio reuniu 14 Regiões do Estado, e a cada ano era disputado em uma cidade sede. Quando o Sr. “Chico Piscina” não estava mais em condições de viajar o Troféu “Chico Piscina” passou a ser disputado anualmente em Mococa, e a cada ano, o Troféu se tornava uma competição com uma expressiva participação também dos Clubes de outros Estados. Em 1988, a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, tomando conhecimento do crescimento deste Troféu, oficializou o mesmo como **CAMPEONATO BRASILEIRO INTERFEDERATIVO INFANTO JUVENIL DE NATAÇÃO**, no qual os Estados Brasileiros participariam com suas respectivas seleções. E, em 1995 o mesmo passa a ser disputado internacionalmente, com a participação dos Países Uruguai e Argentina tendo também o nome de **CAMPEONATO INTERNACIONAL INFANTO JUVENIL DE NATAÇÃO**. Até hoje já foram disputadas 47 edições do Troféu “Chico Piscina”, sendo 19 como Torneios Inter-regionais Infante-Juvenil de Natação, 28 como Campeonato Brasileiro Interfederativo Infante-Juvenil de Natação, dos quais 10 como Campeonato Internacional Infante-Juvenil de Natação. Considerado um celeiro de novos nadadores para o Brasil, muitos dos que participaram defenderam o Brasil, nomes como Gustavo Borges, Rogério Romero, Thiago Pereira, Joana Maranhão, Cielo e outros apareceram pela primeira vez nessa competição.

indícios¹³ da importância da competição que reúne os melhores nadadores do país nas categorias Infante-Juvenil, bem como os técnicos selecionados são considerados os melhores do estado; e essas características ajudaram na definição do *lócus* da pesquisa.

Por conseguinte, fez-se necessário identificar nesse caminho indícios que nos levassem à pistas que de certa forma, fossem menos vulneráveis aos desacertos. Apresentaremos o percurso trilhado ao longo do trajeto na construção dessa tese. Vale ressaltar que as trilhas percorridas para a estruturação do projeto foram configuradas pelas práticas produzidas no campo do esporte de rendimento na natação, por isso, a pesquisa porta traços de pesquisa participante; pois minha vivência nesse período foi determinante, enquanto ex-técnica estive inserida ambiência da natação.

Considerando que as representações sociais se manifestam por meio dos discursos produzidos, optamos fazer uso do princípio teórico-metodológico da análise do discurso, e os discursos que usamos foram eleitos porque consideramos que representam o universo discursivo dos atores sociais. Foi nesse momento que buscamos identificar indícios para se chegar às pistas que deram validade ao instrumento eleito e fidedignidade aos dados coletados, na tentativa de desvelar os sentidos e significados dos discursos; nos mantivemos fiéis à fala de Doise (2001), que aponta que nos discursos aparecerão inserções muito específicas das representações, estas que fazem parte de um conjunto de relações sociais organizadas via processos simbólicos de suas relações travadas no campo profissional.

Utilizamos a técnica da entrevista semiestruturada¹⁴ fazendo o uso do gravador digital e diário de campo. Ressaltamos a fala de Pires (2000, p.50), ao apontar que a fase de coleta de dados, não necessita ser encarada como prática, as informações da pesquisa realizada podem ser visualizadas de modo cumulativo e horizontalizado feita

¹³. **Indícios:** aqui está sendo usado como uma indicação, uma informação, uma prova ou sinal. Ele é o vestígio de algo que pode levar a alguma pista.

¹⁴ A **entrevista semiestruturada** se baseia em uma ou poucas questões que servem como guia, e tem como características o fato de serem perguntas abertas. Ela permite a flexibilização para o pesquisador introduzir outras questões que surjam diante do que acontece no processo da entrevista, pois de acordo com os discursos dos entrevistados, é possível o aprofundamento em relação às informações que se deseja obter.

pelo pesquisador, onde as análises e interpretações dos dados coletados vão decorrer da mensuração feita pelo pesquisador.

Em todas as entrevistas utilizamos o gravador digital, sendo as conversas registradas para facilitar o tratamento dos dados. Um diário de campo também foi utilizado, pois serviu para que a pesquisadora registrasse observações feitas em relação a expressões e sensações que não foram captadas no gravador.

A entrevista semiestruturada reflete a ideia de considerá-la uma conversa orientada, pois iniciou-se com uma estrutura fundante previamente constituída. Havia um roteiro estabelecido ou preestabelecido; a qual a coleta permitiu a partir da construção de um processo interacional melhorar a qualidade dos dados. Sendo assim, nesse tipo de pesquisa, os técnicos de nataçãõ não sofreram nenhum tipo de restrição referente à sua fala, eles discursaram livremente. A entrevista semiestruturada permitiu que a partir do conhecimento que estes produziram ao longo do tempo acerca da temática, que esses conhecimentos norteassem a entrevista.

Ressalta-se que como a pesquisa trabalhou com “coisas das memórias” dos atores sociais, ela não teve ordem fixa, cristalizada, exigindo tanto da pesquisadora, como dos atores sociais, muita atenção ao processo para que não ocorresse perda de foco do objeto da pesquisa. Sua natureza transformou cada discurso em único, fazendo com que ao final do registro das falas, a pesquisadora prestasse atenção ao processo, para que não ocorressem perdas no refinamento das entrevistas.

Outro aspecto que não se pode esquecer, está vinculado ao alto nível de significância que os dados obtidos com esse instrumento de coleta portam. O fator que produz essa característica é que os discursos foram registrados de uma maneira quase informal, fazendo com que os atores sociais envolvidos, percebessem uma aproximação com a pesquisadora para explicitarem suas posições e compreensões sobre o objeto, sempre de forma relacionada à sua realidade.

Para a realização das entrevistas foi acertado um encontro com os atores sociais que seriam definidos, a partir de sua disponibilidade¹⁵, o dia, horário e local para a realização da entrevista. Por serem de locais/cidades diferentes, boa parte das entrevistas foi realizada via Skype, respeitando dia e horário proposto por eles, não prejudicando em nada o andamento do processo, nem mesmo as gravações.

¹⁵ As conversas realizadas com os atores sociais aconteceram de forma individual, embora pudessem ter ocorrido também em grupos, pois, o que se deseja é realmente extrair suas representações.

Esse procedimento foi considerado importante na medida em que os atores sociais, ao determinarem as condições para a realização deste processo, tiveram tranquilidade para envolvimento pleno, reduzindo as possibilidades de interferência externa durante sua consecução.

A técnica de coleta de dados também permitiu à pesquisadora a liberdade de ação e intervenção no que diz respeito ao encaminhamento orientado da entrevista, com o objetivo de garantir o processo de coleta sólido, bem como a construção de interação densa com os atores sociais. Por essas características, também considera-se que a técnica é um instrumento favorável à entrevistadora para que oriente a conversa no sentido de criar as condições que qualifiquem melhor suas respostas. Esse ponto foi relevante no momento da interpretação dos sentidos das falas, na medida em que permitiu explorar de forma flexível e radical os aspectos dos discursos que foram considerados relevantes à pesquisa.

Para fazer emergir as representações sociais, adotou-se como pergunta deflagradora das entrevistas, com o objetivo de registro dos discursos dos atores sociais a seguinte pergunta deflagradora: O que te levou a ser técnico de natação? A opção por esta pergunta deflagradora se deu porque ela colocou os atores sociais diante de uma questão global e aparentemente simples, ou seja, para respondê-la não seria necessária grande dose de aprofundamento de conhecimentos. Mas, contraditoriamente, é esse aspecto da questão que seduz, pois entende-se que é com esse desenho simples que os atores sociais se sentiriam tranquilos para falar, tomando inicialmente como fonte/arquivo de informações sobre o objeto da pergunta, seu banco de dados referente ao mundo aquático e das relações de sua profissão.

No decorrer do período de refinamento do instrumento de coleta (entrevista semiestruturada), ocorrido por meio de um estudo piloto¹⁶, com três técnicos de

¹⁶ A conduta processual no estudo-piloto foi constituída por três fases: 1ª. Conversa de aproximação: que se constituiu a partir do momento em que, identificamos que seria necessário delimitar quem seriam nossos atores sociais no campo da natação. Sendo assim, resolvemos partir para conversas informais com profissionais da área para melhor delimitar quem seriam nossos atores e de onde partiríamos para pensarmos nossa pesquisa, e então, passar para o período de discussão e seleção dos atores, sendo aqui caracterizada a primeira fase do processo realizada com 3 atores sociais. 2ª Pré-coleta de dados: essa segunda fase constituiu-se na construção de um pré-instrumento para darmos início ao processo, tendo como ponto de partida as conversas de aproximação. 3ª. Pré-piloto: nessa fase ampliamos as preocupações em relação à construção do objeto, pois entendemos que esse processo é relevante e importante para que a construção do instrumento final seja feita de forma rigorosa, pois buscamos pistas e indícios que possam nos levar ao foco de nosso objeto de pesquisa. Esses indícios apontam se a pesquisa se encontra no caminho certo a ser trilhado. Iniciamos a identificação das pistas apontadas pelos técnicos de natação pertencentes a esse pré-piloto. Foi realizado com 09 atores sociais. Portanto, foi nessa fase que o instrumento (roteiro de entrevistas) teve

natação que já não atuavam mais, alguns aspectos surgiram com força simbólica nos discursos dos atores sociais, e que, por isso mesmo, foram considerados como relevantes à compreensão do objeto de estudo, levando-nos a incorporá-los ao novo roteiro de entrevistas elaborado.

Mais relevante que os aspectos explicitados anteriormente, foi o fato da pergunta deflagradora criar algumas condições básicas para estabelecer um diálogo que construísse no decorrer da entrevista se aproximaria de um tom informal, coloquial e descontraído, permitindo aflorar os sentimentos, da sua formação profissional. Garantir esse procedimento para o registro dos discursos foi condição para que se pudesse efetuar o mergulho sistematizado e profundo no imaginário dos atores sociais.

A interpretação dos sentidos e dos conceitos que surgiram sobre sua formação profissional, e que sustentam essa percepção oriunda dos discursos, seria a condição determinante para identificar o núcleo central e o sistema periférico da representação social da sua própria formação profissional, instituída no imaginário dos atores sociais envolvidos com a pesquisa. Para tal, foi incluído no roteiro os aspectos relevantes que foram identificados como orientadores no roteiro de entrevista reelaborado, chamados de questões a verificar:

- A escolha do ser técnico de natação.
- Os campos de formação: nível de draduação e formação do senso comum (prática).
- Habilidades e competências do técnico.
- Experiência do ter sido atleta e não ter sido atleta.
- Formação de técnicos: posição em relação à formação do técnico de natação no Brasil.

sua versão definitiva apresentada. O processo de produção do projeto piloto iniciou-se com a construção do roteiro primário de entrevista. De início, o instrumento foi estruturado com cinco questões referente ao processo de formação. Porém, depois da realização de discussões sobre sua formatação, optou-se por realizar os primeiros ensaios com apenas uma pergunta deflagradora: É importante lembrar que a principal característica desse tipo de roteiro é que ele permite que a entrevista/conversa se dê a partir da construção de um processo interacional em que cada ator social envolvido sabe quem e qual papel vai cumprir no decorrer do processo. Outro dado significativo é que também torna a própria entrevista/conversa mais equânime e livre.

A palavra discurso, faz emergir os apontamentos de Sargentini (2009), em que todo discurso é realizado na tentativa de estabelecimento da distinção entre significado e sentido, pois, o significado é sustentado pela crença de que as palavras são “convenções tácitas” do falante, e o sentido vai se apoiar na crença de que a construção linguística quer dar um caráter que seja universal ao significado, conforme fica nítido na fala de Gondim e Fisher (2009, p. 10): “Um mesmo significado se manifesta em sentidos circunscritos a produções discursivas oriundas de inserções no mundo social”.

Pelo explicitado acima, fica nítido a opção pela entrevista semiestruturada não apenas como instrumento metodológico voltado à coleta de dados necessária ao desenvolvimento de uma pesquisa. Para a pesquisadora, ela vai muito além dessa compreensão, na medida em que possibilita o estabelecimento de efetiva interação com os atores sociais, procedimento esse que proporcionará a eles um lugar para que possam expressar sua visão e posição em relação não somente ao objeto da pesquisa, mas, principalmente, às coisas relativas ao seu cotidiano e profissão, consciente de que são mentores da produção de seu discurso, afastando assim, qualquer possibilidade de que eles sejam assujeitados pela pesquisadora.

Nesse processo, realizou-se o contato inicialmente, fazendo mapeamento para definir quais os técnicos que foram selecionados nos últimos 10 anos pela FDAP. Essa busca ocorreu através de algumas ferramentas como: e-mail, *facebook*¹⁷, fotos de atletas da época que apontavam o selecionado paranaense, e conversas informais. Após esse processo, com os técnicos já selecionados, buscou-se contatá-los via telefone ou *facebook*. Vale ressaltar que quando os atores sociais eram contatados, também recebiam todas as informações sobre o processo de pesquisa e as razões pelas quais levaram a sua escolha para colaborar com o propósito deste estudo. No momento das entrevistas, eles eram informados sobre as questões relativas às normatizações dos procedimentos éticos que seriam adotados no sentido de resguardar sua identidade¹⁸.

¹⁷ **Facebook:** a ferramenta do mundo virtual, usada como meio de lazer, nos foi útil, pois nos aproximou rapidamente das pessoas, atletas que participaram da natação paranaense à época, possibilitando então o encontro, ou informação de onde estaria determinado técnico. Ela foi fundamental para se encontrar alguns técnicos.

¹⁸ A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina: CAE N° 47135015.0.0000.5231, Parecer N° 1.155.394.

O percurso metodológico nos deu a condição de conduzir o processo da pesquisa de forma confortável. Percalços ocorreram ao longo do caminho, todavia, nada que pudesse desestruturar a pesquisa. Após o desenvolvimento das entrevistas, o próximo passo foi à realização de sua escuta, cruzando esses dados com o diário de campo, instrumento construído a partir das percepções realizadas pela pesquisadora. Os desvelamentos dos discursos produzidos pelos técnicos de natação paranaense, sobre sua própria formação profissional serão apresentados a seguir.

3. UM MERGULHO NO MUNDO DO ESPORTE: NO MUNDO DA NATAÇÃO À BEIRA DA PISCINA: APRESENTANDO O CENÁRIO

As representações que serão aqui identificadas, emergem de um conjunto de explicações e de ideias do grupo profissional do esporte: técnicos de natação do Paraná, a partir de suas interações, tomando como princípio que os atores sociais são únicos, e, a individualidade de cada um é preservada nas conversas do processo de desvelamento dos discursos.

Inicialmente, para se buscar essas representações, foi necessário apresentar o cenário de onde se fala. A natação competitiva faz parte do mundo do esporte, que possui uma grande força midiática e que vai além do campo profissional da Educação Física.

Oliveira (2011), ao falar do cenário da Educação Física brasileira, apontou que a partir da década de 1980, ocorreu um “reordenamento do trabalho em Educação Física (EF), que era tido como um fazer tipicamente – docente” (não paginado). O trabalho no campo profissional vai além das aulas de educação física escolar, “bem como atinge beneficiários de todas as idades, e ainda nos anos 80, sob o parecer do CNE 03/87 onde viu-se a divisão da formação profissional em Licenciatura e Bacharelado” (ibid), sendo essa a visão do profissional de Educação Física anteriormente. Mesmo assim, o conteúdo esporte, sempre apareceu como tema hegemônico nas aulas de Educação Física no Ensino Básico.

Para esse entendimento sobre a força do esporte no país, se faz necessário nos debruçar sobre uma breve retrospectiva histórica do contexto esportivo. O período posterior ao fim da segunda grande guerra foi marcado por grandes transformações sociais. A sociedade brasileira passou por uma reestruturação no campo político, social e econômico, sendo que o fenômeno da imigração e posteriormente, o movimento conhecido como êxodo rural, configuraram-se como um dos determinantes para o inchaço urbano, que deram origem a diversas Políticas Públicas para atender essas demandas (FAUSTO, 1970).

Durante o Estado Novo, período ditatorial, correspondente de 1930 a 1945, o governo valeu-se do esporte como mais uma das diferentes estratégias de manipulação política e social para implantação de seu projeto governamental. Usou-

o abertamente como meio de propaganda política, transformando-o em símbolo de unidade nacional. Numa época marcada por ditaduras, governos antiliberais e antidemocráticos, no mundo, perceberam a força do esporte. Se valeram e se depararam desde cedo, com uma realidade onde o esporte se apresentava como fenômeno eficaz, que mobilizava multidões apaixonadas, e se fazia notar como uma das principais formas de manifestações culturais da sociedade, atraindo cada vez mais adeptos e fervorosos entusiastas.

O esporte constitui-se numa das mais poderosas ferramentas para sustentação e continuidade de projetos políticos de governos autoritários (FAUSTO, 1970; SODRÉ, 1973; RAGO, 1987).

Em meados de 1945, inicia-se um novo contexto para todas as áreas educacionais, inclusive a Educação Física, no que diz respeito ao desenvolvimento educacional conforme exposto por Castellani Filho (1988) e Maciel (2013).

As práticas de esportes no referido período surgem a partir das principais modalidades esportivas, que são representadas pela natação competitiva, o basquete, o tênis de campo, o futebol e esgrima (final do século XIX e início do século XX), e pelo remo nas primeiras décadas do século XX (TUBINO, 2002).

Nesse período o esporte passa a ser um dos principais componentes a serem trabalhados nas aulas de Educação Física nas escolas, as quais se buscava priorizar o desenvolvimento de bons valores sociais e aquisição da melhoria de capacidades motoras segundo as documentações visitadas da época, sobre a organização da Educação Física desportiva generalizada, o esporte na escola não era utilizado como um fim, “[...] mas um meio de formação e preparação para a vida”, sendo seu principal objetivo iniciar os jovens escolares nos esportes existentes à época (BRASIL, 1966 apud BETTI, 1991, p. 99).

Em 1964, com a instalação de um governo civil militar e com a chegada dos militares ao poder no Brasil, o esporte se fortalece a partir dos discursos de formação de atletas para as competições internacionais (representar o país), e inequivocamente trazia para a população a falsa ideia por meio de propagandas, da possibilidade de que, qualquer um teria ascensão social e até mesmo a melhoria de vida por meio do esporte, discurso esse que ainda é reproduzido largamente na atualidade. Dessa maneira, de acordo com Betti (1991, p.100); “[...] o período assinalou a ascensão do esporte à razão do Estado e a inclusão do binômio Educação Física/Esporte na

planificação estratégica do governo. Ocorreram também profundas mudanças na política educacional e na Educação Física Escolar”.

O esporte era tido nesse período como um valioso elemento para a formação do homem. No final da década de 1960 e início da década de 1970, por meio da intervenção do Governo Federal nos programas escolares, o então Presidente General Emílio Garrastazu Médici¹⁹, realiza intervenções na área da Educação Física e do Esporte, onde objetivava certo tipo de inserção nas práticas escolares, e criação de uma Política Nacional de Educação Física e Esportes (PNDE) por esse governo.

A organização desportiva do país passa a obedecer aos dispositivos da Lei nº 6.251/75, que instituiu normas gerais sobre os desportos e outras providências. A Política Nacional de Educação Física e Esportes, tem como base a determinação da iniciação esportiva na fase escolar, sendo que o “PNDE atribuirá prioridade a programas de estímulo à educação física e desporto estudantil, à prática desportiva de massa e ao desporto de alto nível” (BRASIL, 1975, s/p.). Um dos objetivos era aumentar a participação da comunidade escolar em práticas de teor esportivo, visando o aprimoramento técnico de atletas que pudessem então, servir e participar de jogos nacionais e internacionais, representando seus estados e/ou o país, de acordo com Betti (1991) e Kolyniak Filho (1996). Nesse contexto, o esporte passa a servir ao sistema nacional esportivo, e são criadas as turmas de treinamento esportivo em horários diferentes dentro das escolas, para aqueles alunos que apresentavam habilidades específicas para cada modalidade esportiva.

De acordo com Esteves (2015, não paginado), na Política Nacional de Educação Física, em documento datado no ano de 1976, apontava que ela deveria; “ser à base de um sistema piramidal, onde o esporte praticado na escola seria a base da pirâmide responsável por formar no futuro, o topo deste sistema”. Nesse período, a educação física foi colocada como parte de um programa estratégico, sendo organizado da seguinte forma:

- No topo da pirâmide se encontrava o Esporte de Rendimento, composto então por atletas especializados considerados de alto rendimento;

¹⁹ Ao longo do governo do General Emílio Garrastazu Médici (1969 a 1974), a ditadura militar atingiu seu auge, com controle das poucas atividades políticas toleradas, a repressão e a censura às instituições civis foram reforçadas e qualquer manifestação de opinião contrária ao sistema, foi reprimida. Este período marcado pelo uso sistemático e de meios violentos como torturas e assassinatos. O período foi marcado historicamente como Anos de Chumbo.

- No meio da pirâmide está o Esporte de Massa, principalmente desenvolvido dentro de clubes, considerado o intermediário;
- E a base da pirâmide, o Esporte Escolar, desenvolvido então nas escolas.

FIGURA 1: Modelo Piramidal



Segundo Pires, Abreu e Franca (2016, p.3), nas aulas de Educação Física na escola o esporte aparece fortalecido a partir década de 1950. Ocorreu um estreitamento maior na década de 1960 a partir dos governos ditatórias que passaram a organizar a disciplina de Educação Física como prática esportiva, no qual se instaurou um;

[...] novo paradigma para a educação física com uma política oficial que se deu a partir de 1970, com a Política Nacional de Educação Física e Desportos – Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975 (Brasil, 1975 – Lei já revogada), na qual a prática esportiva objetivava o aprimoramento do condicionamento físico da população, com salto qualitativo no nível dos esportes em todas as áreas com melhora técnica nas representações esportivas nacionais e a utilização do esporte como forma de lazer durante o tempo livre (MOREIRA, 1992, p.203)

Dessa forma, a Educação Física serviu de base ao ensino e treinamento no campo do esporte se fortalecendo na década de 1970, ainda com apoio dos governos de base militar. Essa disseminação do esporte foi difundida por todos os professores da área da Educação Física. Isso perdurou por anos, direcionando as aulas de Educação Física a uma prática esportista, a qual podemos afirmar que atualmente

ainda se percebe em alguns professores um ensino que possui concepções tecnicistas no tocante ao ensino da prática esportiva na escola.

É lógico que ao falarmos em esporte, de maneira geral, vem ao imaginário uma prática competitiva representada por atletas de rendimento, porém na escola não se pode, ou não se deve pensar o esporte por somente essa perspectiva, que segundo Maia (2010), deve ser visto no âmbito escolar também como um fenômeno social.

Segundo Darido (2003, p.3), o esporte na escola cumpre o papel de, “[...] objetivo e o conteúdo, da Educação Física Escolar e estabelece uma nova relação passando de professor instrutor para professor treinador”. Ainda segundo a autora, essa prática esportiva pode aparecer sob outros aspectos, tendo sempre como foco qual o objetivo da prática. Corroborando com Darido (2011), Pires, Abreu e Franca (2016, p.2) inferem que o esporte-educação deve possibilitar aos alunos praticantes uma prática esportiva mais “democrática, coeducativa e preocupada não com os resultados esportivos em termos de rendimento e vitórias, mas sim com a socialização, com a capacidade de trabalho em equipe”.

Essa realidade escolar não pode ser pensada de forma isolada, a Educação Física Escolar e o conteúdo esporte e as mediações existentes entre para que o esporte tenha se fortalecido na escola a partir de décadas, permite olhar a “relações existentes entre os Jogos Escolares e a perspectiva de ser humano que a escola se propõe a formar, além das condições materiais e objetivas em que tal projeto formativo se consolida” (FRIZZO, 2013, p.166).

No livro proposto pelo Ministério da Educação e Cultura de 1976 da Lei nº 6.251/75 Política Nacional de Educação Física e Desporto – Plano Nacional de Educação Física e Desportos – PNDE, consolida objetivos definidos em cada uma de suas áreas de atuação, propondo que o esporte fosse organizado, conforme segue abaixo:

- Objetivos gerais e específicos;
- Na área da educação física e desporto estudantil;
- na área do desporto de massa;
- na área do esporte de alto nível;
- estratégias;
- programas e metas;
- implementação. (BRASIL, 1976, p. 60-76)

Historicamente, competições escolares enquanto uma Política Pública, aparece no ano de 1969, em pleno governo militar, sendo uma criação da antiga Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, que atualmente responde como Olimpíadas Escolares. Eles foram organizados a partir de 1969, quando aconteceu a primeira edição na cidade de Niterói no Rio de Janeiro. E de acordo com o livro “Memória do esporte brasileiro”, escrito por Borges e Buonicore (2007, p.28), apontam que:

Segundo o Professor Manoel Tubino²⁰, “os Jogos Escolares Brasileiros eram a manifestação máxima de competições escolares, porque reuniam escolares de todo o Brasil numa grande festa de confraternização. Acrescenta-se que não havia nenhuma discussão sobre a relevância social desses Jogos, que reproduziam os eventos esportivos de alta competição (...) Nos JEBs, os técnicos esportivos foram prestigiados e passaram a ter responsabilidades sobre os jovens sob sua direção técnica. Essas escolhas de responsáveis também reforçaram o tecnicismo projetado e a busca incessante de vitórias e recordes” (p. 7-8).

Assim sendo, os Jogos são considerados como grande aglutinador do trabalho desenvolvido nas escolas, nos quais se tinha uma fiel reprodução do esporte competitivo, mas sem finalidades educativas. É importante ressaltar que o JUB's – Jogos Universitários Brasileiros foram anteriores a esse período, ou seja, inicia-se em 1935 na cidade de São Paulo, sendo organizados oficialmente os primeiros jogos. E, ainda de acordo com Borges e Buonicore (2007, p.16) os;

Jogos perpassaram governos e políticas desde Getúlio Vargas, passando pelos anos JK, pela ditadura militar, pela redemocratização, pelo impeachment de Collor, pelos anos FHC e chegando até o governo Lula. E, inegavelmente, os parâmetros estabelecidos pelas políticas públicas de juventude no âmbito do esporte também foram influenciados por esses diversos contextos, refletindo o desenvolvimento das pressões políticas do setor esportivo, da sociedade e dos órgãos criados pelo Governo Federal.

Para a compreensão da força do esporte no país, é necessário evidenciar as mudanças que ocorreram a partir dos órgãos governamentais que prioritariamente

²⁰ TUBINO, Manoel José Gomes. Pesquisa e análise crítica sobre a relação do nexos esporte/escola com os Jogos Escolares. Estudo apresentado ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD / Ministério do Esporte sob o termo de referência nº 121631, contrato nº 2006/001493. Mimeo. S/d.

eram responsáveis por Políticas Públicas no campo esportivo. Dessa maneira, pode-se perceber como o esporte era visto e, a importância dada a ele pelos governantes brasileiros. Abaixo apresentaremos um quadro que remete a trajetória de utilização do esporte nos governos federais, ratificando a importância desse conteúdo enquanto ferramenta em todos os governos (BORGES e BUONICORE, 2007; BRASIL, 1976 e 1977; TUBINO, 1977; BRASIL, 1985; INDESP, 1996):

Quadro 1: Organização da trajetória da construção de Secretarias de governos federais relacionados a questões do esporte.

ANO	DESCRIÇÃO
1937	- por meio da Lei nº 378, é criado a Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura (MEC), que teve a participação de pessoas ligadas ao Exército Brasileiro;
1970	- ocorre a substituição dessa divisão pelo Departamento de Educação Física e Desportos;
1978	- este departamento se transforma em Secretaria de Educação Física e Desporto SEED, entretanto, continuava ligado ao Ministério da Educação e Cultura, que foi representado por pessoas da área esportiva;
1990	- o departamento é substituído pela Secretaria de Desportos da Presidência da República, sendo que nesse momento perde seu vínculo com o Ministério da Educação e Cultura. Porém com o impeachment do Presidente Fernando Collor de Melo, o esporte então retorna ao Ministério de Educação e Cultura por meio de uma secretaria criada e denominada Secretaria de Desportos;
1995	- o então Presidente Fernando Henrique Cardoso, cria o Ministério de Estado Extraordinário do Esporte, colocando na presidência Edson Arantes do Nascimento – Pelé, mas ainda manteve a Secretaria de Desportos do Ministério de Educação e Cultura até por volta de março de 1995, e que depois passou a ser chamada de Indesp – Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, ainda vinculado ao MEC, porém passa a ser subordinado por esse novo Ministério;
1998	- ainda no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, é criado por meio de uma medida provisória o Ministério de Esporte e Turismo, e no ano de 2000, o Indesp passa a ser substituído pela Secretaria Nacional de Esporte;
2003	- sob o governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva cria-se então o Ministério do Esporte, sendo que o desvincula da pasta do Esporte dando-lhe autonomia, sendo que continua dessa forma até os dias atuais

Podemos apontar, que ainda é frequente o debate sobre a finalidade do desenvolvimento dos Jogos, na qual Borges e Buenicore dizem que o propósito central focava no debate entre ser;

[...] a integração e a valorização dos conceitos esportivos e da “vida saudável” ou a formação de uma elite nacional de esportistas? Algumas edições, tanto dos JUB’s quanto dos JEB’s, puderam experimentar finalidades diversas, definidas a partir das visões então dominantes entre os integrantes dos órgãos competentes em realizar as competições (2007, p.16).

O documento intitulado “Diagnóstico de 1971”, realizou um estudo solicitado pelo governo com a Política Nacional de Recursos Humanos, no qual se preocupava em aperfeiçoar o homem brasileiro em todos os seus aspectos e também em sua qualidade de vida. Esse documento vem a definir a organização básica da Educação Física e do Desporto, como uma prática de atividade física no âmbito do sistema educacional brasileiro, que deveria abranger todos os níveis e ramos, porém dando ênfase no Ensino Fundamental. Ele estabelece que o objetivo fundamental da Educação Física e do Desporto seria a aptidão física do homem brasileiro. Conseqüentemente, o diagnóstico apresentava naquele momento um modelo universal de colocação e estratégia e de recursos para o desenvolvimento da Educação Física e do Desporto.

FIGURA 02: Modelo de colocação de estratégia e de recursos para o desenvolvimento da Educação Física e Desportos estabelecidos no Diagnóstico de 1971²¹.



Em meados dos anos de 1980, com o fim do período ditatorial no Brasil e a redemocratização do país, surgem discussões críticas na base de formação dos profissionais, compostas por profissionais de Educação Física das universidades e seus pesquisadores, passando assim a hegemonia do esporte por um período tensional. As discussões produzem debates sobre o papel pedagógico das aulas de Educação Física nas escolas, e reverbera apontamentos que o esporte não pode ser o único objeto das aulas.

Vão surgindo entre os pensadores da época, modelos diferenciados que buscam dar um aspecto mais humanizado e pedagógico ao conteúdo. Tubino em 1996, na Conferência Brasileira de Esporte Educacional, apontou ser necessário compreender e fazer uma retrospectiva conceitual do fenômeno esportivo, para depois começar a pensar em esporte educacional. As relações do esporte, enquanto rendimento, e as manifestações que surgem no país, utilizam o esporte como carro chefe, elevando-o à uma exacerbação sem limites, provocando certa reação da intelectualidade mundial, que é marcada por eventos como:

- a) Surgimento do movimento **Esporte para Todos**, com a denominação TRIM, na Noruega;
- b) Início da sociologia esportiva, com os trabalhos de George Magnane, Jean Marie Brohn, José Maria Cagigal e muitos outros;

²¹ TUBINO, M. J.G. Os conceitos de eficiência e eficácia como orientadores administrativos de cursos de Graduação em Educação Física. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Desportos e Educação Física. Brasília: Janeiro, 1977. p.23.

c) Aparecimento de diversos manifestos de organismos internacionais que possuíam interfaces com as questões esportivas (Manifesto do Esporte/CIEPs/UNESCO); Manifesto do *Fair-Play*, Carta Europeia de Esporte para Todos; Carta Internacional de Educação Física e Esportes/UNESCO; Manifesto da Educação Física/FIEP (TUBINO, 1996, p.10-11)

E, com a Carta Internacional de Educação Física e Esportes, o esporte alcança sua plenitude, pois passa a ser entendido como direito de todas as práticas esportivas. Desse modo, pode-se dizer que o esporte então passa a ter um conceito renovado, e rompe com a perspectiva única dada a ele: o rendimento. E incorpora outras dimensões, contudo, é necessário dizer que essa propositura de dimensões do esporte aparece com o professor Dr. Lamartine Pereira da Costa. Em meados dos anos 1970, e na década de 1980, inicia-se o discurso produzido por Manoel Tubino (2003) sobre o sentido do esporte, materializado no livro: “As Dimensões Sociais do Esporte” escrito por ele, que defende o esporte sobre 3 dimensões:

1ª Dimensão – Esporte Educação ou Esporte Educacional: o esporte caracterizado no sentido educativo, sendo que defendia “[...] à seletividade, a segregação social e a hipercompetitividade, com vistas a uma sociedade livremente organizada, cooperativa e solidária” (TUBINO, 2003, p.38).

2ª Dimensão - Esporte Participação ou Esporte-Lazer: o esporte caracterizado como algo lúdico e prazeroso e possibilitando a prática a todos sem exceção, ele deve procurar, “[...] garantir o bem estar social dos praticantes, buscando a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas”. (Ibid)

3ª. Dimensão - Esporte Performance ou Esporte de Rendimento: como o próprio nome aponta, direcionado ao alto rendimento, à produção e à vitória, que não deveria ser desenvolvido dentro da escola.

Vale ressaltar que no Brasil, os debates sobre o esporte educacional são radicalizados a partir de um conjunto de fatores dentre os quais destacamos: o documento sobre o Diagnóstico de 1971, organizado pelo professor Dr. Lamartine Pereira da Costa, o Plano de Política Nacional de Educação Física e Desporto-PNED em 1975, e com o Plano de Uma Nova Política para o Desporto Brasileiro: Esporte

Brasileiro Questão de Estado com a Comissão de Reformulação do Desporto-Relatório Conclusivo, instituído pelo Presidente José Sarney em 1985. Logo em seguida, aparece então a proposta do professor Dr. Manoel José Gomes Tubino, com as Dimensões do Esporte.

Ainda em 1985, no governo do Presidente José Sarney, após um determinado tempo reproduzindo competições visando a performance, o JEB's passa por reestruturação, onde o esporte passa a ser visto em outra dimensão. As reflexões levantadas no Conselho Nacional de Desportos, liderada pelo professor Dr. Manoel José Gomes Tubino, resulta em transformações, e o esporte é apresentado com uma festa educativa para os participantes. Neste momento, surgem os princípios socioeducativos do esporte, que culmina com a participação de estudantes/atletas que não fossem federados. Porém, após o ano de 1989, o esporte do JEB's muda seu referencial.

No Governo de Fernando Collor de Melo, 1990, essa tendência deixa de existir, e ocorre o retorno à perspectiva do esporte de rendimento, tendo como justificativa a necessidade de resultados a curto prazo, voltando então a sua condição inicial: competições que medem desempenho, busca de resultados, maquiado por com um discurso educativo.

Essas denominações caracterizadas pelas dimensões, em pleno século XXI, ainda são utilizadas no campo escolar, bem como no campo esportivo (rendimento), mesmo tendo passado mais de 30 anos, ainda se produzem discursos tendo essas dimensões como base.

Portanto, as reflexões sobre o esporte e sua função na sociedade, aparecem de forma explícita nas mais diversas publicações que trazem o campo do esporte como tema central, temática esta que cada vez mais se faz presente na sociedade. Marchi Jr (2004, p.50), aponta que “esse fenômeno se configurou como uma das manifestações humanas que mais tem se desenvolvido”. Sendo assim, ela se faz presente e se caracteriza em diversas manifestações da cultura corporal, que possui classificações diversas.

Percebe-se que a preocupação e encantamento sobre a temática é pensada e estudada pelos mais diversos profissionais, desde os sociólogos, antropólogos até profissionais da área da Educação Física, principalmente no campo do treinamento esportivo, por muito tempo. O fenômeno esporte é estudado sobre vários olhares: social, educacional, rendimento, sociabilização, econômico, entre outros. Entretanto,

não deixa de ser temática de estudos, e por isso as produções sobre ele cada vez mais se avolumam.

De acordo com Tani (2007), o esporte em todo mundo é considerado como patrimônio da humanidade, e “como tal constitui um acervo a ser amplamente disseminado para que todos tenham acesso a ele, usufruam, transformem, transmitam e assim deem seguimento ao seu contínuo processo de construção” (p. 269). Esse esporte, ganha força ano a ano, dentro e principalmente fora da escola.

Johan Huizinga (1938), em sua obra uma crítica sobre o esporte, apontava que o mesmo possuía a ação de destruir aspectos, que para ele eram fundamentais para os grupos sociais, e que se materializavam no lúdico. Deste modo, o jogo deixava o campo e o esporte se profissionalizava. O esporte passa a ser corrompido com a ascensão da espetacularização dele mesmo de acordo com *Huizinga* (2004).

Diem (1966), fazia uma relação conceitual sobre o esporte, afirmando que ele está inserido no processo do jogo, sendo que “[...] o esporte pertence ao domínio do jogo, e como jogo, é de uma índole especial, livremente adotado, pleno de valor, levado a sério, regulado com exatidão, e antes de tudo, buscando rendimento” (p.23). Mais à frente, o sociólogo *Brohm* (1976), cria seu próprio conceito sobre esporte, motivado pelo sua insatisfação com conceitos encontrados à época. Ele diz que:

O esporte é um sistema institucionalizado de práticas competitivas, predominantemente físicas, delimitadas, codificadas, regradas convencionalmente, cujo objetivo, reconhecido é, sobre a base de uma comparação de performances, de proezas, de demonstrações físicas, designar o melhor concorrente (o campeão) ou registrar a melhor performance (o recorde) (p.45).

Para Bento e Bento, citado por Veloso (2010, p.5), o esporte de rendimento vem passando por períodos de mudanças que atravessam séculos na história, de diferentes formas e modelos;

[...] ele ressurgiu no início do século XX e desenvolve-se flamejante e exponencialmente no seu decurso, sobretudo a partir dos anos 50, após a segunda guerra mundial.

Alastram-se a todas as idades, grupos e estatutos sociais e culturais, anexa territórios anteriormente estranhos, [...] é instrumentalizado para as mais diversas aplicações e intenções (educação, bem estar, saúde, recreação, lazer, reabilitação, inclusão, espetáculo, turismo, comércio, indústria, moda, etc), passando do singular para o plural e torna-se um traço marcante de um estilo de vida moldado pela

desportividade. Não espanta que muitos teóricos e intelectuais, [...] classifiquem o século XX como o “estranho século do desporto”.

A partir dessa ótica, sobre a constituição do esporte no Brasil, apresentada acima, apontamos que na tese o **esporte de rendimento** caracterizado pela natação, é aquele que é praticado por atletas federados seguindo regras formais estabelecidas nacional e internacionalmente, tendo como objetivo e/ou finalidade final a obtenção de resultados, obrigatoriamente são regidos pelas federações ou confederações de modalidades esportivas; ou seja, sua característica principal é o rendimento. No universo competitivo, sua organização, funcionamento são orientados por uma especialização da área, e ele sempre vai exigir material e local padronizado para a sua prática e competição.

Isto posto, pode-se apontar que no mundo do esporte de rendimento, se faz necessário um profissional especializado e conhecedor do seu campo de atuação. Ao olhar para trás, identifica-se que no campo esportivo, no que diz respeito à intervenção prática, de maneira geral, o atleta naturalmente quando findava sua carreira, se transferia para o mundo do técnico, no qual seu conhecimento se pautava na experiência prática de ex-atleta, para construção de sua nova atuação: técnico de determinada modalidade. Sendo assim, ele se fazia técnico ao longo do tempo, conforme adquiria experiências nesse novo meio de atuação. Pergunta-se: e atualmente? O que mudou, e será que mudou? Será que ocorreram mudanças significativas nesse meio? Como fica então a formação profissional do técnico esportivo?

Falar em formação profissional no esporte, significa compreender que adentramos numa área complexa e fascinante. Em um de seus estudos, os autores Trudel, Gilbert e Werthner (2010), apontam que em países como Estados Unidos, Austrália e Reino Unido, cada vez é mais frequente o desenvolvimento de pesquisas que remetem a compreensão do processo de formação de técnicos esportivos, pesquisas essas, muitas vezes financiadas por órgãos governamentais.

No Brasil, a discussão da formação de profissionais no mundo do esporte vem ganhando força, e emergem reflexões que dão suporte para que se pense em programas ou pelo menos em discussões sobre o assunto, em locais especializados conjuntamente entre universidades e federações esportivas. Em um quadro mais recente, o tema vem conquistando mais espaços nas universidades.

Nos cursos de Bacharelado em Educação Física, que tem como conteúdo as modalidades esportivas em geral, procuram formar um profissional com conteúdos sobre a saúde, e que esse profissional saia comprometido com a promoção da saúde, apto a trabalhar com lazer, qualidade de vida, orientação e prescrição de atividades físicas por meio de práticas de atividades físicas, bem como no campo do esporte, seja ele no âmbito recreacional ou competitivo, e também formar pesquisadores.

Outro campo está na formação do Bacharelado em Esporte, que objetiva formar profissionais para atuarem em atividades esportivas em suas diversas manifestações, bem como preparar o estudante para gestão esportiva e para a pesquisa no campo do esporte. São duas instituições aqui representadas: USP (Universidade de São Paulo) em São Paulo, e UEL²² (Universidade Estadual de Londrina) no Paraná; os dois trabalham especificamente com o fenômeno esporte.

A escola de Educação Física e Esporte, foi à primeira instituição civil da área no Brasil, criada em 1934 e integrada à USP em 1969. Ela, ao longo dos anos passou por diversas mudanças, e em 1970, passa por uma fase de transição objetivando aprofundar os conhecimentos acadêmicos, culminando em 1977, na criação do programa de Pós-graduação em nível de Mestrado, e em 1989, de Doutorado, sendo ambos os programas pioneiros na América Latina (USP, 2017).

Com a preocupação centrada na formação profissional de seus estudantes, que saiam licenciados, todavia muitos deles atuavam em outros campos, como por exemplo, no esporte. Dessa preocupação ocorreu em 1992 uma reestruturação dos cursos de graduação em Bacharelado e Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em Esporte. A USP é a primeira instituição de nível superior a oferecer um curso de Bacharelado em Esporte no Brasil. O objetivo do curso de Bacharelado em Esporte da USP é:

Formar profissionais para atuar nas atividades que envolvam o Esporte nos seus diversos níveis e tipos de organização. Capacitar o bacharel para a gestão e atuação na área esportiva, reconhecendo os potenciais e limites do corpo humano. Fornecer subsídios que possibilitem ao profissional aplicar a prática esportiva no desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. [...] O estudante será capacitado a trabalhar na detecção de talentos esportivos, na

²² A escolha das duas instituições foi devido: A USP por ser referência e ter sido a primeira universidade brasileira por implementar o curso de Esporte, e a UEL por ter sido a única do estado do Paraná em oferecer um curso de esporte.

preparação física, no treinamento técnico-tático e na avaliação esportiva. (USP, 2017)

O curso de Bacharelado em Ciências do Esporte da UEL teve sua criação em 1997, e sua tramitação ocorreu entre os anos 1997/1998, sendo que a 1ª turma ingressa no ano de 1999. Para sua implantação foi pensado um curso diferenciado, haja vista, que em Londrina, além da UEL a Unopar, também na região já existiam vários cursos de Bacharelado em Educação Física segundo o Professor Doutor Sérgio Alencar Parra²³. Dessa forma, organizando a criação de um novo curso, optou-se por um curso com perfil diferenciado, que tinha como base preparar o indivíduo para trabalhar em todas as áreas do esporte, por isso a opção do curso em Ciências do Esporte, que tem por objetivo:

O Curso de Esporte pretende formar um profissional que possa atuar no campo profissional e acadêmico nas dimensões do Esporte: rendimento, lazer, educação e saúde, nos diferentes contextos da sociedade contemporânea. Progressivamente o aprofundamento dos conhecimentos ao longo do curso, levará o estudante a uma conscientização da importância de seu futuro na sociedade.

O estudante do Curso de Esporte terá uma formação humanística, crítica, reflexiva e com base no rigor científico. Pautado no princípio ético, deverá estudar, pesquisar, esclarecer e intervir profissional e academicamente no contexto do esporte. A partir de conhecimentos de natureza técnica, científica e sócio cultural, o estudante será preparado para intervir nas diferentes dimensões e expressões do esporte (UEL, 2017).

Após a implantação do curso, foi necessário uma reformulação do curso referente às disciplinas com aprofundamento, no qual as modalidades esportivas ofertadas contavam em algumas disciplinas com 1 ou 2 alunos, outras disciplinas não havia alunos interessados, e em outras com muitos alunos. O grupo que estava à frente no colegiado, após várias discussões, optou pela reformulação da matriz do curso que ocorreu em 2001.

As discussões travadas com o CREF/PR, sobre a recusa em fornecer a carteira de identificação para os acadêmicos formados no curso de Ciência do Esporte, aparece como um entrave para o curso, pois o órgão reconhece o formado em

²³ Professor Sérgio Alencar Parra: entrevista realizada em 20 de março de 2017, na cidade de Londrina. Docente do Departamento de Ciência do Esporte, e do curso de Ciência do Esporte na Universidade Estadual de Londrina. Fez parte da comissão de criação do curso de Esporte na universidade.

Bacharel em Educação Física, e sugere que o departamento de Ciência do Esporte da UEL, mude o nome do curso, dando como exemplo, Bacharelado em Educação Física/Esporte.

Essa sugestão, segundo o Professor Doutor Sérgio Alencar Parra não poderia acontecer, pois a universidade não aprovaria 2 cursos com a mesma formação: Bacharel em Educação Física. Dessa maneira, eles resolvem fundar o curso de Ciência do Esporte sendo que a última turma concluirá sua formação em 2018. E, em conjunto com o Departamento de Educação Física, criam uma comissão de professores para pensar e implantar um novo curso de Bacharel, que teve seu início em 2016, com a junção do Departamento de Educação Física (DEF) e o Departamento de Ciência do Esporte (DES).

A regulamentação das profissões no Brasil, inicia-se entre 1940 a 1960, com profissionais como advogados, médicos, dentistas, agrônomos entre outros, buscando esse espaço. No que diz respeito especificamente à Educação Física, as primeiras discussões acontecem a partir dos anos de 1940, com a tentativa da criação de um Conselho para a profissão de educação física em 1946, e o surgimento da Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física (FBAPEF, 2016).

Ocorreram diversas manifestações por parte dos professores e vários profissionais da área que escreviam sobre o assunto, entretanto ações efetivas eram poucas e de nenhuma forma desenvolvidas. Na década de 1950, um grupo de professores composto por Manoel Monteiro, Jacinto Targa e Inezil Penna Marinho, defendia a ideia da criação de um conselho, levando essas ideias a partir de conversas com profissionais da área do Direito, mas ainda assim, naquele período nenhuma ação foi realizada com efetividade. Atualmente, percebe-se que um dos pontos frágeis desse processo se encontrava na formação da classe: professores de Educação Física ligados à área escolar (CONFEEF, 2014).

Em 1972, foi realizado o III Encontro de Professores de Educação Física, organizado pela Associação dos Professores de Educação Física da Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro, no qual foi discutida e aprovada a proposta de criação dos Conselhos Regionais e Federal de Educação Física. Nas discussões levantadas nesse processo, decidiu-se que deveria ser levado ao Legislativo e ao Executivo na esfera Federal, a proposta para dar início a discussões mais profundas. Entre as discussões organizadas pelos professores, identificou-se a necessidade da criação de um código de ética para esse profissional, e ocorreram também discussões setoriais;

mas ações efetivas mesmo sobre essa criação ocorrerão somente na década de 1980 (ibid).

AS APEFs – Associação dos Professores de Educação Física, ocuparam papel importante nessa discussão. As primeiras associações organizadas, aparecem na cidade do Rio de Janeiro e nos estados do Rio Grande do Sul e São Paulo, e no decorrer da década de 1980, elas promovem vários Congressos, objetivando discussões sobre o percurso da disciplina nas escolas e a direção da profissão. As APEFs já se faziam presentes em quase todos os estados brasileiros (CONFEF, 2014).

O primeiro grande marco desse processo, se dá com a tramitação do projeto de Lei nº 4559/84, pelo Deputado Federal Darcy Pozza, relativo à criação de um Conselho Federal e os Regionais dos Profissionais de Educação Física, Desporto e Recreação, sendo oficialmente o primeiro projeto tramitado no Congresso. O PL nº 4559/84 aprovado pelo Congresso Nacional em dezembro de 1989, foi vetado pelo então Presidente da República José Sarney, tendo como justificativa que os professores de Educação Física já estavam subordinados ao MEC, logo, todos devidamente regulamentados (CONFEF, 2014).

Em 1995, durante o Congresso FIEP - Federação Internacional de Educação Física, na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná, foi organizado o movimento intitulado “Movimento pela regulamentação do Profissional de Educação Física”, que lançou um manifesto na abertura do evento com apoio das categorias dos professores. Esse movimento tinha como principal divulgador o professor Jorge *Steinhilber* que, aliás, proferiu a palestra de abertura com a referida temática, tendo como ações desse movimento: **a)** difusão nacional do movimento por meio dos delegados da FIEP (divulgar e esclarecer a categoria de professores); **b)** envio de correspondência para as Instituições de Ensino Superior como informativo das necessidades de regulamentação, esclarecendo junto a seu corpo docente e discente.

Em 1995, o Deputado Federal Eduardo Mascarenhas apresentou um projeto de lei na Câmara dos Deputados com o nº 330/95, e inicia-se a caminhada para a aprovação da regulamentação da profissão de Educação Física. Durante a tramitação do projeto, surgem dúvidas se ele poderia contemplar todos os profissionais. Sendo assim, foi analisado por uma comissão, e ao final do trâmite, em que o projeto foi analisado, debatido, estudado e modificado optou-se pela apresentação do projeto pelo deputado (CREF, 2016).

Ainda em 1995, em novembro, foi apresentado um substitutivo ao projeto de lei com algumas recomendações sobre o mesmo. Os defensores do projeto apontavam que a regulamentação da profissão iria limitar quem poderia trabalhar na área, pois teria a criação e registro dos profissionais no CREF, e imposição de critério de ingresso para o exercício da profissão sob a fiscalização do conselho. Essas ações eram apontadas por eles como necessárias para uma proteção de mercado, ou seja, pessoas que não tinham formação acadêmica não poderiam atuar, e principalmente, defendiam a qualidade do serviço, visto que só atuaria quem tivesse passado pelos bancos universitários (CONFED, 2014).

As discussões na área da Educação Física se intensificavam, e por meio de debates, diálogos, discussões e esclarecimentos entre seus pares, a área se organizava para uma nova estruturação de seus cursos. O mote dessa discussão se encontrava nas relações entre professor de Educação Física e sociedade, na relação da atuação no mercado de trabalho da Educação Física, e nos discursos que reverberavam por todo o Brasil, sobre a da necessidade de se registrar o profissional, quando se deveria ter uma fiscalização para aqueles que trabalhavam fora da escola.

Essa ação tinha como princípio limitar a área de atuação da profissão, com o discurso que somente profissionais registrados em seus Conselhos Regionais de Educação Física, poderiam atuar. Por conseguinte, esperava-se garantir qualidade na atuação profissional: **o credencialismo** estaria garantido pela regulamentação reconhecendo os cursos de formação profissional, via ensino superior, então o credencialismo daria conta da reserva do mercado e um código de ética pautaria os deveres e direitos desse profissional. **A expertise** estaria garantida pelo conhecimento científico acadêmico e tácito produzidos nas Instituições de Ensino Superior. E, **a autonomia** seria dada pelo livre exercício profissional, que é um dos princípios que norteiam a ética desse profissional.

Em 1º de setembro de 1998, o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, sancionou a Lei n. 9696/98, que regulamenta a profissão de Educação Física. Após esse embate político, a área consegue a criação do CONFED – Conselho Nacional de Educação Física, sendo que ela determina que:

Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos

especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividade física e do desporto (BRASIL, 1998).

Com essa aprovação e homologação da Lei nº 9696/98, a área passa a discutir e compreender que os campos de atuação são distintos e que um novo currículo deveria ser reordenado, para contemplar a formação desse profissional. Em vista disso, a matriz teórica da formação do profissional de Educação Física é separada em conteúdos que contemplem uma formação sólida na área da Educação Física Bacharelado e Educação Física Licenciatura, e novas diretrizes curriculares passam a ser desenvolvidas nas instituições de ensino. Com essa ação, o curso de formação profissional Bacharelado em Educação Física tem como dever formar o profissional para atuar também no campo do esporte.

Por outro lado, as Confederações, de maneira geral, passaram a se preocupar com a formação continuada de seus profissionais: os técnicos desportivos. Em uma investigação de Ciampolini *et al* (2014), em investigação sobre a formação dos técnicos no Brasil, argumenta que dentre as 30 federações existentes no Brasil, somente 14 delas com esportes olímpicos, oferecem algum programa de formação de técnicos, porém, ele ressalta que não existe uma estrutura com perfil educacional entre elas. Ocorrem formas diferenciadas de certificações, como por exemplo, a Confederação Brasileira de Tênis que possui 10 níveis de certificação, a Confederação Brasileira de Vela que possui somente um nível, e a Confederação Brasileira de Voleibol que possui cinco níveis de certificação.

Destaca-se que a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos não possui nenhum programa de certificação para técnicos; no máximo; o que ocorre nas reuniões técnicas da CBDA, que acontecem anualmente, de que cada estado tem 1 técnico representante, quando um dos períodos é destinado a trazer assuntos sobre preparação técnica, cabendo a esses técnicos representantes passarem essas informações a suas federações e essas a seus técnicos, coisa que não ocorre, pelo menos no estado do Paraná.

Segundo Mallet *et al.* (2009), o processo de ensino formal nas instituições de ensino superior, deve possibilitar experiências de ensino-aprendizagem organizadas e estruturadas pelas suas matrizes, garantindo a qualidade da formação, e ao final do processo contemplar o indivíduo com uma certificação oficial (diploma do ensino

superior). Ela, além de uma formação sólida, tem que garantir ao indivíduo a capacidade de raciocínio crítico, ponto importante para o desenvolvimento de um profissional. O próprio CONFEF/CREFs apresenta a atuação profissional dos técnicos esportivos, sendo que a fiscalização dessa área cabe a eles.

Desse modo, é importante o aspecto legal, porém, para se pensar em reconhecimento total da profissão, é necessário que esses profissionais se preocupem com a qualidade de seu trabalho, e essa qualidade está associada com a organização de seu conhecimento, de suas competências, habilidades, atitudes, procedimentos que se fundamentam em uma produção intelectual no campo da ciência, no qual esses técnicos esportivos deverão se apropriar.

E, ainda corroborando com Mallet *et al.* (2009), sobre a urgência de realização de discussões mais amplas a respeito da formação profissional dos treinadores, que possibilita com mais clareza compreender e analisar as relações e informações existentes sobre como se produz esse conhecimento, e quiçá indicar diretrizes para o desenvolvimento dessa profissão de treinador esportivo.

Especificamente, ao falarmos da natação competitiva, ela foi oficializada em 31 de julho de 1897 na cidade do Rio de Janeiro (VELASCO, 1997), e uma das ações efetivas para tornar essa natação cada vez mais competitiva ao longo do tempo dos técnicos que estavam a frente dos treinamentos, se encontra no processo de melhorar o campo profissional trazendo conhecimentos mais específicos, que possibilitaria aos técnicos um amadurecimento técnico/científico em suas ações.

Dessa maneira, tentando compreender o caminho que os técnicos brasileiros trilharam para inserir a ciência em seu campo profissional, buscamos alguns atores sociais de referência nessa área, e que conhecem um pouco como foi constituída a história da natação brasileira. Pode-se dizer que os profissionais com os quais realizamos uma conversa informal, nos apontaram aspectos interessantes sobre o processo de formação profissional do técnico de natação no Brasil, são eles os Professores: Wilian Urizzi de Lima, Alberto Klar, Roberto Carvalho Pável e Ricardo de Moura²⁴.

²⁴ A utilização dos discursos dos professores Wilian Urizzi de Lima, Alberto Klar, Roberto Carvalho Pável e Ricardo de Moura, foi utilizada como meio de trazer à tona a memória daqueles que vivenciaram em períodos diferentes a chegada e utilização da ciência no Brasil no campo da natação competitiva. Seus discursos se constituem em um arquivo vivo, sem julgamento de valores, mas, trazendo olhar de cada um sobre a natação competitiva brasileira e a ciência. Os dados apresentados remetem a suas lembranças da época.

Segundo o professor Willian Urizzi de Lima²⁵ por volta da década de 1960, a natação brasileira “era muito empírica”, com apenas algumas trocas de informações entre os treinadores. E, de acordo com Willian Urizzi de Lima, o polo de uma natação mais forte nessa época, se concentrava na cidade do Rio de Janeiro, haja vista, que São Paulo teve hegemonia entre 1961 e 1962 pelo clube Paulistano, que era bicampeão brasileiro no Troféu Brasil. Esse polo funcionava na cidade do Rio de Janeiro, com os treinadores Rômulo Arantes, Roberto Carvalho Pável e Denir de Freitas. Além do polo, eles são responsáveis em sistematizar a natação carioca, criando escolas de natação dentro dos clubes para melhorar o próprio salário. Essas escolas de natação foram copiadas e adaptadas no Brasil inteiro, principalmente no interior de São Paulo, sendo que passaram a ser um grande “celeiro” de formação de nadadores, mas não ainda de equipes.

Ainda para Willian Urizzi de Lima, nos anos de 1960, muitos treinadores iam ao Rio de Janeiro para aprender essa forma de sistematização do processo ensino-aprendizagem da natação, que se constituía em um programa para “aprender a nadar em 8 aulas”, em 1 mês com crianças de 5 e 6 anos, na qual as crianças de 6 anos aprendiam com mais rapidez.

De acordo com ele, um dos primeiros passos de aproximação com a ciência ocorreu em 1966, quando o professor Davi Machado reuniu um grupo de técnicos e foram para a cidade de Santiago do Chile, em um congresso internacional que tinha como palestrante principal *James Counsilman*²⁶. Nesse início tímido de aproximação com a ciência, poucos técnicos puderam participar à época.

²⁵ Professor Willian Urizzi de Lima: entrevista realizada em 25 de janeiro de 2016, na cidade de São Paulo. Professor de Educação Física e Psicólogo Clínico. Professor da Disciplina de Atividades Aquáticas da graduação e pós-graduação da UniFMU- São Paulo. Foi Técnico da Seleção Brasileira Jogos Pan-Americanos Havana Cuba - 1991 e Winnipeg Canadá - 1999. Técnico de vários clubes brasileiros, dentre eles: Juventus, Pinheiros, Paulistano, Paineiras, Corinthians, São Caetano, São José e Vasco da Gama. Palestrante em Congressos Internacionais: Congresso Científico Desportivo Rosário Argentina 1996, Congresso da Associação Portuguesa de Técnicos de Natação Vila Real Portugal 2000. Proprietário da WA Eventos e Promoções Esportivas Presidente da OSCIP Célula Brasil Assessor Pedagógico da Metodologia Gustavo Borges Formativa e Competitiva. Comentarista esportivo da ESPN Brasil

²⁶ James Counsilman: foi treinador de natação dos Estados Unidos. Conhecido como treinador de natação da Universidade de Indiana de 1957 a 1990, serviu como treinador principal para equipes de natação dos EUA de 1964 a 1976 nos Jogos Olímpicos; e foi introduzido como um treinador *Honors* no *International Swimming Hall of Fame (Hall da Fama da Natação)* em 1976. *Doc Counsilman* é conhecido como um dos maiores treinadores de natação de todos os tempos. Também foi um inovador no esporte, pioneiro das filmagens submarinas, e até mesmo assistindo nadadores debaixo d'água, como pode ser visto na *Royer* Piscina na Universidade de Indiana hoje. Ele também foi o instigador da formação hipoventilação: um método de treinamento que consiste em nadar com frequência respiratória reduzida.

Já nos anos 1970, Willian Urizzi de Lima aponta que havia duas formas dos treinadores brasileiros se atualizarem:

- **1ª:** Eram as conversas, as trocas de informações, em que aponta que os treinadores na época conversavam muito. Por exemplo, seu grande ídolo era o professor Roberto Carvalho Pável e sempre que o encontrava procurava trocar ideias sobre o processo de treinamento. Outro técnico apontado por ele para essas conversas era o técnico Amauri Fonseca de Porto Alegre.

- **2ª:** Em 1977, a Confederação Brasileira de Natação (CBN) começou a desenvolver clínicas nos Estados Unidos com a seleção brasileira. Neste ano foi enviada a primeira turma e, em 1978 a segunda, na qual ele esteve presente.

Essas eram as duas formas que os técnicos trocavam informações. Consequentemente, o local onde melhoravam sua formação não era na universidade brasileira. Na época, os países da União Soviética e Alemanha Oriental eram muito fechados, não possibilitando abertura para o conhecimento científico da área. Nos anos de 1980 aconteceram, segundo Willian Urizzi de Lima, alguns fatos considerados importantes para melhorar o conhecimento científico dos técnicos brasileiros:

A: alguns técnicos brasileiros começaram a ir aos Estados Unidos fazerem clínicas de natação, não dependendo mais da Confederação Brasileira. Ele próprio participou nos anos de 1981 e 1984 na cidade de Chicago, quando, nessa época os técnicos vendiam seus próprios carros, ou realizavam uma série de ações com intuito de arrecadar dinheiro para fazer essa viagem, com o objetivo de melhorar sua formação profissional. Em 1981, ele e Djan Madruga, ainda como atleta, e o treinador do Rio de Janeiro do Clube Botafogo, ouviram pela primeira vez uma palestra de um treinador russo. Embora fosse o início de uma fase de compartilhar as informações, em uma palestra de 2 horas, o técnico russo falou somente sobre estrutura e não sobre treinamento específico. Enfim, o técnico russo explicou somente como faziam detecção de talentos por meio de perfil fisiológico do nadador.

B: Ao mesmo tempo, os técnicos brasileiros começavam a ter maior acesso ao treinamento americano, que havia começado na década de 1970. E, o ano de 1982, segundo Willian Urizzi de Lima, foi considerado por ele o primeiro divisor de águas

para os técnicos brasileiros, com a edição do livro do *Maglischo*²⁷, lançado em inglês originalmente²⁸. Os técnicos começaram a ter acesso a essa produção científica. Em 1984/1985 aproximadamente, tem início o **Projeto Mesbla**, com o professor Amaury Machado e coordenado pelo professor Daltely Guimarães. Amaury Machado era técnico da equipe da Universidade Gama Filho (RJ), e tinha uma equipe fortíssima na década de 1970. Então, deram início como plano de ação, a tradução de alguns capítulos do livro de *Maglischo*, antes mesmo do livro chegar aos brasileiros em espanhol. Os capítulos eram enviados via correio para os treinadores que faziam parte do Projeto Mesbla. Todo treinador do projeto recebia essa cópia.

Para o professor Willian Urizzi de Lima, sua chegada, a de Alberto Klar e de Ricardo Moura à seleção brasileira, foi marcada pelo intercâmbio com os treinadores sul-americanos e realizações de reuniões nos eventos das competições sul-americanas. Nesses momentos, eles relatavam suas experiências técnicas, e para mostrar como a natação era ainda muito empírica relata: “[...] **tem coisas até folclóricas que acabavam acontecendo, de que nessas reuniões, um dos treinadores argentinos chegou a falar que ele mensurava, media o lactato, colocando a mão no ((acha graça)) músculo do tríceps. Eu ouvi isso, eu falei: “pô, está com síncope de morte de lactato”. Foi uma coisa, assim, bem hilária, mas o cara falou com tanta seriedade**”.

Os discursos produzidos por profissionais que vivenciaram aquele processo, indicam que um dos indícios que marcou fortemente a natação do país foi o Projeto Mesbla e o Projeto Kibon de Natação, na segunda metade da década de 1980, os quais objetivavam massificar a prática da natação no país entre crianças e adolescentes.

O Projeto Mesbla marcou época para a natação brasileira selecionando vários nadadores baseados no ranking nacional, dando oportunidades de participarem de clínicas, suporte técnico e viagens. Foi o Projeto Mesbla que determinou a entrada da avaliação de lactato na análise de treinamento na natação do Brasil. Uma contribuição de enorme valor na formação dos técnicos da natação nacional, em que a informação

²⁷ Ernest W. *Maglischo* foi treinador de natação por mais de 38 anos nos Estados Unidos. Ele é Ph.D em fisiologia do exercício pela *Ohio State University*.

²⁸ Swimming Even Faster.

obtida pelos técnicos partícipes do projeto, era compartilhada com outros técnicos passando o material recebido a outros que não participavam.

Esses projetos foram destacados porque, foram neles que técnicos brasileiros mantiveram, pela primeira vez, o contato com um referencial teórico voltado à elaboração do plano de treino na natação, valendo-se da leitura de traduções de capítulos do livro de *Masglicho*, intitulado "Nadando o mais rápido possível"²⁹, que eram entregues nos eventos da área. Nota-se, com isso, a tentativa da ciência em superar as práticas empíricas da natação de alto rendimento do país. Uma mudança radical no mundo aquático se fez presente com a entrada desses dois projetos, em meados de 1986. Porém, esse foi um dos processos dos quais a ciência foi introduzida no campo da natação competitiva ao longo do tempo, com mais informações para alguns técnicos, e poucas informações para a maioria deles.

Para Willian Urizzi Lima, a tradução que os técnicos recebiam do livro do *Maglischo*, no Projeto Mesbla, representou segundo ele, um início de aproximação com as leituras por meio da tradução dos capítulos, sendo que essa foi uma das formas de atualização dos técnicos. Ele aponta que até esse período os técnicos brasileiros tinham, por exemplo, uma noção da utilização do volume nos treinos, contudo, não sabiam até que ponto explorar isso nos treinos. Para ele, esse conhecimento possibilitou uma melhora acentuada nos treinamentos de provas de fundo.

O Projeto Kibon foi criado em seguida, quando o presidente da empresa, um americano, Sr. *Peter Schreer*, tomou conhecimento pela mídia, de que a nadadora Patrícia Amorim tinha desejo de assistir a Olimpíada em 1984, pois estava em preparação para participar da Olimpíada de 1988. Ao saber dessa notícia, o americano entrou em contato com a nadadora patrocinando sua ida à olimpíada. Com isso, ocorreu uma aproximação da empresa com a modalidade da natação.

Em 1987, após o Sul-Americano em Maldonado/Argentina, o responsável pela área do marketing da Kibon, entra em contato com professor Willian Urizzi de Lima para apresentar o esboço de um projeto. Nessa conversa surge a proposta da

²⁹ Considerado o melhor livro por nadadores e treinadores da natação competitiva, o autor aplica a ciência ao treinamento da natação, reunindo as explicações técnicas, dados sobre a base fisiológica para métodos de treinamento mais efetivos. Ele também traz uma análise criteriosa dos quatro nados; ainda traz ilustrações, exercícios e sugestões de programas de treinamento. Seu livro traduzido em português chegou ao Brasil em 2002.

empresa, que queria algo parecido com o Projeto Mesbla. O Projeto Kibon inicia-se em 1987 e vai até 1991, coordenado pelo professor Willian Urizzi de Lima e Alberto Klar. Tratava-se de um projeto de menor abrangência, com menor número de atletas e técnicos, entretanto, garantiu suporte talvez ainda maior aos patrocinadores.

O projeto inicialmente começou com sete nadadores, e posteriormente foi agregando mais alguns, chegando ao número de 10 nadadores e seus técnicos que realizavam avaliações a cada oito semanas, inicialmente na USP, e depois passaram a utilizar o laboratório da *Biosystem* na cidade de Rosário/Argentina. Nesse momento, o professor Willian Urizzi de Lima identifica que vai se formando uma equipe multidisciplinar para a avaliação dos atletas.

A partir desse grupo multidisciplinar, composto por um médico, quatro fisiologistas e dois treinadores (coordenadores), eles foram se aproximando do que havia de mais moderno à época, no campo do treinamento.

E, por meio de uma parceria com a CBDA³⁰ atletas e treinadores tiveram acesso a dois especialistas argentinos: Alarcon e Mazda. O primeiro da área médica e o segundo da área do treinamento. Esse intercâmbio permitiu idas esporádicas ao laboratório do Dr. Juan Carlos Mazza na cidade de Rosário, Argentina (equipe do laboratório da *Biosystem*). A escolha do médico no projeto se deu, devido ao fato que, ao mesmo tempo em que ele tinha um contrato com a Mesbla, ele também viajava o mundo inteiro em contato com várias equipes campeãs.

A nosso ver, o mais importante foi a vinda desses especialistas ao Brasil para um período de capacitação na forma de cursos e palestras. Os cursos específicos que foram os grandes catalisadores desse momento, aglutinavam todos os melhores treinadores do Brasil na época, permitindo pela primeira vez, que os técnicos falassem a mesma linguagem. Para o professor Willian Urizzi de Lima, essa equipe do laboratório da *Biosystem* e a apropriação do conhecimento da ciência ali produzida, possibilitou: “[...] *ela, praticamente, diminui a distância entre nós e a ciência. (...) Então por isso que ali houve um grande crescimento, e principalmente, Morgana, da ciência*”.

Os primeiros conhecimentos aplicados pelos técnicos, foram as avaliações de lactato na análise de treinamento e a elaboração de um *ranking* nacional dos nadadores brasileiros, que passou a servir de referência para a seleção de atletas.

³⁰ CBDA: Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos.

Pode-se dizer que a partir desse momento, inicia-se o desenvolvimento da profissionalização da natação brasileira, pois os técnicos passam a elaborar seus planos de treinamentos associando alguns poucos conhecimentos científicos aos seus conhecimentos de senso comum, de acordo com o professor Willian Urizzi de Lima.

Esse, portanto, foi um momento da formação dos técnicos, que o conhecimento científico passou a ter influência direta, aplicada, contribuindo para que a vivência à beira da piscina não fosse a única base para a intervenção de alto rendimento. Como aponta o professor Alberto Klar³¹, técnico na época: “[...] **Ciência, ciência, com análise, com testes, com certeza foi o Projeto Mesbla e logo depois, entrou o Projeto Kibon**”. Segundo ele, o Projeto Mesbla serviu como um modelo de organização da ciência, embora somente para os técnicos participantes do projeto. Ele entende que esses dois programas possibilitaram que os técnicos brasileiros olhassem novas ideias, protocolos, vivências e troca de informações, e nesse sentido, aponta que os técnicos brasileiros começaram a se unir a partir dessa data.

Para o professor Alberto Klar, ainda hoje a ciência produzida se encontra também na prática. A esse respeito, ele diz: “[...] **Mas existe na prática e eu posso te garantir isso, você pode documentar essa escrita, essa fala que a ciência da prática será sempre superior à ciência da escrita. A ciência literária vai estar sempre atrás. As pesquisas de campo que nunca foram colocadas através de escritas vão ser sempre muito, muito, muito superiores àquelas que a gente... porque tem pessoas que fazem ciência e não sabem**”.

E, para o professor Ricardo de Moura³², a ciência só entra em um espaço quando você possibilita a introdução de mecanismo, de uma metodologia, uma ferramenta, sendo possível que todos tenham acesso. Para ele, a ciência entra no

³¹ Alberto Bernardo Klar: Entrevista realizada em 25 de janeiro de 2016 na cidade de São Paulo. A experiência na borda da piscina é bastante vasta, com uma soma de 46 anos de trabalho na natação. Técnico da seleção brasileira olímpica em três gerações deixou o alto rendimento em 2004. Desde então direciona seu tempo ministrando aulas na faculdade e a trabalhos nas categorias de base.

³² Ricardo de Moura: Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2016, superintendente da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos – CBDA. Ricardo Moura é formado em Educação Física na Faculdade de Educação de Santo André. É pós-graduado em administração de empresas na Universidade Estácio de Sá. Tem diversos cursos de especialização internacional no México, Canadá, Espanha, Portugal e Estados Unidos. Foi durante muitos anos responsável pelos Esportes Aquáticos do estado do Rio de Janeiro, e atualmente é Coordenador técnico de natação da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) há mais de 20 anos.

Brasil, quando os livros estrangeiros passam a ser traduzidos em português e colocados à disposição da comunidade aquática. Dessa forma, uma grande parte dos técnicos brasileiros passam a ter contato com várias metodologias diferentes de filmagem, aplicação de treinos diferentes, noções mesmo que rudimentar, da fisiologia.

Ainda segundo o professor Ricardo de Moura, até a década de 1970, a natação brasileira foi influenciada pelos americanos, pela proximidade que alguns técnicos tinham com o idioma. Os técnicos brasileiros estavam mais acostumados com Canadá e Estados Unidos que deram uma base científica no Brasil. Apesar dos russos crescerem muito na ciência e nos resultados na década de 1980, o idioma era o principal fator impeditivo para os técnicos. A produção literária e científica chegava, mas era difícil a tradução. A Federação Internacional de Natação em meados dos anos 1980, criou alguns livros que também chegavam ao Brasil, todavia segundo Ricardo de Moura, o conteúdo era muito incipiente.

O professor Roberto Carvalho Pável³³, identifica que em relação à ciência, houve o primeiro indício dela com o Doutor Maurício Rocha (fisiologista) por volta de 1956. Roberto Carvalho Pável, foi aluno do Dr. Maurício Rocha, aponta que viam na universidade algumas coisas relacionadas à natação, sendo que Roberto Carvalho Pável, iniciou seus estudos com esse professor. Segundo ele, livros sempre apareceram, porém, também concorda com Ricardo de Moura, que diz que a ciência só pode ser discutida por todos, quando todos esses técnicos e professores de natação tiverem acesso às produções. Ela não pode ser exclusividade de alguns.

Para o professor Roberto Carvalho Pável, em 1967, ao retornar de um estágio realizado nos Estados Unidos, vai para Confederação Brasileira de Natação assumindo ajudar a interventora da época da Confederação Brasileira de Natação professora Maria Lenk, e realiza algumas mudanças estruturais na Confederação. Junto com a Associação Brasileira de Desportos Aquáticos, em 1974, organizou um curso de natação com 34 técnicos que foram selecionados no Brasil, sendo esta

³³ Roberto Carvalho Pável: entrevista realizada na cidade do Rio de Janeiro em 24 de fevereiro, na cidade do Rio de Janeiro. Possui especialização em Técnico Desportivo de Natação e Polo Aquático pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1961). Atualmente é Professor Auxiliar II da Faculdade Gama e Souza. Introduziu o nado Golfinho no Brasil em 1953. Mais de 50 anos de experiência em vivência aquática.

seleção realizada pelos resultados obtidos em competições. O curso foi considerado por ele de altíssimo nível.

O referido curso, organizado pela Associação Brasileira de Desportos Aquáticos foi realizado no Cefan³⁴ com uma semana com duração de dez horas/aula diárias. Alguns expoentes da Educação Física participaram como palestrantes. São eles citados pelo professor Roberto Carvalho Pável: Professor Dr. Lamartine Pereira da Costa, Professor Dr. Manoel Gomes Tubino, Dr. Sérgio Brasil, Dr. Mauricio Leal Rocha, Professor Dr. Sanches de Queiróz, Dr. Milton Medeiros, Dr. Claudio Gil, dentre outros, escolhidos “a dedo” para realização do processo de formação. Uma particularidade, apontada pelo professor Roberto Carvalho Pável, é que os palestrantes falavam a partir dos problemas práticos dos técnicos da época.

Para o professor Roberto Carvalho Pável, a ciência deve estar presente tanto no processo ensino-aprendizagem com os professores das escolinhas, quanto com os técnicos de natação. Para isso, é necessário uma sistematização de conteúdos para a preparação desses profissionais, dessa forma possibilita que eles agreguem o conhecimento com o seu fazer prático.

Portanto, buscou-se apresentar o cenário do campo da pesquisa para mergulhar então nos discursos dos atores: técnicos esportivos no campo da natação competitiva, pois a preocupação desta pesquisa centrou-se em buscar as representações de como se dá a construção do ser técnico de natação no estado do Paraná.

³⁴ CEFAN: Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN), com sede na cidade do Rio de Janeiro, RJ, teve sua origem na Liga de Sports da Marinha. Foi criada pelo Aviso nº 1, de 04 de janeiro de 1916. Posteriormente, pelo Decreto nº 24.581, de 05 de julho de 1934, a Liga de Sports da Marinha passou a ser subordinada a então Diretoria do Pessoal da Marinha, e mais tarde, foi extinta pelo Decreto-Lei nº 2.296, de 10 de junho de 1940, mesmo ato que criou o Departamento de Educação Física da Marinha. O citado Departamento foi extinto pelo Decreto-Lei nº 7.467 de 16 de abril de 1945 e foi reativado pelo Decreto-Lei nº 9.265 de 17 de maio de 1946, como Departamento de Esportes da Marinha, denominação esta, alterada para Centro de Esportes da Marinha, pelo Decreto nº 32.742, de 07 de maio de 1953. O Centro de Esportes da Marinha teve, novamente, sua denominação alterada para Centro de Educação Física da Marinha, pelo Decreto nº 70.161, de 18 de fevereiro de 1972, e, finalmente, passou a ter a denominação atual, Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, pelo Decreto nº 73.058, de 31 de outubro de 1973. Posteriormente suas atividades foram regulamentadas pelo Decreto nº 76.687, de 27 de novembro de 1975, que foi revogado pelo de nº 84.781 de 11 de junho de 1980 e alterado pela Portaria nº 0110, de 30 de janeiro de 1986, do Ministro da Marinha, tendo sido, posteriormente, regulamentada pela Portaria nº 0020, de 06 de fevereiro de 1997. A citada Portaria de regulamentação foi revogada pela Portaria nº 0063, de 06 de novembro de 1998, do Comando de Operações Navais Com que aprovou uma nova regulamentação. Por intermédio da Portaria nº 120 de 31 de março de 2008, foi transferida a subordinação do CEFAN para o Comando de Pessoal de Fuzileiros Navais. Revogada esta última, passou à subordinação do Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, por meio da Portaria nº 65, de 24 de fevereiro de 2010.

3.1 UM MERGULHO Á BEIRA DA PISCINA: DISCURSOS E SENTIDOS **DAS REPRESENTAÇÕES DOS TÉCNICOS DE NATAÇÃO DO** **PARANÁ**

Para iniciar as interpretações dos discursos, é necessário lembrar que segundo Ludke e André (1986), as representações sociais instituídas no imaginário por parte dos pesquisadores do campo social, remetem ao sentido que pesquisar significa procurar respostas para inquietações e indagações propostas pelo pesquisador e que emergem da realidade social.

Tomou-se como princípio para a apresentação da interpretação dos discursos dos atores sociais, que serão considerados nessas análises como textos produzidos individualmente, e ao utilizar a análise do discurso enquanto ferramenta buscou-se os sentidos de como estes discursos se constroem em meio às relações sociais do meio aquático. Para Rizutti, uma análise do discurso;

[...] vai além da superfície discursiva e das formas de funcionamento da língua, trabalhando com questões enunciativas mais profundas. Seu principal contraponto com a linguística está na “historicidade discursiva”, ou seja, o analista do discurso deve questionar os processos de produção que estão implícitos no discurso analisado, identificando que o sujeito fala de determinado lugar social e, portanto, possui interesses individuais e coletivos (1999, p.56).

No tocante ao tempo de experiência profissional dos técnicos de natação, o grupo está assim distribuído: 01 técnico com 2 anos de atuação; 01 técnico com 5 anos de atuação; 01 técnico com 9 anos de atuação; 01 técnico com 15 anos de atuação; 04 técnicos com até 20 anos de atuação; 01 técnico com 22 anos de atuação e 03 técnicos com até 27 anos de atuação. Dessa forma pode-se apontar que de maneira geral, eles possuem grande experiência no que diz respeito a treinamento de rendimento na natação; a média de atuação profissional do grupo é de 14,3 anos.

Em relação à formação inicial superior, 1 técnico é provisionado, sendo sua formação Engenharia Civil; 3 técnicos são Bacharéis e 8 técnicos vem da formação da Licenciatura Plena, sendo que somente 1 deles fez o curso de complementação de Esporte de Alto Rendimento, realizado pela Academia Brasileira de Treinadores

(ABT) na área de natação³⁵. 50% dos técnicos possuem formação em faculdades/universidades particulares, 3 em universidades estaduais e 3 em universidades federais. Entre os 12 técnicos de natação, 11 são do sexo masculino e 1 do sexo feminino.

Os discursos selecionados e apresentados, foram eleitos porque conseguem trazer o universo representacional dos atores sociais em relação ao objeto da pesquisa, porém, cada discurso apresentado é único, porta sua singularidade. Em relação à interpretação dos discursos eles foram eleitos porque apresentam pontos comuns sobre a representação de sua formação profissional de técnico de natação, e são constituintes de um grupo de profissionais da natação competitiva. Alves-Mazzotti (1994, p.71), salienta que “[...] enquanto grupo sócio-profissional, construímos nossas próprias representações e, em função delas, construímos nossas práticas e as impomos aos alunos”.

Ao mesmo tempo em que os discursos apresentam pontos comuns sobre suas representações, eles também trazem pontos significativos para a interpretação dos resultados, embora ele não esteja presente em todos os discursos produzidos. As escolhas dos discursos, tomou como base a força discursiva de cada extrato discursivo manifestada em sua estrutura, e sobre isso é importante se atentar a fala de Orlandi que aponta que, “[...] a interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é [...] materializada pela história” (2005, p.19).

No processo para o desvelamento dos discursos, a partir das transcrições e escutas das conversas, emergiram fatos que levaram a refletir sobre a constituição da formação profissional desse grupo. Nas análises buscou-se fidelidade ao que aponta Orlandi (2005, p61), quando destaca que, quem faz a análise dos discursos não pode, em hipótese alguma, fazer interpretações pessoais, mas sim trabalhar “[...] (n)os limites da interpretação”, o pesquisador não faz parte da história, mas está num

³⁵ Curso de esporte de Alto Rendimento – modalidade natação: o curso promovido pelo COB tinha como iniciativa aperfeiçoar o conhecimento de técnicos de atletas de alto rendimento nos esportes individuais. Os técnicos participaram de 8 módulos presenciais, 3 módulos à distância, e 3 módulos de estágio, sendo 1 nacional e 2 internacional até 2014, que foi finalizado com a apresentação dos TCC pelos participantes. Teve seu início em 2012 com o nível 1: Núcleo de Fundamentos, nível 2: Núcleo de aprofundamento início 2013. No Estágio Internacional os técnicos tiveram a oportunidade de troca de informações com técnicos de diferentes escolas, tais como japoneses, russos, americanos, alemães, entre outros. As aulas presenciais exigiam 100% da presença.

processo de deslocamento que permite contemplar o processo de produção dos sentidos dos técnicos de natação.

Considerando uma análise mais profunda e tentando garantir a objetividade do processo, optou-se por utilizar a Teoria do Núcleo Central proposta por Abric (2001), que pode ser considerada como uma subteoria³⁶ das Representações Sociais. Toda representação social é organizada em torno do núcleo central e de um sistema periférico, ou seja, para ele “o núcleo central é o elemento fundamental da representação, pois é ele quem determina ao mesmo tempo sua significação e organização” (ABRIC, 2001, p.163). O sistema periférico, ao contrário do núcleo central, é flexível e suporta contradições. Ele protege o núcleo central das modificações, é a parte mais flexível das representações sociais e permite a elaboração da representação relacionada às histórias individuais dos sujeitos.

Ainda de acordo com Abric (2001), o núcleo central é o responsável pelo significado que uma determinada representação social assume, de modo que um elemento central é mais característico de uma representação social que os demais elementos. Nas análises, levando em consideração que cada discurso é único, as estruturas discursivas apresentadas portam singularidades e conteúdos similares importantes ao objeto estudado. Os sistemas periféricos encontrados nesta investigação, possuem como função proteger o núcleo central, permitindo que os achados façam uma adaptação da realidade concreta dos atores sociais, pode até mesmo integrar as histórias individuais deles, pois ele é flexível e suporta contradições. Para Rangel (2007, p.17), em torno do núcleo central são organizados “[...] elementos periféricos, que são os componentes estruturais mais acessíveis e mais vivos”.

Logo, as análises realizadas dos discursos produzidos pelos atores sociais, procuram desvendar sentidos e significados que envolvam e desvelem como se deu a formação profissional dos técnicos de natação paranaense, deixando claro que, não há críticas quanto à produção de seus discursos frente à lente apresentada por eles. O que busca-se são os sentidos que seus discursos produzem, e eles não devem e nem podem ser comparados. Isso posto, em seus discursos, são materializados as

³⁶ Essa ideia de subteoria é apresentada no texto de Abric: O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, D. (Orgs.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

representações que fazem parte das relações sociais travadas cotidianamente à beira da piscina, nas competições, em seus clubes/associações, nas conversas entre eles.

3.1.1 PRIMEIRO SISTEMA PERIFÉRICO DISCURSIVO: A ESCOLHA PELA PROFISSÃO DE SER TÉCNICO DE NATAÇÃO

Nas interpretações dos sentidos dos discursos produzidos pelos atores sociais, algumas estruturas emergiram de forma direta ou indireta, cumprindo o papel do **sistema periférico** das representações sociais da escolha pela profissão. Ao falarem sobre os **fatores/motivo que os levaram a serem técnicos de natação**, é muito forte a presença do discurso que remete, em sua maioria, às experiências obtidas como atleta, fazendo com que suas memórias motora e afetiva, os aproximem de um campo no qual se reconhecem e se entendem.

Podemos apontar que os seus discursos apresentam certa valoração de suas vivências práticas, quer seja como nadador ou mesmo como atleta de outra modalidade esportiva. Para tanto, seguem algumas estruturas discursivas dos atores sociais:

[...] precisava trabalhar. [...] **Era o que eu conhecia** como atleta, tecnicamente, (...) mas eu não tinha formação nenhuma.

[...] E aí **como consequência** a escolha da educação física foi meio automática né, na parte de formação. [...] Então essa foi a teia que foi se construindo.

[...] então são **muitos anos como atleta**.

[...] quando eu tinha 17 anos ainda, eu **ainda nadava**, competi até os meus 22, aí com 17 anos eu **consegui um emprego em uma escola de natação**.

[...] eu **fui atleta**, lá atrás.

[...] princípio é **porque eu fui nadadora** mesmo.

[...] eu estava na metade do curso e **comecei a fazer estágio em natação numa academia.**

Fica evidente nos discursos, que a escolha foi direcionada seguindo as condições de ter sido atleta, ou seja, a opção óbvia era seguir pelo caminho conhecido do campo de treinamento, caminho este confortável, devido às relações vivenciadas durante boa parte de suas vidas. O caminho natural seria que, ao deixarem de ser atletas, se tornariam professores de escolinha³⁷ (processo inicial), depois auxiliares técnicos, e enfim técnico, começando a galgar pelas equipes menores até chegar à equipe principal. O desfecho de ser técnico possui um caminho, e a priori, todos percorreram esse caminho, motivados pelas experiências esportivas, e por se verem dentro desse campo de trabalho; nos parece que não haveria outras escolhas, ela foi “naturalmente³⁸” sendo organizada em suas vidas.

Nos discursos é perceptível a importância da vivência prática da modalidade, quase como balizadora de sua ação, pois, terem vivenciado situações dentro da água enquanto atleta colabora nas resoluções de problemas e no entendimento sobre as coisas da beira da piscina. Identifica-se no discurso, a apropriação do conhecimento específico do gestual natatório, quem não passou pelas experiências da água não possui uma “biblioteca de movimentos³⁹”, que pode ser usada no decorrer de sua profissão; dessa maneira, somente o nadador possui, porque é ele quem vivencia o conhecimento motor/gestual natatório, isso fica evidenciado no discurso desse ator social: **“O que mais ajuda é o conhecimento de nadador [...]. Mas, por exemplo, o conhecimento de nadador faz que você seja um pouquinho mais criativo para que ele não seja tão enfadonho”.**

Entende-se que esse processo que os levou a pensar e se tornar técnico de natação, está ligado diretamente a experiências positivas que tiveram no decorrer de sua identificação como atleta. No entanto, todos apontam que é necessário muito mais

³⁷ Aqui é o início do processo, ser professor de natação inicia-se com o processo ensino-aprendizagem desde a adaptação até o ensino das técnicas. O professor da escolinha é responsável pela iniciação dos nados e aprendizado dos mesmos. Mas vale ressaltar, que no mundo esportivo brasileiro é prática histórica identificar o técnico, licenciado ou não, como professor.

³⁸ Ressaltamos que essa naturalidade do socialmente construída se dá, quando o nadador ou mesmo o ex-nadador passa a auxiliar no processo de ensino da aprendizagem do nado, depois ele passa para as turmas de aperfeiçoamento e, depois naturalmente a auxiliar técnico, e depois técnico.

³⁹ Estamos usando esse termo, que apareceu nas entrevistas do projeto piloto, por entendermos a força dessa representação: a biblioteca aqui remete a piscina, e o movimento aos livros (conhecimento do gestual natatório).

que essas vivências para ser um técnico. Sabe-se que a formação do profissional de Educação Física, se dá em instituições de ensino superior e é materializada atualmente no curso de Bacharelado, tendo como obrigatoriedade, o credenciamento do profissional junto ao CREF do seu estado.

Com a regulamentação da profissão, tornou-se obrigatória a formação, entretanto, não se pode deixar de analisar que esse conhecimento do técnico, chamado anteriormente de “biblioteca de movimentos”, em geral, passa a ser condicionante das ações dele à beira da piscina, pois suas ações e procedimentos ocorrem na maioria das vezes, a partir das experiências vivenciadas anteriormente por ele. São essas experiências, esse conhecimento do gestual motor do período de nadador, que inicialmente é utilizado por ele para construir seus treinos e suas séries. Isso fica muito claro quando se mergulha também em pesquisas de outras modalidades como o futebol, voleibol, atletismo, entre outras, nas quais aparecem os mesmos discursos, que demonstram a importância de ter sido atleta para sua formação de técnico.

Para *Flexner* (1910), citado por Soriano (2003), um dos critérios para definir e caracterizar uma profissão, se encontra na prática profissional baseada em conhecimentos de uma rotina conhecida. Souza Neto *et al.* (2004), apontam que até meados dos anos 1960, os cursos existentes de formação de professores de Educação Física mostravam-se ineficientes no quesito de trazer subsídios sobre treinamento esportivo. Antes da instituição dos cursos de Bacharelado, eles tinham como característica um formação generalista, e então não davam conta das questões técnicas específicas do esporte de competição, apresentava tão apenas, um olhar sobre os conteúdos de forma geral.

Esse fato possibilitou que ex-atletas, ocupassem o lugar dos profissionais formados, e entendia-se que essa ação não atendia de forma efetiva o mercado profissional dos treinadores esportivos. Pode-se afirmar que isso ocorre ainda atualmente em todos as modalidades esportivas, e acentua-se mais com o futebol, permitindo até mesmo pessoas sem formação universitária.

Segundo estudos apresentados por Marturelli Jr (2002), Costa, Salmuski e Marques (2006), e Talamoni *et al.* (2012), ainda no país, no futebol, a maioria dos técnicos esportivos traz como prêmio máximo em seus currículos terem sido atletas. A grande parte deles exerce a função de técnico da modalidade sem ter passado por nenhum tipo de formação profissional.

É comum verificar que quando um atleta encerra sua carreira, procura ainda manter algum tipo de vínculo com o clube e/ou instituição esportiva que estava defendendo. Geralmente ele projeta sua carreira no campo esportivo, passa a proferir palestras sobre sua vivência enquanto atleta; alguns se enveredam no campo da gestão esportiva, outros, devido essa vivência esportiva, até buscam formação superior, e ainda outros, trabalham a partir de suas próprias experiências de ex-atleta.

Pode-se apontar alguns exemplos de ex-atletas, que estão no campo do esporte atuando nas mais diversas funções, sendo que alguns buscaram formação superior, outros só a experiência de ex-atleta é considerada como suficiente, e outros fizeram cursos de curta duração para a apropriação de conhecimentos específicos da área de atuação:

Rogério Aoki Romero da natação: como gerente de esportes do Minas Tênis Clube: fez cursos de Gestão empresarial e Gestão de projetos.

Luís Lima da natação: Secretário de Alto Rendimento do Ministério do Esporte em 2016 e professor de educação física.

Gustavo Borges da natação: formado em Economia, dono de academia e franchising, palestrante no Brasil sobre suas experiências na água configurando com gestão em academias.

Maria Paula Gonçalves da Silva ou a “Magic Paula” do basquete: fez especialização/MBA em esporte na Fundação Getúlio Vargas/SP, ministra palestras motivacionais sobre suas experiências como atleta, e já foi Secretaria Nacional do Esporte, na gestão do Ministério do Esporte de Agnello Silva;

Bernardo Resende, “Bernadinho” do voleibol: formado em Administração, além de conferencista, também é empresário em várias frentes distintas de negócio e faz parte do conselho de administração de todas elas, possui curso de especialização/MBA. Foi técnico da seleção brasileira masculina e feminina de voleibol.

José Roberto Guimarães do voleibol: formado em educação física, técnico da seleção brasileira feminina de voleibol.

Carlos Caetano B. Verri, “Dunga” do futebol: profissional provisionado para exercer a atividade de técnico inicialmente, e posteriormente fez o curso de educação física, foi jogador de futebol da seleção brasileira e técnico da seleção brasileira de futebol;

Renato Portallupi ou “Renato Gaúcho” do futebol: ex-futebolista brasileiro. Atualmente, é treinador do Grêmio, onde foi campeão da Copa do Brasil em 2016. Não possui formação acadêmica superior;

Rogério Ceni do futebol: ex-jogador do São Paulo, e atualmente técnico do mesmo time no qual se aposentou, não possui formação acadêmica, porém ele fez em 2016, o primeiro módulo do curso da Federação Inglesa de Futebol, a FA (*Football Association*) para formação profissional, sendo que esse nível inicial tem duração de duas semanas.

Jorge Amorim Campo – “Jorginho” do futebol: ex jogador, atualmente sem time. No ano de 2016 foi técnico do time de futebol Vasco da Gama-RJ.

O que todos têm em comum é o passado de ter sido atletas, e essa característica “ter sido atleta” os levou a alçarem voos no campo esportivo. Situação essa, corriqueira na modalidade do futebol de campo como também em outras modalidades. No Jornal Extra de 26/06/2014, foi apresentada uma reportagem que remete à uma lista de ex-jogadores que já passaram pelo ensino superior, apontando que, estudar e romper as barreiras das peneiras de futebol não é uma missão muito fácil, por isso, poucos são os atletas que conseguem aliar a profissão de atleta e ainda a vida estudantil, e que consiga chegar ao ensino superior. Muitos deles segundo a reportagem, “[...] só podem concluir os ensinamentos Fundamental e Médio após o término da carreira. Há quem tente e nunca consiga concluir. Mas há os que conseguem -- ou pelo menos estão tentando” (LISTA EXTRA, 2014).

O discurso premente sobre a relação **ter sido atleta x base de formação profissional** traz à tona o processo do que aconteceria; parece ser natural buscar o campo profissional naquilo que fez parte de sua vida: nadar. Dessa forma, trabalhar no campo da natação se torna parte/continuação, uma extensão de sua vida de atleta: “[...] quando eu entrei na faculdade eu estava nadando, mas logo em seguida já apareceu uma oportunidade de trabalho por contatos”. “Ah, você nada, você tem mais experiência, fica mais fácil de você ensinar”. “Então aí foi essa a teia que foi se construindo”.

A construção da carreira é organizada pelas suas experiências, e de maneira geral, ela aparece no mesmo local de onde era atleta ou as teias de relação que eles constroem entre os clubes de natação. Para eles, esse é o campo de formação profissional, o que realizaram nos treinos no dia a dia, é a base do conhecimento identificado por eles. Essa construção da aprendizagem do gestual natatório ou das

habilidades e conhecimentos específicos da modalidade esportiva são ratificados nas falas encontradas de outros atletas tidos como atores que determinam o comportamento; são considerados discursos de elite e tem força própria. Vejamos o exemplo de Zico e Renato Gaúcho na reportagem do Jornal O Dia no dia 08/12/2016:

[...] *Estudar eu estudei Matemática, Português e Geografia porque meu pai me colocou na linha. Mas não preciso de alguém para me ensinar como se faz gol. Futebol não é uma ciência exata. É preciso ter visão e percepção, mas é um dom, não se estuda* (ZICO, JORNAL O DIA, 2016).

[...] *Quem precisa aprender, estuda, vai pra Europa... Quem não precisa vai pra praia. Disseram: estão trazendo um treinador que estava jogando futevôlei... Eu pergunto, e agora? E aí? Futebol é como andar de bicicleta. Quem sabe, sabe. Quem não sabe, vai estudar* (RENATO GAÚCHO, JORNAL O DIA, 2016).

Outro ex-atleta e técnico do futebol, Jorginho, iniciou na carreira de técnico em 2005, foi também auxiliar técnico de Dunga na seleção brasileira, em entrevista no Programa Bem Amigos do canal SportTV, no dia 24 de junho de 2016, ao falar sobre sua formação diz: “[...] ***eu sou um treinador, muitos me chamam de professor, mas não estudei nada, não fiz universidade, mas a universidade do futebol, da vida, eu aprendi muito***”. Veja, os três discursos, reforçam a prática/conhecimento de ter sido atleta, como a experiência mais importante para a profissão, o domínio do lugar, no caso deles, do campo de futebol.

Esse campo de formação profissional apontado por eles é muito importante, mas se deve entender que para qualquer pessoa, seja ex-atleta ou não, e que queira adentrar no mundo do esporte, do treinamento de rendimento, ele deve assumir/entender que para essa função, é obrigatório ser capaz de desenvolver capacidades específicas para maximizar a qualidade de seus atletas, suas experiências como atletas devem estar em sintonia com os conhecimentos apreendidos no campo da ciência, da universidade (o conhecer/ler sobre). Para tal, se faz necessário ter uma base sólida de conhecimentos específicos e científicos que devem ser sustentadas também pela apropriação do que se está fazendo cientificamente, o conhecer, contrariando como aponta Duarte (2009), a maneira habitual de formação rudimentar que é baseada meramente em experiências práticas do período em que foi atleta.

Fica também evidente, que o percurso natural da aproximação do ser atleta para a escolha de ser técnico de natação se dá na transição em que esse ator social arruma emprego em uma academia ou escola de natação, e novamente segue a ordem natural das coisas: “[...] **eu já fiquei dando aula de natação e depois eu me interessei mais na parte de competição** por causa dos resultados”. Não obstante, isso não ocorre de forma pensada e analisada, ela se dá a partir das configurações sociais formadas pelos atores sociais, por meio de suas relações de interdependência com outras pessoas, configuradas pela representação de seus técnicos. Essa teia de relações, influencia os rumos a serem tomados na vida individual como na social, seus pares pensam e vivem a partir daquele espaço naturalmente apropriado por eles. Vejamos seus discursos:

[...] inicialmente **o que me fez pensar em ser um professor de educação física e ser um técnico de natação**, foi o meu **envolvimento como o fulano, e esse tempo de competição** todo que eu tive que me fez me apaixonar por isso.

[...] **Eu tinha uma ideia (...)** uma ideia disso. (...) **mas se eu iria trabalhar com natação, isso era uma certeza.**

[...] E então, **daí quando eu entrei, eu entrei com ele como auxiliar técnico. Eu fiquei com ele como auxiliar dele até me formar. Eu me formei em 2003 oficialmente.**

[...] e também **a minha relação com meu antigo técnico XXX, com certeza me despertaram para ter isso como minha profissão também.**

Corroboramos com Brandão (2000), quando infere que as mudanças ocasionadas na vida dos indivíduos, quase sempre tendem a se moldar e adequar de acordo com as influências ao seu redor, e aos acontecimentos sociais pertencentes à sociedade a qual ele está inserido; então pode-se inferir, que a construção de sua escolha profissional é organizada a partir disso. Segundo Talamoni (2013, p.32), ao trazer Norbert Elias em sua dissertação de mestrado ele aponta que de maneira geral todas as escolhas partem sim de influências que;

[...] resultam das diferentes configurações em que estão inseridas durante sua vida, e que evoluem naturalmente de acordo com seu convívio social. As ideias, as vontades e desejos são modelados a

partir de todas as experiências, principalmente daquelas que se apresentam no interior dos grupos em que conviveu ao longo de sua vida.

De maneira geral, escolher uma profissão, pode ser um momento de indecisão, pois muitas vezes não se tem certeza que a decisão tomada será acertada e se concretizará mais adiante. Nandakari (2001), aponta que muitas vezes o que leva um indivíduo a escolher determinada profissão está relacionado com os fatores facilitadores e os atrativos que a profissão escolhida proporciona, como por exemplo, escolher a profissão pensada a partir da segurança que pode proporcionar o dinheiro, a ascensão social, entre outros.

O mercado para um profissional possui características comuns a quais cada grupo social é inserido e que deve se submeter a ele, dessa forma, todas as profissões possuem por características conseguem estabelecer algumas regras diferenciadas para sua presença nessa instância da vida social (BARBOSA, 2003). Para Lawson (1984), às vezes se escolhe a profissão sem pensar de forma mais efetiva nessa escolha, e ao entrar na graduação, inicia-se uma detecção da escolha da profissão, começa-se a ligar os fatos, verificação de campo de atuação, causando então maior interesse ou mesmo um desinteresse pela profissão.

Rudá (2016), aponta que a escolha de uma profissão não ocorre no início do processo de escolha de um curso para a graduação, e sim, inicia-se antes desse período da matrícula, ele acontece na construção de sua própria identidade pessoal, pois a escolha de uma profissão envolve entre outras coisas, não somente considerar “características individuais ou das interações familiares dos sujeitos que escolhem, mas integra também o contexto local de interações do indivíduo com sua comunidade e bem como o âmbito macrossocial no qual estão inseridos” (p.82)

A escolha de uma profissão para Rossoni e Felicetti (2012), aparece quando se retorna as experiências vividas, tal qual Tardif (2012) aponta em seu livro, elas inferem que as experiências que são oriundas à formação profissional vem da “família, infância, relação com professores e colegas, convivência com grupos de pares, atividades esportivas e artísticas, pode promover entusiasmo, reavivar os desejos que nortearam a escolha e levar à compreensão do que se é e o que se pretende ser” (ROSSONI e FELICETTI, 2012, não paginado).

Acredita-se que os atores dessa pesquisa, se encaixam melhor na descrição dada por Tardif (2012), que salienta que o interesse por uma profissão se dá pela

história de vida e por uma socialização inicial com os aspectos dessa profissão. Entende-se encaixar perfeitamente no caso da escolha de ser técnico de natação, ter vivenciado experiências na água.

Portanto, o conhecimento prático; ser nadador; faz parte da construção dessa formação profissional, pois os acadêmicos trazem como referência as experiências sociais e corporais que possuem. Eles possuem representações em “torno do significado da formação em Educação Física, em geral, apreendido pelas suas experiências corporais no esporte, lutas, dança etc” (PEREIRA, 2014, p.106). Ainda para o autor;

[...] faz-se importante organizar a formação de modo a compreender e contemplar as experiências sociais do aluno do curso de Educação Física não apenas como forma de interação entre a cultura de origem e a cultura de formação, mas, também, como uma maneira de intervir e romper com algumas concepções incorporadas e transferidas para os cursos de formação (ibid).

A partir do que foi discutido acima, pode-se apontar que, o que os levou ao campo do treinamento de rendimento, fazendo a escolha pela profissão de técnico esportivo, está relacionado com as configurações e experiências produzidas ao longo do tempo em que foram atletas, sendo que essas experiências influenciaram na escolha de suas carreiras: ser técnico de natação. Essas representações são fortemente marcadas pelas experiências de vida.

3.1.2 SEGUNDO SISTEMA PERIFÉRICO DISCURSIVO: CAMPOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Outro **sistema periférico** que emerge dos discursos dos atores sociais, corresponde **ao campo de formação profissional** dos técnicos de natação, será dividido em dois blocos, pois entende-se que durante seus discursos eles realizam uma divisão clara entre a formação em nível de graduação, e os conhecimentos para a sua formação profissional de técnico de natação que são baseados no senso comum. Sendo assim, realizamos as análises da seguinte forma:

A) formação em nível de graduação, que vem do universo reificado, em que temos os conhecimentos científicos com rigor lógico e metodológico a partir da ciência produzida na área da Educação Física, e,

B) formação a partir do senso comum, caracterizada pelos saberes produzidos no campo da natação, como o local de organização de aprendizagem motora, produzida a partir das relações/ações com outros técnicos, e que se materializa para eles nos cursos e clínicas específicos da área do treinamento de natação.

No que diz respeito ao primeiro bloco, referente à **Formação em nível de graduação**, tomou-se como ponto de partida a **graduação de Educação Física** dos atores sociais no início da construção de sua formação profissional, formação essa, que acontece dentro das universidades/faculdades.

A partir dos discursos produzidos pelos atores sociais, se tornou evidente a universidade como local de passagem, e muitas vezes sem nenhum ou pouco contributo à sua formação de técnico de natação. A universidade, curso de graduação, que de maneira geral para eles, não produz um conhecimento específico para o processo de formação de um técnico de natação, pois é essa profissão que almejam. Assim, eles produziram as seguintes estruturas discursivas sobre:

[...] Mas foi muito **superficial**, (...) Porque a minha visão não era de que **aquilo poderia tão superficialmente me ajudar em alguma coisa**.

[...] eu acho que na **minha época**, a **universidade ainda estava** muito... [...] Bem **defasada**, a minha época.

[...] do **meu ramo**, que é **treinamento esportivo**, ela **abriu os olhos**. Por exemplo, **é muito pouco tempo de aula**, por exemplo, são 20-30-40 horas – sei lá – de cada matéria.

[...] Então, mas a **matéria em si**, o **treinamento esportivo** da faculdade, **não foi o determinante para me dar um norte para o treinamento**.

[...] Ai. **Desculpa a minha sinceridade**. Nenhuma. **Da faculdade, nenhuma**. Então a **parte da educação física** eu **achei muito pouco produtivo o que eu aprendi** na Universidade XXXX. Foi na universidade que eu aprendi também a biologia, a biofísica, a bioquímica, a nutrição.... Ela **te dá uma base**.

[...] **aprendi muita coisa**, assim, na universidade, (...) **então eu acho que não por culpa da faculdade**, que tinha que atender toda uma demanda de pessoas que não tinham conhecimento nenhum da natação, **para mim ela acabou sendo muito superficial**.

[...] Eu acho que **para eu, que j a vivia nesse esporte**, ela **não conseguiu somar**, trazer alguma coisa nova que eu pudesse aplicar que pudesse... e bem pelo contrário, **me fez ficar preocupado**.

[...] **Estão saindo hoje professores de natação da universidade que não tem como alguém se interessar pela natação através do ensinamento que a gente teve numa universidade**.

[...] **Eu acho que poderia preparar melhor**. Então, por esse momento, (...) o que **eu acho que deve estar começando a acontecer a partir de agora**. (...) **mas dali não saiu nenhum professor querendo atuar na natação** depois.

[...] **Ela te d a uma base**. (base está ruim?) Eu acho que sim, n . Porque **o que a gente procura, hoje?** O que a gente procura para ter estagiário n  de natação. **A primeira coisa a gente procura é que tenha sido atleta**.

Pode-se verificar que seus discursos produzem certa negação da universidade, do curso de Educação Física para sua formação. Percebe-se que o que procuravam era um local que lhes apresentassem conhecimentos específicos sobre natação. As discussões que envolviam sua formação deveriam centrar-se na organização metodológica, nos nados específicos, nos erros e acertos, das planificações, que pertencem ao universo do treinamento esportivo. Por conseguinte, os discursos produzidos no local (universidade) ainda hoje parecem fora de propósito para eles, e, o que buscavam eram "receitas" para ajudar no encaminhamento dos treinamentos; e o conhecimento obtido dentro das salas de aula, relativos à matriz de disciplinas para a formação do profissional de Educação Física, não é visto por eles como algo importante. Dessa maneira, apresentam certa dificuldade na transferência do que aprenderam para a utilização no meio aquático, visto raras exceções.

Os atores sociais não conseguem ainda compreender que um dos papeis da formação inicial na universidade, é possibilitar uma base de conhecimentos específicos sobre a profissão que o indivíduo escolheu, conforme a fala: "a natação que eu tive na universidade foi progressão pedagógica. Então não foi determinante, não". Identifica-se no discurso, que aprender os procedimentos de

formação inicial da natação, progressão pedagógica dos nados, não faz parte daqueles conteúdos esperados por eles a ser estudado. Seus discursos levam a inferir que eles buscavam na universidade, no curso de graduação, respostas específicas para se tornarem técnicos; o que estudar, o que fazer, como fazer, pode-se até dizer que eles esperavam “receitas de bolo” para o fazer imediato. Notem esse discurso: “**Mas para a natação, todo o conhecimento eu fui buscar fora. [...] Da faculdade em si, nada**”.

Em sua grande maioria, os técnicos de natação entrevistados, com formação na universidade na área de Licenciatura, exibem discursos que revelam falta de clareza sobre a identificação das competências de um professor; não possuem qualquer tipo de identificação com o educador, aquele professor da escola para qual a sua formação encaminhava.

Carmo (1992), em pesquisa realizada aponta que seus investigados não compreendiam a formação na década de 1980 e 1990, e apresentavam certa dificuldade no quesito de entendimento de ser professor, para que estavam sendo formados, e ainda dizia que os alunos estavam sendo formados sem consciência política também. Se, o objetivo principal para eles na formação universitária era ser técnicos, então, não existia; não percebiam uma relação maior em se aprofundarem nas questões referentes ao professor da escola, sobre as coisas da educação.

Segundo Tojal (1989, p.20), na década de 1980, os currículos Educação Física não possuíam uma formação específica. Um dos principais objetivos era ensinar atividades esportivas, sendo as disciplinas desenvolvidas de forma dissociadas de todo o processo sendo que, “[...] acabou por formar um profissional com algum conhecimento da área pedagógica e de modalidades esportivas, gerando com isso inseguranças para sair do campo específico da educação”, e está presente nos discursos dos atores, conforme segue: “[...] **Ah, sim, eu acho que aquela grade de disciplinas que eu tinha no meio acadêmico é, realmente assim, para o meio esportivo ela te dava uma base muito, muito é superficial assim**”.

A formação universitária se efetiva através das ações que são desenvolvidas por todo corpo docente do curso, por meio de intervenções sociais, culturais e científicas, que organizam e possibilitam instrumentalizar os alunos para obterem informações a fim de serem capazes ao final do transcurso de apreender, compreender e selecionar ações que visam interferir na realidade à qual estarão inseridos quando se formarem. Martins (2016, p.29), diz que a formação nas

universidades “[...] não pode abdicar de inserir o conhecimento e a prática técnico-científica no contexto maior dos valores humanos”. Sabe-se que o aprofundamento de uma área de atuação ocorre após a formação inicial à graduação, e ainda para a autora, essa que é considerada a primeira de uma etapa de formação para consolidação de um profissional, ela é;

[...] definidora de uma futura identidade profissional, caracteriza-se por possuir uma dinâmica própria, construídas nas ações pedagógicas do ensino-aprendizagem de uma determinada área de conhecimento. Nesse contexto, as práticas educativas desenvolvidas na graduação tem na qualidade a meta a ser sempre alcançada, num empenho permanente e efetivo da comunidade acadêmica para imprimir e consolidar um patamar de excelência cada vez mais alto para a educação superior (MARTINS, 2016, p.35).

Entende-se que até existam discursos que apresentam certa preocupação em dizer que algumas coisas dentro das matérias estudadas, foram mais relevantes, mas seus discursos não se referem à importância da formação na graduação frente à profissão atual de técnico, a exemplo da fala: “[...] **algumas disciplinas pouco conhecimento sobre conteúdo de preparação**” ou “[...] **aprendi muita coisa, assim, na universidade, (...) então eu acho que não por culpa da faculdade, que tinha que atender toda uma demanda de pessoas que não tinham conhecimento nenhum da nataçãõ, para mim ela acabou sendo muito superficial**”. Esta relevância apresentada por eles, leva a ideia que uma ou mais disciplinas possibilitaram o entendimento do processo de nataçãõ, como nos discursos abaixo:

[...] eu tive **uma disciplina de treinamento desportivo dentro da universidade**, cujo professor foi, é ainda treinador também, não é da área da nataçãõ, (...) eu me encantava e me alimentava mais ainda a vontade de tentar ser que nem ele.

[...] eu acho que **você entra numa faculdade já meio que direcionado**, não tem jeito. **A gente que veio da nataçãõ vem da beira da piscina, é nataçãõ, aula, hidroginástica, é aquela área. Então a graduação na época**, ela tinha muita matéria de licenciatura e as matérias mais técnicas, que claro, é o que a gente curte mais, aí já não eram tantas assim.

[...] eu **senti uma falta de referência**, do tipo **do professor que me desse a planificação, poxa você segue esse, esse e esse modelo**

né, mas porque, assim é, dentro da dentro da (silêncio) disciplina vamos dizer assim.

[...] assim, eu, **eu acho que independente da disciplina o principal fator que prejudicou aí a formação**, é como um despertar para esse outro lado né, não só como a licenciatura do trabalho na escola aí educacional vamos dizer assim, **mas para o desenvolvimento de aptidões dentro do treinamento é, é ou no entendimento do treinamento né, vai pelo perfil do técnico ou do professor.**

Fica evidente que as disciplinas de referência deveriam estar voltadas ao campo que eles imaginam e consideram ser importantes: a natação. Porém, cabe as IES definirem propostas pedagógicas no curso de forma o de Educa o Física bacharel, na qual possibilite que essa forma o inicial de parâmetros para o estudante compreender o campo de sua interven o.

De acordo com Nascimento *et al.* (2009, p.359)   necessário que seja sejam ofertadas diversas possibilidades que deem conta de uma “interven o didático-pedagógica no esporte e a vivência de experiências de ensino diversificadas. Além de auxiliarem na constru o das competências pedagógicas dos estudantes, favorecem o encantamento com o desempenho profissional na  rea”. Essa importância apresentada por Nascimento *et al.* (2009) também aparece em outros estudos (PERRENOUD *et al.*, 2001; CHARLIER, 2001; ALTET, 2001 e PIMENTA, 2002), e quando falamos na forma o do profissional de educa o física no campo do esporte destacamos autores que ratificam a importância de ter currículos que permitam experiências diversas modalidades esportivas no processo inicial de forma o, disciplinas estas ligadas diretamente ao ensino dos esportes (BENTO, 1993; CRUM, 2002; MARCON, NASCIMENTO; GRAÇA, 2007; NASCIMENTO, 2002; 2009)

Podemos inferir, que os discursos de nossos atores sociais levam à reflexão de como os currículos estão sendo organizados em cada institui o, bem como como o corpo docente de uma institui o de ensino superior, consegue transferir esses saberes para que haja um entendimento de que, ao final da forma o aquela matriz de conhecimento possibilitou a forma o de um profissional.

Pensar os currículos de forma o inicial, é trazer à tona as discussões que se intensificaram na década de 1980, o papel da forma o profissional, quer seja na Educa o Física ou quer seja em outras áreas da Licenciatura. Desde sua cria o até hoje, os currículos passaram e vem passando por modifica es significativas como,

por exemplo, “[...] o desenvolvimento das disciplinas pedagógicas ao longo do curso incluindo a prática pedagógica, que passa a ser valorizada dentro do processo de formação” (OLIVEIRA e BONFIM, 2012, p.69).

Na Educação Física, principalmente até ocorrer à separação do curso em Licenciatura e Bacharelado, a formação estava centrada na escola, mas ainda assim, existiam disciplinas que discutiam o campo do esporte. No currículo chamado tradicional-esportivo, eram enfatizadas aquelas disciplinas que possuíam um teor prático, e segundo Betti e Betti (1996, p.10), o conceito das disciplinas esportivas era baseado na “execução e demonstração, por parte do graduando, de habilidades técnicas e capacidades físicas. (...) Há uma separação entre teoria e prática”.

Esse modelo de formação que se iniciou nos anos 1960 e se solidificou a partir da década de 1970, acompanhava a extensão dos outros cursos de Licenciatura, e a esportivização era o carro chefe da disciplina de Educação Física no campo escolar, todavia, não se pode deixar de admitir que ainda existam resquícios desse tipo de formação atualmente.

Para Brasil (1987), no final da década de 1980, a estrutura curricular dos cursos de formação foi alterada a partir da Resolução CFE nº 03/87, que acabava com o currículo mínimo, na qual passa a contribuir de certa forma para melhoria curricular (BRASIL, 1987). A partir dessa resolução existe a possibilidade de se ampliar a formação em nível de Bacharelado, considerado então, campo importante e mais adequado para aqueles que desejavam trabalhar fora da escola (RAMOS, 1995).

Com a criação do curso de Bacharelado em 1987, uma das justificativas seria que ele deveria preparar os formandos para atuarem nos campos destinados à área fora da escola. O argumento da época fundamentava que a preparação e formação na área da Licenciatura não estava mais dando conta de preparar um profissional de forma adequada frente às diversas possibilidades de atuação para o profissional de Educação Física (KUNZ, 1998).

Nesse sentido, sabe-se que o curso de Bacharelado vem passando por transformações ao longo do tempo, transformações estas, que reportam à mudanças importantes nas últimas décadas, as quais Pizani e Barbosa-Rinaldi (2014, p.671), apontam que essas transformações ocorreram;

[...] em virtude do estabelecimento de novas Diretrizes Curriculares nacionais (DCNs) que consigna uma diferente configuração para a

área mediante reestruturação curricular, orientadas pelas Resoluções CNE/CP n. 1 e 2/2002 (licenciatura) e CNE/CES n. 7/2004 (bacharelado).

A partir do exposto acima, pode-se inferir que existe falta de identidade própria de cada curso, que deveriam estar presentes nas duas formações como previsto nas diretrizes educacionais, e essa falta de identidade pode ter comprometido a relação de entendimento dos profissionais formados, bem como da sociedade.

Considerando que a própria sociedade ainda não consegue compreender as diferenças entre a separação do curso em Licenciatura e Bacharelado, Silva (2011, p. 83), aponta acertadamente que essa confusão no entendimento da separação no curso de graduação “[...] tem comprometido a identidade do profissional/professor em relação a ele próprio e à imagem que a sociedade tem dele, que confunde e deteriora ainda mais a imagem da Educação Física como área de conhecimento”. Para a sociedade, tanto o professor licenciado quanto o profissional do bacharelado, são professores/profissionais da Educação Física, e mesmos os profissionais formados, e os que estão em fase de formação, ainda possuem algumas dúvidas sobre a questão. Quando ingressam à universidade para o curso de graduação, a única certeza que se tem, é que aqueles que escolheram o Bacharelado não querem ir para a escola, contudo, já chegam com conceitos pré-estabelecidos da área de atuação que desejam atuar, quer seja no campo do esporte, no fitness, na saúde, etc.

Esse olhar único para aquele que pode ser sua área de atuação, dificulta o entendimento do papel da formação. Pode-se dizer que é visível essa confusão, tanto nos atores sociais, quanto nos acadêmicos que estão nos bancos escolares das universidades/faculdades sobre “para que” e “como formam” os cursos. Eles apontam que essa formação não os preparou para trabalhar com o campo do esporte, para ser técnico de modalidades específicas. Um dos principais motivos identificados por eles está na formação do curso para a área escolar, “[...] **a graduação na época, ela tinha muita matéria de licenciatura**”, “[...] **Porque tem várias disciplinas lá, e só chegar e aprender a dar aula**”. Entre os atores, 8 deles possuem formação na Licenciatura Plena, e o período de entrada da graduação ocorreu entre 1979 a 2001, sendo a década de 1980 e 1990 a entrada da maioria. Eles passaram por esses currículos de formação voltada para a escola, mas também tiveram a esportivização em sua formação de graduação.

Os 3 atores sociais que tiveram sua formação no Bacharelado com ingresso no curso entre os anos de 1998 a 2010, também apontaram problemas na formação do Bacharelado dizendo que, de maneira geral, o curso não contemplava o que buscavam: “[...] **Não traz grandes contribuições, assim, para uma pessoa que vai querer trabalhar na área**”. Ou seja, seus discursos se aproximam dos discursos dos atores sociais que fizeram Licenciatura, pois, reconhecem o curso de Bacharel com pouco conteúdo discutido. Entre o que era o curso, e o que buscavam em sua formação, percebiam que havia uma lacuna para o desenvolvimento da preparação do técnico esportivo. As estruturas discursivas apontam:

[...] para **eu**, que **já vivia nesse esporte**, ela **não conseguiu somar**.

[...] **questão da nataçãõ em si né, a gente tem uma matéria**, na Universidade XXXXXXXX pelo menos, a gente tem uma matéria **no primeiro ano e eu diria que é uma matéria bem rasa**, sabe?.

[...] O **professor, a universidade em si**, ela **me mostrou as ferramentas**, ela **não abrangeu nada...** o que foi feito na faculdade, **agora não serve para praticamente... Não serve para nada. Só me deu o diploma**.

[...] Ela **te dá uma base**. Mas **para a nataçãõ, todo o conhecimento eu fui buscar fora**.

Os discursos dos atores sociais que tiveram sua formação na Licenciatura e/ou Bacharel, ratificam as discussões produzidas por pesquisadores da área como Pellegrini (1998), Barros (1993), Okuma (1996) e Verenguer (1997), entre outros, que dizem ainda existir uma definição equivocada sobre o campo de formação para professores de Educação Física na Licenciatura, e para o profissional de Educação Física no Bacharelado. Essas duas áreas ainda são fortalecidas por uma representação desses profissionais, voltadas para um perfil atlético ainda muito ligado à prática de exercício físico ou do esporte.

Moreira (1988), destaca que a formação profissional “[...] em 50 anos dedicados a licenciatura, os cursos de Educação Física, a nível superior, não conseguiram desenvolver, competência para o trabalho em Educação Física formal” (p.266). Dessa maneira, com a divisão ocorrida no curso, dúvidas ainda permeiam professores que estão em universidades/faculdades responsáveis por essa formação, e é lógico que isso reverbera na maioria dos profissionais que atuam e muitas vezes não

compreendem qual a função de cada aérea. Isso fica evidente no discurso de um dos atores sociais com formação em bacharelado, quando diz: “[...] **mas o curso (bacharel) ele está muito (...) como eu posso dizer? Com muita matéria no campo social, Educação Física e Cultura, Educação Física e Sociedade, Educação Física (...) esse tipo de matéria. Não que eu não acho elas importantes, com certeza eu acho, mas elas estavam assim, acho que ultrapassando os limites do que as pessoas, de fato, estavam buscando ali**”.

Percebe-se que, ainda existe falta de entendimento pelo olhar dos atores no tocante a relação das disciplinas consideradas por eles “teóricas e práticas”, podemos inferir que existe uma visão equivocada com relação a perda de espaço de uma formação pautada somente na “prática” e o fortalecimento da área de formação com base teórica, e, esse discurso ratifica o apontado sobre o curso: “**Com muita matéria no campo social, Educação Física e Cultura, Educação Física e Sociedade, Educação Física...**”, sendo que eles na verdade, buscam um campo de aprendizado para o fazer.

Ghilardi, em 1998, já apresentava um debate que remetia aos cursos de formação da época, no qual essa formação profissional nos moldes apresentados não possibilitaria a formação de um profissional de Educação Física para o mercado de trabalho, pois a maioria dos cursos;

[...] privilegiam a prática de habilidades motoras como um fim em si mesma através de disciplinas ligadas a modalidades esportivas. Um curso de formação profissional em Educação Física deve conter disciplinas que explicam, em diferentes níveis, o fenômeno Movimento Humano, suas implicações e adequabilidade para o indivíduo engajado em programas de atividade física. O profissional deve saber justificar suas atitudes (1998, p.1)

Antunes (2012), em sua pesquisa de doutorado, propõe discutir a relação entre a teoria e a prática na formação do profissional de Educação Física, na qual infere que essa formação é marcada fortemente por diferentes entendimentos sobre a aérea, e que acabam influenciando de forma direta no processo de construção do conhecimento, e de como esses conhecimentos estão sendo transmitidos nos cursos de formação.

Nossos atores, seguem o entendimento do senso comum, no qual, compreendem que a teoria está constituída em textos e em aulas específicas dentro das salas de aulas, e a prática para eles se constitui no fazer, no aprender a lidar com

as diversas modalidades e atividades que entendem que tenha cunho prático, que acontece nas pistas, nas quadras, nas salas de dança, academias, etc.

Autores como Newell (1990), Tani (1996) e Antunes (2012), corroboram que o conhecimento produzido nos cursos de formação profissional da Educação Física não conseguiram ser determinantes no tocante de possibilitar alterações nas práticas profissionais, dessa maneira, se mantem distanciado dos discursos na área: ela ser possuidora de um corpo de conhecimento específico. Antunes (2012, p.37), infere que esse distanciamento que aparece de forma evidente leva tanto estudantes como pesquisadores “[...] ao distanciamento das experiências e práticas do profissional que atuava no mercado de trabalho, isto é, aumentou a distância entre a teoria e a prática profissional”. Isso fica ratificado no discurso: [...] O **professor, a universidade em si, ela me mostrou as ferramentas, ela não abrangeu nada... o que foi feito na faculdade, agora não serve para praticamente... Não serve para nada**”.

Para Fensterseifer (2000), essa dicotomia que leva a certo distanciamento, deve ser visto como um problema a ser pensado como área de atuação, para que a formação seja mais coerente e próxima da realidade de intervenção desse profissional que será lançado ao mercado. Porém, não podemos deixar de apontar, que existe um desejo premente para que haja uma superação desse distanciamento tão apontado entre eles: teoria e prática, existem vários autores que buscam discutir essa necessidade acadêmica desde a década passada (FARINATTI, 1992; BENTO, 1993; MARIZ DE OLIVEIRA, 1993; PELLEGRINI e ALBUQUERQUE, 1994; KOKUBUN, 1995; TANI, 1996, RAMOS, 2006).

Atualmente, ainda existe na formação acadêmica essa preocupação no que diz respeito a divisão entre a teoria e a prática. Não obstante, o apontamento de avaliar o curso de formação com alto teor teórico se fez presente em uma das reuniões de colegiado de Licenciatura no Departamento do Estudo do Movimento Humano - EMH no ano de 2016, na qual o discurso de um estudante representante do curso na UEL, enfatizava a falta na Educação Física na formação do professor para a área escolar.

Esse discurso também reporta a falta de disciplinas voltadas ao esporte com caráter mais prático, como já mencionado pelo ator que tem formação no bacharelado, eles anseiam pela prática. Ambas as reclamações estão pautadas em um entendimento por parte dos acadêmicos de que em ambos os cursos apresentam uma base excessiva de teoria (**opinião deles**), e eles gostariam na formação, ter mais disciplinas que centrasse às ações práticas contextualizadas nas relações do esporte.

Esse olhar, muito tem a ver com o que o senso comum reflete sobre a educação física: local de esporte. Corroboramos com Lima, quando aponta que:

No senso comum, o distanciamento entre a teoria e a prática é originário das ações e ocupações das pessoas em seus labores; ou seja, os teóricos fazem a teoria e os práticos, a prática em seus contextos laborais. Assim, na educação, a teoria seria aquela produzida na universidade, nas agências de pesquisa ou nos centros de formação de professores. Já a prática da educação estaria sendo desenvolvida nos centros escolares não-universitários, pelos professores ali estabelecidos (2001, não paginado)

Assim sendo, urge que os profissionais, tanto da área escolar quanto fora dela, tenham uma compreensão do significado da prática para esses alunos/clientes. Esse discurso de “muita teoria”, pode ser um reflexo da distância ocasionada pelo entendimento do que os professores dessas disciplinas querem passar; na opinião dos atores sociais, a formação cada vez mais aparece de forma teórica. Talvez esses discursos sejam um mecanismo de defesa, no que diz respeito à relação da teoria X prática: “teoria= inútil / prática = o que queremos”. É necessário que os professores consigam levar a seus alunos um entendimento mais amplo sobre o significado da teoria e da prática, e partindo desse princípio, a fala de Sacristan (1998, p.33) reforça que;

[...] a prática se entende como atividade dirigida aos fins conscientes, como ação transformadora de uma realidade, como atividade social, historicamente condicionada, dirigida a transformação do mundo; como razão que fundamenta nossos saberes, o critério para estabelecer sua verdade, como fonte de conhecimentos verdadeiros, o motivo dos processos de justificação do conhecimento.

Tudo exposto acima será fortalecido, quando acadêmicos e profissionais já formados compreenderem como se organiza as dimensões do conhecimento para a formação de um profissional. Dimensões essas, que estão divididas em:

Formação Ampliada: que é responsável pelos conhecimentos da relação ser humano - sociedade; biológicas, e produção de conhecimento científico e tecnológico;

Formação Específica: que é responsável pelas dimensões culturais do movimento humano, técnico – instrumental e didático pedagógico.

Todas com relação entre a teoria e a prática, possuem um teor de aprofundamento, ora mais teorizado, ora mais relacionado com a ação prática, porém,

circulam pela teoria e pela prática, e são extremamente importantes para a construção do profissional, que será inserido na sociedade.

Assim sendo, a prática pela prática, como um produto pronto, “receita de bolo” não se justifica. Muitas vezes com a procura em instrumentos eletrônicos, como por exemplo, o *google*; esse artifício utilizado por eles, por “treinos prontos”, blogs, artigos científicos, opiniões de técnicos, entre outros. A busca por esse material se torna equivocada, e assusta os discursos dos atores que apontam aprender até pelo *Google*: “[...] **Substitui uma universidade, o Google**”, “[...] **Hoje, no fundo, até o Google, em certas coisas...**”.

Esta ferramenta, o *google*, apresenta-se como um local de informação, que é diferente de local de conhecimento, dando aparência que substitui conceitos estabelecidos. Não desmerecendo o papel desta ferramenta, entende-se que quando bem utilizada, permite acessar endereços e sites confiáveis. Essas pesquisas são especializadas, e pode-se obter materiais das produções que estão sendo publicadas na área do treinamento, da fisiologia, biomecânica, entre outros.

Mas, o que se percebe entre os técnicos, a partir de seus discursos, é o equivocado uso desse instrumento, como algo rápido para consulta, e com o papel de ajuda imediata a resolver e/ou solucionar problemas, sendo então, ele o local onde busca-se informações de treinos prontos, periodizações de alguns nadadores campeões, e adaptam aquele treinamento à sua equipe, sem um entendimento de como fazer e para que fazer. Também apontaram utilizar artigos encontrados no *google*, para a realização de discussões em grupos, nas quais até debatem sobre assuntos específicos, muitas vezes, essas discussões são permeadas por “textos” de blogs, opiniões de ex-nadadores, de técnicos, *etc*, sendo que uma parte desses materiais apresentam-se sem chancela científica.

Outro ponto preocupante, é a afirmação que a universidade os tenha somente “habilitado para trabalhar”. O discurso de um dos atores sociais aponta: “[...] **ela simplesmente me habilitou para ter um leve conhecimento**”. Para eles, esse é o papel do curso de Educação Física para a qual fizeram sua formação. Não conseguem perceber esses espaços como campo de formação e informação, mas sim de habilitação/credenciamento para a sua profissão. Profissão esta que, para eles é ser técnico de natação, e não profissional da área do esporte, e portanto, especialista em treinamento esportivo.

Quando levantada a discussão sobre o que é uma profissão, é necessário trazer à tona as discussões apontadas por Freidson (1998), que advoga que, quando se fala em profissão, se encontram elementos comuns sem cair no campo da generalização, que pode-se definir historicamente como profissão. Sendo assim, ele sugere “[...] que os denominadores relacionados com diversas noções de profissões, do menos ao mais exclusivos, são a *expertise*, o credencialismo e a autonomia” (p.196).

Neste ponto, os técnicos justificam o papel do credencialismo que age como uma proteção desta exclusividade (ou porque não do privilégio?), e que se constitui por meio de um título (diploma de formação) e/ou uma credencial (registro do CONFEF/CREF) de dispositivos institucionais de treinamento e de algum método de certificação, ele atua no monopólio da intervenção, sendo que na Educação Física esse campo é garantido pelo registro no CONFEF/CREF que credencia instituições que preparam esses profissionais. Conclui-se que isso nada mais é que uma reserva de mercado. Algumas estruturas discursivas sobre o papel do curso de formação na universidade dizem:

[...] **Me deu condição para trabalhar como profissional.**

[...] **Me credenciou, somente isso.** A universidade fez isso comigo, **somente me credenciou para eu ser um profissional.**

[...] ela **simplesmente me habilitou** para ter um leve conhecimento. Só me deu o diploma, só **me deu o brevê** para poder atuar.

[...] **Me deu condição para trabalhar como profissional. Me credenciou, somente isso.** A universidade fez isso comigo, **somente me credenciou para eu ser um profissional.**

Saindo dos discursos dos profissionais formados, o **único ator social que é provisionado**, foi nadador, e se formou em Engenharia Civil, e paralelo ao seu trabalho com a Engenharia, continuou nadando. Durante a conversa, ele apontou que, mesmo escolhendo a profissão de engenheiro, entendia que seria um caminho natural se tornar técnico, atividade esta, que seria desenvolvida paralelamente à sua profissão na Engenharia, pois, a prática de nadador era e é muito presente em sua vida. Tinha uma percepção de que os técnicos eram em sua maioria iguais, “[...] **eu achava que técnico de natação era tudo meio parecido**”. Ainda como nadador,

mesmo após a conclusão no curso de Engenharia, surge-lhe a oportunidade de adentrar na atividade de técnico, quando recebe uma proposta de um clube na capital para trabalhar com a equipe de nadadores da categoria másters. A partir desse convite, passa a organizar sua vida trabalhando como engenheiro, treinando ainda e dando treinos: “[...] **trabalhando feito louco**”.

No meio desse processo, surge a obrigatoriedade do registro no CREF (credencialismo); e ele já trabalhando na área desde 1991 na escolinha de natação com iniciação e treinamento de equipe másters, foi obrigado então, a partir do credencialismo exigido para a profissão, buscar a regularização para continuar sua atuação como técnico. Dessa maneira, teve que fazer o curso de provisionamento junto ao CONFEF/CREF, para poder trabalhar de forma legal. Participou do curso na cidade de Palmas em Tocantins, no ano de 2001, e de acordo com o discurso registrado: “[...] **A gente ficou lá duas vezes... quase... duas vezes, 15 dias, em Palmas, com todos provisionados. Daí a gente fez uma monografia e daí eles davam a carteirinha. Que daí que vinha a carteirinha mesmo, de provisionado**”. Então, pode-se dizer que sua formação está pautada prioritariamente nas experiências vividas no dia a dia como atleta.

Ainda no bloco da **Formação Universitária**, os discursos dos atores, sobre à **relação dos conhecimentos produzidos na universidade materializado pela ciência X o conhecimento do técnico de natação**, as pistas apontam existir um distanciamento entre esses campos: universidade e beira da piscina. Fica evidenciado para os técnicos, ser de extrema importância realizar parcerias entre eles: universidade e técnicos, essa parceria de acordo com seus discursos seria produtiva e importante para ambos: “[...] **a universidade deveria ser uma parceira**”.

Os atores gostariam de ter o poder de aliar e de utilizar os conhecimentos organizados no campo da ciência, que são produzidos dentro das universidades/faculdades, principalmente ter acesso ao que é produzido nos grupos e/ou laboratórios de pesquisas dos programas de pós-graduação mestrado e/ou doutorado. Esse tipo de parceria para eles seria qualificador para que os resultados de seus treinamentos fossem mais efetivos. No entanto, para que isso ocorra seria necessário um diálogo mais amplo entre ambos, e uma mudança de postura entre os pares, aqui identificamos o discurso de que cabe a esses pesquisadores, segundo veles, responder os problemas que eles técnicos possuem à beira da piscina.

O que mais deixam transparecer nos discursos produzidos, é que estes professores/pesquisadores em sua prática diária querem usar seus atletas para obtenção de dados para suas pesquisas, sem preocupação de estar inseridos ou entender o campo do treinamento daquela equipe em questão, ou até mesmo, sem o entendimento do processo de periodização pelo qual passa a equipe. Isso posto, consideram esses pesquisadores e/ou professores equivocados e fora do tempo do processo de treinamento de suas equipes, pois somente buscam dados para suas pesquisas, e não uma parceira onde ambos pudessem ter resultados: **“[...] Ah, é complicado. Mas eles querem, por exemplo, dentro do treino fazer os testes deles, mas eles não estão preocupados com que fase do teu ciclo de treinamento em que você está”**. Dessa forma, para os atores, ambos estão desconectados, em tempos de ação diferentes.

Os técnicos anseiam por essa parceria, e os pesquisadores necessitam de dados para realização de suas pesquisas como fonte de produção científica. É importante ressaltar que o campo de produção científica na área da Educação Física ao longo dos anos, tem se fortalecido com a produção de dissertações e teses, sendo essas propagadas, via artigos científicos em revistas nacionais e internacionais.

Todavia, nota-se que as investigações de modo geral, atendem aos problemas que os pesquisadores e/ou seus grupos de pesquisas estão estudando naquele momento; e isso também é apontado em uma pesquisa de Farinatti (1992), na qual ele diz que, a maioria das pesquisas voltadas para a área do esporte vem responder somente a questionamentos específicos dos grupos, mas o que se sugere, é que elas deveriam explicar as relações sistêmicas dos fatores relacionados à performance esportiva, desenvolvendo assim, modelos que venham responder ao campo do esporte efetivamente. Sua fala corrobora com os anseios dos técnicos, que apresentam esse distanciamento ou sentimento de ser “usado” pelos pesquisadores. Eles produziram as seguintes estruturas discursivas sobre o assunto:

[...] tem excelentes profissionais e excelentes materiais de avaliação com atletas, mas eu não tenho acesso a isso. Tem o professor, tem a chave, abre a sala, mostra para os alunos, fecha a sala e acabou.

[...] Eu acho que a universidade tinha que estar mais próxima principalmente do alto nível.

[...] E eu acho assim, **até quando a gente precisa**, se eu for trocar uma ideia com a universidade, a gente já tentou fazer até parcerias com a universidade, mas (...) **eu vejo que a gente vai levar mais informação para a Universidade do que vai vir da universidade para a gente.**

[...] E esse **profissional não poderia ser, ter um convênio com uma federação, seja lá qual seja uma modalidade esportiva**, e oferecer toda essa estrutura que a universidade tem como conhecimento e equipamento para fazer com que os esportes tenham um nível melhor? **Como vou considerar a universidade a minha parceira, se ela não me proporcionar isso?**

(...) mas **eu não vejo, assim, que dentro da universidade eu possa ir buscar um conhecimento para o que eu estou fazendo hoje em dia, sabe? Eu acho mais fácil buscar fora do que buscar na universidade.**

Pode-se apontar nos discursos acima, uma falta de conexão entre a universidade, espaço que a ciência é produzida e da produção do conhecimento, e a organização dos treinamentos dos técnicos, como por exemplo, nas realizações de testes, análises biomecânicas entre outras, portanto, seria necessário uma combinação entre ambos, para que os dados pesquisados frutificassem em forma de produção científica, e que essas pesquisas respondessem às ansiedades dos técnicos. Tudo isso tem como objetivo final, ajuda na melhora da *performance* dos atletas pesquisados, um dos discursos produzidos desabafa: “[...] **às vezes a gente passa por antipático, por não liberar o pessoal para fazer, porque eles querem quando eles querem**”.

Os técnicos apontam a importância dos conhecimentos produzidos nos laboratórios, porém, dizem que o diálogo com a produção da universidade representada pelos seus pesquisadores está muito longe de acontecer, e até apresentaram como exemplo, um modelo de parceria de sucesso entre universidade e equipes que acontece em Santa Catarina, onde em competições naquele estado eles vivenciam a parceria, universidade e equipe de treinamento de natação;

[...] por exemplo, de **universidade que é de perto é a Unisanta e a Unisul em Santa Catarina. São universidades que estão vivenciando a prática em todos os cursos, não só no alto nível de natação como fisioterapia e outros ajudando o esporte de alto nível.**

[...] Então por isso que eu estou dizendo, **ter a universidade assim vai ter que ser junto, lado a lado**, tipo, **pertencendo ao dia a dia, para você saber, “aquela pessoa, hoje ela está estranha, nossa, ela está diferente, o que aconteceu com ela?”**. **Você já reparar nisso, porque falta muito para nós, um monte de pergunta nossa não é respondida e... .**

Os atores sociais da pesquisa desejam, necessitam dessa ajuda, mas talvez a postura dos pesquisadores, muitas vezes, como donos dos saberes, que reificam o campo da pós-graduação, os afaste dos diálogos prementes da área. E então, vão em busca de outros espaços, buscam pessoas para transmitir esse conhecimento necessário para eles, para o cotidiano do treinamento; que lhes deem respaldo e respostas objetivas para a progressão do processo do treinamento; e na maioria das vezes essas mesmas pessoas não são aqueles pesquisadores das universidades/faculdades que estão perto deles.

Pode-se citar como exemplo, o ex pesquisador da Universidade Estadual de Londrina, professor Dr. Fábio Yuzo Nakamura⁴⁰, na área da Fisiologia do Exercício, voltada ao treinamento de alto rendimento, e que atualmente tem realizado suas pesquisas junto às equipes de treinamento, tomando como referência as necessidades que os técnicos das modalidades estudadas por ele, têm apontado. O pesquisador em questão, efetivou aproximação real entre a ciência e campo de atuação do profissional do esporte. Aqui verifica-se a materialização da ideia do universo consensual em parceira com o universo reificado, ratificando a aproximação dos campos, tão desejada pelos atores sociais da natação.

Faz-se urgente, que ações como estas se repitam. Não é que os pesquisadores devam deixar seus laboratórios, mas sim, sair das salas, dos aparelhos sofisticados e ir a campo: nas piscinas, campos de futebol, quadras esportivas, etc, e conversar, principalmente dialogar com esses técnicos, sentir suas angústias, seus problemas, e então, alinhar seu conhecimento científico produzido a partir da ciência com o que irá possibilitar melhoras efetivas para os treinadores de natação. Um dos aspectos destas pesquisas, seria ajudar a responder aos técnicos que estão produzindo resultados significativos com seus atletas.

⁴⁰ Fábio Yuzo Nakamura, doutor em Ciências da Motricidade pela UNESP - Rio Claro, em 2005. Atua como orientador no Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UEM/UEL. Professor associado adjunto do *The College of Healthcare Sciences, James Cook University, Queensland, Austrália*. Ver pesquisas desenvolvidas lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4768733H7>

Também é necessário o entendimento e a reflexão da dificuldade da partilha de conhecimentos, tanto na área acadêmica (universidade), quanto no campo aquático; essa dificuldade de partilhar informações ocorre em ambos os lados, todavia, com motivações diferentes. No meio aquático, o medo permeia as ações, o medo das críticas, o medo de perder seu atleta que está em destaque, o medo de passar alguma informação e outra equipe se apropriar e crescer com aquele conhecimento/ método de treino; os técnicos falam sobre algumas questões, mas de maneira geral, sempre de forma muito superficial.

Conseguiu-se identificar um jogo silencioso entre os pares, a rede de informação que tecem é frágil, e possui um determinado limite. Esse limite, é permeado pelo poder, poder de quem produz mais resultado, poder da equipe que é mais forte, etc. Isso assusta e retrai as conversas, falam superficialmente sobre seus treinamentos, sobre os autores escolhidos, mas quando indagados, não sabem ou não querem responder quando o diálogo tende a se aprofundar: Veja as estruturas discursivas abaixo:

[...] **A formação é para si só, ninguém quer dividir.** É complicado. É aquilo que eu já tinha te falado isso antes, **ninguém quer dividir o que sabe.**

[...] Eu digo, **quando eu estava na academia, eu tentava conversar com o pessoal do Clube X, parecia que não tinha... sabe? – , não queriam. Agora que eu estou aqui, (rsss).**

Um dos conhecimentos mais citados pelos atores sociais como de extrema importância para a natação, é o conhecimento produzido na área da biomecânica, caracterizado pelo estudo do movimento humano: “[...] **Eu vejo o pessoal que trabalha com a parte de biomecânica, o Fulano, que vai lá no clube de vez em quando, são pessoas, assim, que eu vejo, assim, de um conhecimento, pô, bem legal**”. A utilização da biomecânica no esporte, objetiva realizar análises do gestual mecânico técnico para verificação de detalhes mais específicos, possibilitando observar, analisar e descobrir eventuais falhas que possam estar ocorrendo no gestual motor do atleta. Esse tipo de análise possibilita a melhora do desempenho dos atletas por meio de adaptações técnicas ou correções para que ao final, a técnica do

movimento executado seja mais eficaz. Sendo assim, para Leite (2010, não paginado) citando Hall, diz que um profissional do campo do esporte tem como uma das prioridades;

[...] conhecer a proposta do movimento que está sendo analisado, mas também conhecer os fatores que contribuem para uma execução habilidosa do movimento. Uma técnica defeituosa impedirá que o atleta coloque suas potencialidades físicas (força, flexibilidade, resistência, etc.) crescentes a serviço de uma performance específica superior.

Seus discursos apontam que **a ciência** produzida no meio acadêmico é importante, mas de qual ciência eles falam? Qual é a ciência que esses atores sociais utilizam em sua intervenção diária? Para adentrar nas discussões sobre a ciência no campo do esporte, é necessário explicitar de que ciência se fala. De acordo com Silveira e Bazzo (2016, não paginado), a ciência ao longo dos tempos foi ganhando cada vez mais importância, e “embora ela exista desde os primórdios da civilização, a ciência não era essencial para qualquer finalidade técnica (...)”. Ao longo dos tempos cada vez mais a ciência se fez presente, possibilitando uma ampliação de pesquisas que respondem aos problemas atuais. Porém, a ciência não pode ser vista como uma produtora de verdades absolutas que muitas vezes fica distante da sociedade, e segundo Delfino (2012, não paginado), ela na maioria das vezes propaga que o;

[...] mito da neutralidade, já que, na mesma publicação o pesquisador afirma que as instituições de pesquisa são livres de interferência política e detentoras de credibilidade para informar à população e aos tomadores de decisão sobre os problemas e possíveis soluções.

A ciência, como produção científica, vem criando espaços importantes nos cursos de formação profissional, e é na universidade o lugar que se possibilita a vivência do desenvolvimento de pesquisas; ela faz parte do tripé educacional: ensino – pesquisa - extensão. Segundo Rodrigues (2006), atualmente, e com o fenômeno da globalização, o mercado exige um profissional que alie o conhecimento teórico com o conhecimento prático, conhecimento esse, baseado na produção e reprodução dos conhecimentos. A utilização desses conhecimentos produzidos por meio da ciência, objetiva contribuir com o processo evolutivo dos saberes de vários setores; eles são planejados e executados por meio de rigorosos procedimentos metodológicos que vão garantir sua fidedignidade.

A linguagem utilizada deve ser acessível para que se utilize essa ciência produzida na prática, e, ainda para Delfino vários pesquisadores defendem e afirmam que a ciência possui uma linguagem própria;

[...] portanto, para entendê-la é necessário ser alfabetizado cientificamente. Esta alfabetização é um processo de aprendizagem, no qual todo indivíduo deveria ter acesso às informações veiculadas e ao conhecimento produzido pela academia (universidades e instituições de pesquisa) para que possa realizar sua leitura do mundo e listar as necessidades de transformá-lo em algo melhor, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade (2012, não paginado).

Em 2013, em uma reportagem na Folha de São Paulo, no caderno de Ciência de 22/04/2013, a jornalista Righetti, aponta em sua matéria que a produção brasileira é, “[...] medida pela quantidade de trabalhos acadêmicos publicados em periódicos especializados, está em ascensão”. Porém, a qualidade do que se é produzido não acompanha o ritmo de produção, não raro, deixando a desejar quando se fala em qualidade. A educação física por meio de seus programas de mestrado e doutorado, vem auxiliando nesse acúmulo de produção; os grupos realizam pesquisas objetivando as publicações que buscam aumentar o número de pontos classificatórios para manutenção do profissional nesses programas. Para Betti (2005, p.185), na Educação Física;

[...] tal área de atuação não se caracteriza apenas, como uma ciência específica, mas como uma área acadêmica-profissional com necessidades e características próprias, que se vale de diversas ciências e da filosofia para construir seus objetos de reflexão e direcionar sua intervenção pedagógica.

Outro ponto importante é a relação da ciência com a tecnologia, sendo que cada vez mais se entrelaçam, e isso não é fenômeno recente no Brasil e/ou no mundo. Ao voltar o olhar para o início das Olimpíadas de 1896, percebe-se a evolução dos esportes, de forma gradativa, ocorreu de forma veloz nas últimas décadas. É notório que cada vez mais, exista a exploração dos limites humanos nos processos de treinamento de alto rendimento, e pode-se afirmar, que a ciência é uma das responsáveis por esse processo.

O conhecimento produzido, tem se tornado fundamental para a apropriação do conhecimento e para a intervenção. Os locais de competição, as formas de se fazer avaliação, o processo de análise do gestual mecânico, a utilização da farmacologia, o uso da fisiologia do exercício, e até mesmo como se avolumam os casos de doping, vide a olimpíada no Rio, com os acontecimentos ocorridos com a equipe russa, entre outros, são fundamentais para que ocorra desenvolvimento no processo de treinamento.

Para uma parcela dos atores sociais, essa ciência produzida no campo esportivo apresenta características de grandes avanços, mas, entende-se que essa ciência dentro da natação para utilização em seus treinos, periodizações, avaliações, ainda não atingem efetivamente todos os técnicos, tanto no Paraná quanto no Brasil. Observe estas estruturas discursivas:

[...] **a ciência no Brasil está em um nível bem avançado.**

[...] **Sem ciência é difícil ter uma evolução, não é? Que a ciência, é tudo científico, é tudo... tudo, se estuda a biomecânica, se estuda a fisiologia.**

[...] Eu acho que **ter o científico é muito importante hoje em dia.**

[...] **nós já tivemos a ciência da universidade**, mas ela é ..., não é que ela seja ..., **ela é um pouco lenta sabe?.**

[...] **ações ali, em termos científicos a gente não vê.** Não tem troca de figurinhas. **Eu acho assim, não existe.**

[...] Por exemplo, **quantos trabalhos foram desenvolvidos na Academia Brasileira de Treinadores, lá? Não é? Não sei você, mas você teve acesso a algum? Onde está? Cadê? Está lá no computador do COB, lá? Não serve.**

[...] **aprendi muita coisa, assim, na universidade.**

A ciência produzida faz parte da vida dos atores sociais, eles buscam esses conhecimentos em livros, artigos; todavia, existe pouco diálogo com os pesquisadores atuais, vide algumas exceções que estão no campo do treinamento da natação, como a experiência que o clube Pinheiros de São Paulo realizou e realiza para a preparação de seus atletas, objetivando colocar o maior número de nadadores em seleções

olímpicas. Ele é um dos clubes que mais cede atletas para a seleção olímpica ou de categorias.

Um dos coordenadores que esteve à frente de um trabalho baseado na ciência, e utilizaram o treinamento de blocos e ATR⁴¹, foi o professor Marcos Veiga⁴², que durante sua coordenação técnica no clube, aliou o treinamento de todas as bases e equipe principal baseado no processo multidisciplinar e na ciência, como aponta em uma entrevista cedida à revista *Best Swing* (2013), quando do seu retorno ao clube paulista.

Marco Veiga, deu uma declaração valorizando o trabalho científico do Clube Pinheiros, sendo que o foco era a preparação de um programa voltado para os Jogos Olímpicos do Rio em 2016: “*Minha intenção é desenvolver um trabalho de planejamento aliado à ciência do esporte e vejo o Pinheiros nesse mesmo caminho. A natação é uma modalidade na qual centésimos de segundos são decisivos e, por isso, esse trabalho integrado é fundamental. A expectativa é a melhor possível*”, disse o treinador, referindo-se à estrutura do Centro Integrado de Apoio ao Atleta (CIAA), que dispõe de profissionais de preparação física, fisioterapia, fisiologia, nutrição, medicina esportiva e biomecânica, além de equipamentos de ponta (2013).

Outra questão abordada pelos atores sociais, corresponde à disponibilização pela CBDA, das informações que são partilhadas apenas para o grupamento de técnicos da seleção, via programas de treinamento, materiais científicos, avaliações, entre outros. Os atores são categóricos em apontar uma grande dificuldade do que se

⁴¹ Modelo ATR: Um novo conceito de classificação dos mesociclos é proposto por Issurin & Kaverin (1986) que distingue três tipos: 1) Acumulação; 2) Transformação; 3) Realização. Segundo Navarro (1994) a ideia geral deste modelo baseia-se em dois pontos fundamentais: a) A concentração das cargas de treino sobre capacidades específicas ou objetivos concretos de treino (capacidades/objetivos). B) O desenvolvimento consecutivo de certas capacidades/objetivos em blocos de treino especializados ou mesociclos.

⁴² Conversa com o Professor Marcos Veiga, *head coach* e técnico e depois coordenador técnico da equipe de treinamento do Clube Pinheiros. Foi contratado para assumir a supervisão técnica da natação competitiva do clube e participar de forma significativa na integração dos processos de interdisciplinaridade dos setores intervenientes no desempenho dos atletas em 2013. Atualmente é técnico do Clube Paineiras.

faz (o trabalho) com alguns atletas olímpicos, e essas informações serem disseminadas pela CBDA, para que todos os técnicos tenham acesso, conforme estrutura discursiva abaixo:

[...] Infelizmente **eu acho que não**. (ciência chega a todos).

[...] vou falar para você, **não chega nada da CBDA**.

[...] **A CBDA é multidisciplinar, mas é para um grupamento de atletas né, de técnicos**.

Pode-se verificar nos discursos, que os técnicos do Paraná, se sentem excluídos em relação ao acesso de métodos utilizados como base nos treinamentos dos atletas de ponta do país pela CBDA. A elite de atletas e técnicos tem acesso a análises biomecânicas, processos de filmagem, e o controle de vários testes; contudo, para isso acontecer, seu atleta deverá alcançar índices para integrar as seleções absolutas ou de categorias. Todavia, a materialização da utilização de todos esses mecanismos, informações, tipos de testes, como usar, e até mesmo a troca de materiais científicos, não acontecem de forma efetiva entre seus pares, a Confederação e as Federações Estaduais não estariam repassando essas informações para os técnicos que não possuem atletas dentro de seleções, ou que não são convocados para fazer parte do selecionado brasileiro.

Segundo o coordenador técnico da natação e Superintendente Executivo da CBDA, professor Ricardo Moura, em entrevista realizada na cidade do Rio de Janeiro, em 23/02/2016, parte dos técnicos brasileiros possui dificuldades em fazer as leituras sobre conceitos científicos, como por exemplo, a leitura de um teste de biomecânica, utilizada na natação sobre diversos aspectos. Para ele, as informações, os livros, os artigos estão presentes e acessíveis em "*todos os lugares*⁴³", contudo, a apropriação destes materiais muitas vezes não é acessível à uma parcela dos técnicos. Ricardo de Moura, diz que nos Encontros Nacionais do Conselho Técnico da CBDA, cada Federação possui um representante técnico; e a informação de cunho científico, o que se está fazendo com os atletas partícipes da seleção é relatado a todos, e cabe as estas Federações, a partir de seus representantes na reunião técnica, articular formas

⁴³ Fala do professor Ricardo de Moura.

de repassar as informações obtidas no encontro nacional, para seus técnicos em cada estado.

Para ele, a postura científica, entra no meio aquático quando se introduz mecanismos de informações, que são materializado pelos livros estrangeiros, e artigos que são disponibilizados a comunidade aquática. Ainda diz, que no campo da natação, na década de 1960, surge um dos ícones mundiais do conhecimento: *Forbes Carlai* da Austrália, que traz em seus livros e artigos considerações sobre a fisiologia na natação. Mais adiante, na década de 1970, o americano *Doc Coulsiman* com seus livros em sua língua de origem, também passa a ser referência para os técnicos brasileiros; este livro só foi traduzido no Brasil na década de 1980. Para Moura, a partir dessas produções literárias, os técnicos brasileiros passam a discutir a natação de forma mais científica, sendo então, considerado por ele, a “*primeira entrada da ciência na natação*”. Os técnicos, além dos livros tiveram acesso a filmagens diferentes, metodologias de treino, aplicação da fisiologia que é considerada o grande avanço. Textos de inglês traduzidos por técnicos que dominavam a língua, não chegaram a todos por conta da falta de domínio do idioma estrangeiro.

Para o professor Roberto Carvalho Pável, as informações e a ciência sempre existiram no mundo da natação. Todavia, no início, ocorria certa dificuldade para os técnicos brasileiros se apropriarem desse conhecimento, pois, a maioria das informações que chegava ao Brasil na década de 1950 eram escritas em inglês. Segundo ele, no advento dos campeonatos nacionais e internacionais, ocorriam conversas sobre a condução dos treinos e leituras realizadas pelos técnicos. Nos campeonatos sul-americanos, sempre ocorreram reuniões entre os pares presentes que organizavam apresentações dos trabalhos efetuados pelos técnicos, mas essa prática não era documentada. Para ele, a reunião era considerada como uma forma de disseminação do trabalho, que se tornou uma tradição falar sobre o processo, ali também era informado qual livro/autor estava sendo utilizado por algum técnico presente.

O professor Roberto Carvalho Pável, aponta que esse tipo de informação chegava para poucos, mas a ciência era materializada pelos livros e artigos em outros idiomas que chegavam até eles. Ainda para o professor, o grande problema que

entendia ser dificultador para todos os professores de natação e posteriormente aos técnicos, estava na dificuldade por não falarem a mesma língua. Para ele, não existe uma padronização nos cursos de formação (atualmente o bacharelado), na qual o professor Ricardo de Moura também corrobora com esse pensamento.

O jornalista Paulo Roberto Conde, enviado especial ao Rio de Janeiro, pela Folha de São Paulo no dia 26 de setembro de 2014, foi autor de uma das manchetes da página do esporte referente aos preparativos para a Rio 2016, que apresentava como manchete: “Natação vai usar ciência para se adaptar à sua Olimpíada noturna”, que apontava estratégias que envolviam a ciência e também até iniciativas simples, como colocar películas nos vidros para escurecer os quartos dos nadadores. Foi realizada uma parceria entre o COB e a CBDA, que visava submeter os atletas a exames de detecção da eficiência do sono dos mesmos, visto que teriam provas finais à meia noite. Neste período, o “COB possuía uma equipe de especialistas em “ritmo biológico”, que lida com a fisiologia do atleta” (2016, não paginado). Se realmente foi realizado esse controle, os técnicos brasileiros de maneira geral, não tiveram acesso; e se foi feito e a forma como foi feito e quais os resultados obtidos, não foram divulgados; ou seja, confirma a fala do ator sobre que a CBDA: “[...] **é multidisciplinar, mas é para um grupamento de atletas né, de técnicos**”.

O curso avançado de Gestão Esportiva (CAGE), realizado por iniciativa dos programas de Solidariedade Olímpica, por meio do Comitê Olímpico Internacional-COI, tinha com o propósito, o desenvolvimento administrativo dos Comitês Olímpicos Nacionais, sendo seu objetivo no país:

a) desenvolver habilidades e conhecimentos de gestores esportivos para o gerenciamento de instituições esportivas nacionais;

b) promover análise discussão e produção de conhecimentos e propostas de soluções concretas de situações-problemas encontradas em organizações esportivas; e c) fomentar o intercâmbio.

Esse programa incluiu palestras, produção e exposição de trabalhos, atividades teóricas e práticas, entre outras ações; e ao final cada aluno deveria apresentar um

trabalho de conclusão (TCC). Simões apresenta seu TCC sobre “A ciência do esporte e o desafio de sua utilização por gestores e treinadores esportivos”, no qual será demonstrado abaixo, um quadro indicativo sobre alguns países que ele apresenta a relação da formação/ciência – países – e área de atuação:

Quadro 2: Quadro indicativo: relação da formação/ciência e países.

PAÍS	FORMAÇÃO / CIENCIA	ATUAÇÃO
ALEMANHA	<p>3 Institutos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - BISP: Instituto Federal de Ciências Esportivas. - IAT: Instituto de Ciências e Treinamento; - FES: Instituto de Pesquisa de Equipamento Esportivo. 	<p>OBJETIVA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoio multidisciplinar garantindo informações e tecnologia científica para vários centros de alto rendimento, - Promoção e descoberta de novos talentos esportivos; - participação na formação na Faculdade de Ciências do Esporte.
AUSTRÁLIA	<p>Instituto Australiano de Esporte; Academias Estaduais de Esporte.</p>	<p>OBJETIVA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - apoio multidisciplinar para todos.
CHINA	<p>Sociedade Chinesa de Ciência do Esporte</p>	<p>OBJETIVA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - apoio multidisciplinar em Institutos técnicos de esporte; - apoio multidisciplinar nas Escolas de Competição disseminada por todo o país.
CUBA	<p>ISCF: Instituto Superior de Educação Física</p>	<p>OBJETIVA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - possui papel investigativo por meio da rede de faculdades das 14 províncias; - responsável pelo apoio multidisciplinar, utilizando a ciência em conjunto com o Instituto Médico Desportivo.
EUA	<p>Associações esportivas; Institutos Universitários.</p>	<p>OBJETIVA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - apoio multidisciplinar utilizando a ciência como base do sistema americano de alto rendimento.

FONTE: SIMÕES, P.T.A. A ciência do esporte e o desafio da sua utilização por gestores e treinadores esportivos. (Org) COB. **Trabalhos de Conclusão de Curso – turmas 2011 e 2013**. Rio de Janeiro: 2013. p. 477 – 487.

Em relação ao segundo bloco, referente à **formação a partir do senso comum**, que é caracterizada pelos saberes produzidos no campo da natação, buscou-se identificar em seus discursos, onde eles **adquiriram os conhecimentos utilizados nos seus treinamentos**. Os principais meios para obtenção desse conhecimento apontado por eles são: cursos, clínicas, palestras, internet, livros, artigos e conversas, o que ratifica o que já foi explanado no primeiro bloco: que é a negação do conhecimento em nível de graduação. Cursos, palestras e clínicas aparecem como campo de conhecimento específico do mundo da natação, garantido a partir da interação com profissionais efetivamente do campo da natação, onde a estrutura discursiva aponta a obtenção desse conhecimento específico:

[...] Através de **cursos**.

[...] O que eu me apropriei de conhecimentos **foram de cursos que eu fiz sobre treinamento, palestras** e livros.

[...] eu acho porque como na universidade a gente vê muito pouco, (...) **que eu fiz o último curso aí dá ASCA**, eu fiz com o Bob humm. Se eu não me engano ele é engenheiro. ele nunca foi técnico de... nunca fez Educação Física.(...) **ele tem até o nível cinco da ASCA**, ele é **membro top da ASCA e os cursos de formação, realmente eles vão te dar a base daquilo que você precisa para ser técnico**.

[...] E **cursos que eu fui buscar fazer fora. Desses cursos tive contato com alguns técnicos muito mais experientes** do que eu também, **eu sugava tudo o que eu podia**.

[...] Asca. Mas **quem vem dar o curso é americano**.

[...] daí você vai e **lê tudo o que ele põe, ou fazer aqueles cursos que têm lá em Indaiatuba...** tudo vai bem.

Notem acima, que os cursos/palestras são opções de formação e obtenção de conhecimentos, que geralmente são aplicados por técnicos atuantes ou ex-técnicos. Contudo, não se pode deixar de apontar que esses cursos são aplicados pelos profissionais de mais sucesso (considerados vencedores), que apresentam seus conhecimentos a partir da relação da prática diária do ser técnico. É lógico que não se nega que esses profissionais que aplicam esses cursos/palestras, não utilizem conhecimentos produzidos pela ciência; eles usam sim a ciência a seu favor, mas, a

escolha desses profissionais sempre se dá pelo sucesso de resultados obtidos à beira da piscina, ou seja, pelos resultados obtidos, e a priori, o perfil de vencedor.

Esse tipo de formação, almejada pelos atores sociais, se enquadra no que Nelson, Cushion e Potrac (2006), utilizam como “tipologia de aprendizagem”, que busca uma aprendizagem não formal, caracterizada pelos autores, como atividades que são organizadas em ambiente para clínicas, palestras, *workshops* e internet. Esses campos de informação ajudam os técnicos a apurar o conhecimento a ser desenvolvido no treinamento de rendimento, de acordo com os autores supracitados; e pode-se verificar nos discursos acima a ratificação deste apontamento.

Outra relação que pode-se citar, vem dos autores Milistetd *et al* (2015, p.986), que apresentam a terminologia de situações mediadas que se caracterizam pelas “oportunidades de aprendizagem que não são definidas pelo aprendiz”, sendo que o contexto passa a ser controlado por diversas pessoas, “[...] dentre os quais experts e instrutores definem o conteúdo a ser trabalhado e a forma do seu desenvolvimento”, para os atores sociais, essas situações mediadas, se organizam nos trabalhos, por exemplo, de um workshop específico, e apenas faz sentido, para os técnicos esportivos, se essa informação estiver diretamente ligada a sua intervenção.

Ainda em pesquisa realizada pelos autores acima (*ibid*), sobre a aprendizagem profissional de treinadores, eles apontam que, “os treinadores se percebem, na maioria das vezes, como receptores de informações e agentes passivos da sua própria aprendizagem”. Nesse sentido, esse tipo de formação oportunizada por meio de clínicas, palestras, etc, cumpre papel significativo na sua formação; respondendo as suas dúvidas, procurando trazer respostas imediatas aos problemas cotidianos da beira da piscina. A estrutura discursiva abaixo confirma esse posicionamento dos atores: “[...] **algumas clínicas de natação, específicas de natação que eu comecei a tirar umas dúvidas maiores, mas já praticando o treinamento**”, e: “[...] **Desses cursos tive contato com alguns técnicos muito mais experientes do que eu também, eu sugava tudo o que eu podia**”.

A estrutura discursiva aponta que os conhecimentos para sua atuação foram obtidos em:

[...] **Aí eu tive que começar a comprar livro vindos da Espanha.**

[...] Então, por exemplo, **que nem eu, eu saí da faculdade, me fiz técnico, fui estudando**. . Lá nos Estados Unidos, nem são formados, mas tu vai lá, resolve fazer o curso.

[...] **com outros técnicos, na universidade, nos livros, na internet, eu acho que... com os atletas, porque com o atleta a gente aprende muito.**

[...] **Empírico: você acaba tendo que testar. Funcionou, não funcionou.** Então eu acho que sim, que isso ainda acontece.

[...] **Na beira da piscina e de uma boa dose de bunda na cadeira. Porque tem que estudar. Tem que estudar. Tem que estudar bastante. Não é pouco, não.** (...) eu vejo que **através do dia a dia da piscina, de muita prática, de observação mesmo e literatura.**

[...] **Livro e vídeo e as oportunidades que a gente teve que eu disse, que foram os *Multinashions* né, os treinos em altitude, que eu fui já, já fui três vezes.**

Nos discursos acima, verifica-se que buscam conhecimento através de livros, cursos, internet. Estudar para eles, é extremamente importante e para alguns deles as referências estudadas estão em livros internacionais, como aponta esse ator social: “[..] **eu busco muita coisa na literatura americana, não é nem em um autor, mas sim em técnicos**”.

Outro meio muito utilizado, encontra-se nas pesquisas da internet como material de apoio ao que fazem, buscam treinamentos de atletas de sucesso e se espelham nesse processo: “[...] **Entrava na internet, estava pesquisando o que eles estavam fazendo ali**, muitas vezes a gente acaba errando, porque o que eu vejo? **Tem técnicos que se colam muito no que ele está lendo ali e diz "Ah, se o Michael Phelps fez, então vai dar certo comigo também."** **Ele vai e faz. Então às vezes erra por só copiar o que alguém está trazendo de fora em vez de tentar adaptar aquilo à nossa realidade. Mas é uma ferramenta muito** ”. As relações construídas à beira da piscina nas competições também se configura como um campo de obtenção de conhecimento. Vejam esses discursos:

[..] **Eu tenho acesso com os amigos, tem todo o material novo que sempre sai, quanto a livro, quanto às matérias.**

[...] Por exemplo, assim, **eu tenho com o Albertinho, os treinos do Cielo, (...) eu tenho com os outros técnicos essa facilidade.**

[...] Ter conhecimento, **quando sentava, em competição a gente senta com o pessoal de Santa Catarina e de São Paulo, vai jantar junto e transmitir conhecimento. “Olha, eu peguei uma matéria do fulano lá, eu peguei isso”.**

[...] **então você troca experiência e mais o material.**

[...] **Quando eu comecei a trabalhar, eu comecei em cima de livros. Livros, em conversa com outros técnicos. Hoje em dia eu estou mais em cima de artigos que estão saindo. Então muito na internet.**

[...] **hoje em dia, uma coisa que eu acho que está fazendo um grande diferencial, assim, para mim, são as viagens.**

[...] **eu sempre procuro trocar o máximo possível de experiência com outros técnicos.**

Pode-se apontar que para eles o melhor meio de informação ainda reside nas clínicas, conversas, workshops; o princípio das escolhas desses assuntos, se dá efetivamente pelas experiências de sucesso de seus palestrantes, ainda assim, outra fonte de grande importância, reside nas conversas à beira da piscina, onde aparece um aprendizado imediato para seus problemas.

As conversas são vistas por eles, como um campo de aproximação efetiva, e que muitas vezes pode ratificar ou não o desenvolvimento de seu trabalho. Deve-se ter cuidado redobrado, pois muitas vezes essas estruturas esportivas à qual estão inseridos tendem a valorizar muito mais o resultado final, do que uma formação pautada em conhecimentos científicos que ajudam o processo de formação específica, que irá influenciar diretamente em sua atuação profissional.

Também foi possível identificar em seus discursos, a falta de associação das disciplinas estudadas em sua formação do curso de Bacharelado com seu trabalho; visto que três deles tiveram sua formação nessa graduação. Eles não remetem à nada que aprenderam na universidade, apesar de apontarem a ciência como importante para profissão. E, mesmo com a existência do curso de Esporte na USP, e na UEL (em fase de extinção), em nenhum momento eles citaram a formação específica do curso de esporte, ou uma parceira com os professores e/ou pesquisadores desse curso, quando parece que a lógica seria, fazerem alusão ao curso de esporte como formador de técnicos na área.

3.1.3 TERCEIRO SISTEMA PERIFÉRICO DISCURSIVO: HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO TÉCNICO DE NATAÇÃO

Este **sistema periférico**, que emerge dos discursos dos técnicos de natação tem a ver com as **habilidades e competências do técnico**, sendo que eles trazem relações com seus objetivos, forma de trabalhar e planejar seus treinamentos para o desenvolvimento de sua equipe enquanto líderes da mesma. Os técnicos esportivos possuem como papel, fornecer as experiências que são necessárias para que os atletas obtenham os resultados esperados; e para que façam isso, é necessário que possuam competências e formação adequada. Essas habilidades e competências que eles apontam, levam em conta as características de seu grupamento; ou seja, ser técnico de natação. As habilidades e as competências para eles estão sempre relacionadas aos conhecimentos, como lidar com a equipe e com o processo de desenvolvimento da técnica dos nados. O conhecimento técnico aparece em seus discursos como a principal característica para se ter controle sobre os acontecimentos diários do treinamento. Para exemplificar, observe os discursos produzidos pelos atores:

[...] **conhecimento de mecânica de nado.**

[...] **ter muito conhecimento técnico, conhecimento de mecânica de nado, (...) muito conhecimento de como você vai lidar com a cabeça do atleta.**

[...] **O controle eu acho que é, é importante** assim, pra saber, **saber diversificar é, e saber dividir essas tarefas todas aí. Descentralizar o poder né**, vamos dizer assim.

[...] **Conhecimento das várias áreas que o treinamento impõe né**, e eu acho que também é assim, **saber é dividir as tarefas.**

[...] **eu me preocupava com a técnica... em quantidades de trabalho de técnico que deveria ser executado no treino. E hoje, eu me preocupo com a técnica efetiva, que é a técnica que ele vai executar no dia da competição.**

[...] uma das habilidades que eu acho que o técnico tem que ter é motivacional.

A partir dos discursos acima, habilidades e competências estão ligadas diretamente ao que fazer no campo da natação, e esse campo, o tempo todo recebe informa es e atualiza es, aumentando a complexidade da fun o do ser técnico de nata o. Enfim, fica claro que as rela es que estabelecem com os conhecimentos já adquiridos e os que virão, acabam por levá-los a buscar essas informa es o tempo todo em vários meios que eles têm acesso, tais como: conversas, *googloe*, artigos científicos, blogs, etc, como nos discursos selecionados abaixo:

[...] ficar na internet buscando série.

[...] hoje em dia tem no Whatz, grupo de Facebook, então a gente troca bastante. s vezes de clínica têm têm. Mas poderia ter mais.

[...] a gente sempre está conversando e trocando e-mail e material. Muito material de troca. É bom que a gente troca material de tudo o que  língua. tudo o que  parte. **Tem bastante espanhol, tem bastante inglês, tem americano... inglês, espanhol, alemão, aí tem bastante. Leste europeu, eu acho que tem vários materiais,** acho que você vai usar tudo.

[...] A maior fonte que h, hoje, na verdade, é a Internet, é a Internet. É botar palavras-chave e buscar na Internet.

Outra competência apresentada por eles, refere-se ao conhecimento; ao ter que estudar sempre, pois o estudo os leva ao conhecimento específico da nata o e propicia melhor entendimento sobre o treinamento. Kupfer (1995, p.79), aponta que “[...] o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca de conhecimento”, dessa maneira, ao ato de ler se traduz em forte instrumento pra o entendimento. Severino (1998, p.49) infere que uma leitura aprofundada em textos científicos é “[...] capaz de desenvolver, no estudante-leitor, uma postura lógica, o que, segundo o autor, é um meio adequado para a forma o, tanto específica, quanto filosófica do mesmo”.

Nossos atores apontam a importância de estudar para apropria o de conhecimentos, esse ato de ler/estudar é a passagem para a aquisi o de um conhecimento sistematizado produzido a partir de uma aérea específica, aqui eles se

referem a natação e adjacentes que possibilitam essa transmissão de conceitos e conhecimentos (MOLINA, 1992; MOURA, MATSUDO, ANDRADE, 2001)

Ainda para Andrade (1994, p.49) entendendo que estamos no período da velocidade de informações, essas que aparecem e desaparecem via imagens, internet, *wathz*, etc...., porém a leitura/estudo é ainda o meio mais importante para o conhecer. Dessa forma, a partir de seus discursos, uma das competências mais importantes e necessárias para eles é a busca de conhecimento específico da área, conforme os seguintes discursos:

[...] Primeiro, responsabilidade, **ter uma boa formação acadêmica**, certo? **Gostar de estudar**, gostar de trabalhar.

[...] **a competência, é o teu estudo**, é o teu trabalho, é o teu dia a dia. Se você vive o teu dia a dia, a competência vai ser o resultado do teu esforço.

[...] **estudando muito.**

[...] **você tem que ter o estudo.**

[...] de **ver o lado bom que está e estudar bastante, sempre tem que estar lendo**, pelo menos um dia, todo dia você **tem que estar lendo alguma coisa sobre treinamento esportivo ou natação.**

Esse ato de estudar para conhecer o que se produz, a busca de materiais e métodos, as inovações no campo da natação, corrobora com a fala de Freidson (1994), que aponta que cada vez mais o mercado busca profissionais que sejam readaptáveis ao mundo que ele circula; e formados com conhecimentos específicos, que possuam competências especializadas na área de atuação, que sejam capazes de resolverem problemas e conflitos existentes no dia a dia, e, principalmente, que saibam ir além do fazer.

Para que isso ocorra, eles devem ter autonomia e motivação intrínseca para a busca de conhecimentos novos, resultando então, em habilidades e competências para lidar com as situações apresentadas. Ainda, trazendo a fala de Deluiz (1996), a competência não remete somente a obtenção dos conhecimentos produzidos na formação, mas sim, na capacidade que cada profissional possui para mobilizar e resolver problemas no enfrentamento das situações diárias, aqui materializada nos acontecimentos à beira da piscina.

As habilidades e competências são adquiridas no processo de formação e qualificação do profissional, e para Araújo (1999), essa qualificação profissional é estruturada a partir da adaptação de cada profissional que as utiliza aplicando os seus conhecimentos e suas competências. Para autores como Manfredi (1998) e Mazzanti (2008), os termos de formação profissional, trabalho e competências estão sempre em destaque nos documentos dos pesquisadores, e o mercado cada vez mais, busca profissionais que possuam habilidades e competências específicas para cada área.

Para Manfredi (1998), o termo competência aparece no Brasil na década de 1970, por meio dos discursos de alguns empresários. Esse termo apareceu na forma de um conceito universal que podia ser encaixado em qualquer situação profissional. Entretanto, ao longo do tempo ocorreu uma evolução, e competência de acordo com o autor supracitado, passa a ser entendida como a capacidade e agilidade que os profissionais possuem para julgar e solucionar problemas referentes à sua área de atuação. Para ele competência é;

[...] um conceito impreciso e que surgiu da necessidade de avaliar e classificar novos conhecimentos e novas habilidades oriundas das novas exigências de situações concretas de trabalho, dos novos modelos de produção e de gerenciamento, substituindo assim a concepção de qualificação, a qual era presa aos postos de trabalho e suas respectivas classificações profissionais (p.41).

Marques (2000), em um dos seus artigos sobre treinadores, traz que para que um técnico esportivo de alto rendimento alcance sucesso, dependerá prioritariamente de aquisição de um vasto conjunto de recursos para a utilização dos mesmos; dessa maneira, os conhecimentos e as competências que são presentes em sua função diária são essenciais para que se entenda a atuação de um técnico esportivo.

Gomes e Souza (2008), ao estudarem os treinadores de futebol, apontaram a necessidade deles serem extremamente estudiosos e que deveriam buscar conhecimento todo o tempo de sua carreira. Essa exigência, não fica distante dos técnicos de natação, pois o conhecimento para eles é uma das principais competências que um técnico deve possuir. O conhecimento como apontado por todos é de fundamental importância em qualquer profissão; no caso do técnico de natação, deve ter conhecimentos específicos sobre os aspectos técnicos, táticos, conhecimentos relacionados à fisiologia, biomecânica, psicologia, desenvolvimento motor, preparação física entre outros, além de vivenciar o esporte diariamente.

Nas pesquisas apresentadas por Hendry (s/a) citado por Machado (1997), a contar dos depoimentos dos técnicos entrevistados, apresenta que o perfil ideal de um técnico esportivo está associado a um profissional que seja sociável, criativo, inteligente, confiante e seguro, e que sua maior qualidade deva se centrar na sua própria capacidade de resolução de problemas adversos do esporte. Nesse sentido, em relação à identificação das competências e habilidades eles ainda produzem discursos que priorize o lidar, se relacionar com seus atletas. As estruturas discursivas abaixo apontam isso:

[...] bom relacionamento com seus atletas, (...) conhecer esses seus atletas, (...) saber das suas individualidades né.

[...] e isso faz parte, você trazer o atleta próximo de você. Aí é a maior habilidade do técnico.

[...] eu acho que tem que ter muita paciência, porque a gente está lidando com pessoas de todas as idades. (...) acho que paciência é muito importante. (...) ter muita persistência.

[...] uma das habilidades que eu acho que o técnico tem que ter é motivacional.

[...] Então eu acho que a força de vontade é a perseverança, e a força de vontade é a coisa mais importante para uma pessoa.

[...] uma grande habilidade, realmente, é o fato de conseguir lidar com pessoas, (...) é a parte da psicologia esportiva.

Pode-se dizer, que seus discursos ratificam a relação existente no mundo do treinamento entre atleta e técnico, que muitas vezes se torna uma relação paternalista e não uma relação profissional, visto que o lidar está ligado diretamente ao conquistar o atleta: **“[...] é um pouquinho de cada, pouquinho de pai, um pouquinho de irmão, um pouquinho de amigo, ter bastante conhecimento”**. Esse discurso de um dos atores vem ao encontro do que Pinho, Alves e Ramos Filho (2010), apresentam em sua pesquisa sobre a relação de técnicos e atletas, na qual dizem que:

Foi possível constatar que as interações entre técnicos e atletas dependem principalmente das necessidades e personalidades dos envolvidos, influenciando no trabalho de ambos. A relação técnico-atleta é fundamental para o desenvolvimento de uma equipe, pois o bom técnico tem que conhecer seu atleta (não paginado).

O papel do técnico perante seus atletas é muito importante, e segundo Sá (1994), ele é o grande responsável de ser o condutor de todo processo educativo técnico e psicológico, se fazendo necessário possuir uma série de competências para tal função. Por isso, que muitas vezes o chamam de professor, pois por analogia são parecidos em suas funções, ambos devem possuir a capacidade de estimular, de motivar e preparar os atletas e/ou alunos para a execução de tarefas, para tal, transmitem conhecimentos relacionados à tarefa a ser executada.

Com o avanço dos conhecimentos produzidos pela ciência atualmente, cada vez mais os treinos se tornam complexos, e a profissão do treinador esportivo se transforma em um universo de tarefas complicadas para sua execução, e para que ele possa executá-las é necessário que seus atletas estejam próximos dele. Sarmento (1992), diz que um técnico esportivo enquanto agente de ensino e condutor de comportamentos, possui responsabilidade na formação desse atleta no que diz respeito aos aspectos educativos de formação pessoal.

Franco (2000), ainda aponta que principalmente em esportes individuais esse técnico tem uma atuação direta na forma de pensar e agir de seu atleta, esse apontamento do autor vem ao encontro desse discurso: “[...] **e isso faz parte, você trazer o atleta próximo de você. Aí é a maior habilidade do técnico**”. Serpa (1995), destaca que existe uma ambivalência na relação construída entre técnico esportivo e atleta, quando diz que um treinador pode ser para seu atleta uma figura paterna; pode ser antagonista, irritante, psicólogo entre outros. Ele é modelo para seus atletas, devido a esses aspectos ele dá importância demasiada a relação construída ou a ser construída com o atleta, quanto mais próximo ele for dele melhor será seu relacionamento.

Essa aproximação que o discurso apresenta entre atleta e técnico, traz outro aspecto apontado por eles como uma das habilidades importantes; ela centra-se na **questão psicológica**, a questão do papel deste técnico ser um psicólogo, ter esses conhecimentos, pois eles lidam com frustrações de resultados, e essas frustrações causam certa instabilidade na profissão segundo Becker (2000). O fato de conhecer aspectos da psicologia esportiva, ajuda-os no desenvolvimento e envolvimento do técnico com o atleta. Vejam como se apresentam os discursos produzidos especificamente sobre a habilidade de conhecer a psicologia:

[...] **ter o conhecimento de psicologia esportiva.**

[...] **é a parte da psicologia esportiva.** Ele tem que entender de **psicologia** para isso, **para conseguir adentrar na cabeça do atleta,** passar esse... mesmo assim é uma dificuldade enorme.

[...] **Às vezes você vai ser pai, mãe, psicólogo.**

[...] **A equipe feminina tem que ter uma parte psicológica, uma parte paternalista muito grande,** dependendo aí da faixa etária que você está trabalhando.

[...] **conhecimento de psicologia esportiva então, para você estar todo o dia motivando o cara a sofrer. Todo dia o cara... o atleta, ele vai sofrer lá na piscina com você e ele vai todo dia sofrer para buscar o resultado que você deseja,** que o atleta deseja e você tem que ensinar ele a desejar.

A importância levantada por eles no âmbito da Psicologia Esportiva se aproxima do papel da mesma no mundo do treinamento, e a intervenção por parte de um psicólogo está cada vez mais presente nas equipes esportivas de alto rendimento. Essa importância se dá devido às variáveis psicológicas relacionadas ao esporte de rendimento, e a própria *performance* desse atleta, embora não aconteça “[...] a mesma coisa com as situações específicas as que deverão se enfrentar, situações com diferentes cargas potenciais de estresse, diferente para cada esporte e para cada momento esportivo de um mesmo esporte” (CÁRDENAS e CÁRDENAS, 2012, não paginado).

Esse papel cabe ao psicólogo, porém entre equipes de natação são raríssimas aquelas que contam com um conjunto multidisciplinar de profissionais, contando inclusive com um psicólogo que objetiva a otimização do rendimento da equipe, dessa maneira, eles buscam meios de entendimento sobre o processo da Psicologia para desenvolverem relações pessoais com seus atletas. Esse conhecimento é importante, pois durante os treinos e durante o período da competição se faz necessário que o atleta assuma que uma “[...] execução plena é uma consequência de fatores tantos físicos, quanto mentais. Não podemos separar a mente do corpo”, de acordo com Willians citado por Cárdenas e Cárdenas (2012, não paginado).

O conhecimento sobre a Psicologia do esporte ajuda ao técnico esportivo se apropriar de ferramentas para que ele compreenda as modificações que os atletas passam no decorrer dos treinos e das competições, pois sua utilização tem como função “ajudar o atleta a controlar seu comportamento, não deixando este influir

positiva ou negativamente no desenvolvimento físico, técnico e tático, assim, não interferindo de forma decisiva no rendimento esportivo” (DA SILVA, ROMCY e GONZALES, 2012, não paginado).

Ainda em uma de suas pesquisas sobre o conhecimento da Psicologia com treinadores de basquete, os autores supracitados, apontaram que os técnicos pesquisados possuíam pouco conhecimento sobre a preparação psicológica, pois entendem ser este um conhecimento superficial construído a partir do senso comum e de experiências anteriores no campo esportivo destes técnicos. De maneira geral, possuem algum conhecimento sobre o assunto, adquirido principalmente na graduação ou em cursos específicos. Acredita-se que os técnicos de natação também se aproximem desses resultados, pois ao se buscar tais conhecimentos ou disciplinas que foram importantes em sua formação eles apontavam sempre fisiologia do exercício ou biomecânica.

A Psicologia como fator de conhecimento dos métodos de motivação, aparece nesse discurso: “[...] **a psicologia é importante então, para você estar todo o dia motivando o cara a sofrer**”, ele remete ao ambiente de trabalho, local de derrotas e vitórias. O que se pode apontar,   que ainda permeia no imaginário social do universo esportivo, que o sofrimento pode ser um catalizador para se alcanç r os objetivos, palavra tão usada na cultura esportiva e nos locais responsáveis pela formação do atleta de rendimento. Nela, o discurso de uma prática visando a superação dos limites pelos atletas, e ditadas quase sempre como um mantra pelos técnicos, se faz muito presente. Vejam o fragmento do discurso “[...] **Todo dia o cara, o atleta, ele vai sofrer l  na piscina com você e ele vai todo dia sofrer para buscar o resultado que você deseja, que o atleta deseja e você tem que ensinar ele a desejar**”, no silêncio desse discurso pode-se dizer que existe um ideal de perfeição, ou seja, sofrer agora para ter o êxito depois.

Segundo Dias e Souza (2012, p. 732), na cultura esportiva de rendimento “ou se   vencedor ou se   desconsiderado”, e os técnicos de maneira geral, constroem o pensamento de que   necessário sofrer para se atingir algo glorioso: a vitória. Essa ideia está materializada no discurso dos atores quando apontam: “[...] **que gostar de vencer, muito mais que o atleta, muito mais que o atleta. [...] você tem que passar um perfil de vencedor, de conquista**”. E, esse tipo de ação, motivar é considerado por ele como uma habilidade do treinador, pois cabe a esse treinador influenciar seus atletas no dia a dia do treinamento.

Ainda, entre habilidades e competências de um técnico, foi identificada pelos atores a caracterização de **técnico competente**. Os atores sociais produzem discursos que muitas vezes se contrapõem sobre o que entendem por caracterizar um técnico competente. No esporte, em geral, a competência está atrelada ao ganhar, ser vencedor, ou seja, resultados positivos levam a comunidade esportiva a considerar aquele técnico como competente. Isso fica claro nesse discurso: “[...] **é aquele... O técnico consegue ter resultados de grande efetividade, no sul-americano, Mundial, Olimpíada**”. Ao mesmo tempo, para não evidenciar o vencedor como competente eles também apontam outras características: “[...] **aquele técnico que consegue passar para os outros profissionais um pouco do conhecimento dele**”.

Para Pinho, Alves e Ramos Filho (2010), as qualidades para um bom técnico são: conhecimento, comunicação, disciplina, liderança, conduta para o relacionamento e para a tarefa; todas essas qualidades são organizadas e trabalhadas ao longo de sua profissão e de experiências vividas. Para eles, essas experiências são construídas à beira da piscina, e com o tempo devem aprimorar suas habilidades. O técnico competente para os atores sociais, está materializada nos seguintes discursos produzidos por eles:

[...] Esse é o técnico que eu considero competente, aquele que faz o trabalho e ensina os outros ainda a como fazer.

[...] o técnico competente é o técnico que não pensa em fazer do seu atleta uma ponte para o seu crescimento, ele faz dele a ponte para o crescimento do atleta. Eu acho que esse é um bom técnico.

[...] Enfim, o técnico tem um papel grande, mas eu acho que não é determinante numa equipe para ela ser campeã.

[...] o técnico competente tem que ser duro, não ter amor no coração.

[...] Técnico tem que ser amigo e tem que ser inimigo, ele tem que ter amor e tem que ser bravo, ele tem que ser líder. Mas ali, compromisso, conhecimento e pouco amor no coração, em resumo é isso.

[...] Agora competência, tem que ter resultado, não tem como, na tua carreira. Você está como técnica e não ter resultado, você está fazendo um trabalho mais ou menos.

[...] Então assim, **competência tem que ter resultado e eu gosto de resultado.**

[...] **Seria muito simples dizer quando ele alcança resultados. Eu acho que vai, além disso.** Então eu acho que **com certeza, ter resultados, mas, além disso, formar pessoas.**

Nos discursos acima, fica muito clara a dualidade entre o ser vencedor, dar resultados, e a preocupação com a formação geral dos atletas para serem pessoas capazes de superar problemas, ajudar na formação de todos. No esporte vencer é muito forte, por isso, de maneira geral, não se lembra quase nunca quem foi o segundo colocado em uma competição. Veladamente é reforçada a ideia que o vencedor não é só lembrado, mas também reverenciado, enquanto que os outros caem no esquecimento, são invisíveis. Talvez seja um dos motivos que ao admitir que o técnico competente seja o vencedor, eles estariam evidenciando o bom trabalho e bons resultados.

A priori, quando um técnico inicia o ano ou sua temporada vindo de um resultado negativo, em alguns campos esportivos ele pode ser considerado como um fracassado; vide a leitura do futebol, o maior exemplo de troca de cadeiras de técnicos esportivos. No campo da natação essa troca de locais acontece sempre no início da temporada, e o que qualifica a troca, a melhora de salário sempre é o resultado anterior. O discurso reforça essa ideia: “[...] **acho que é pelos resultados. Os melhores técnicos têm os melhores resultados para o seu atleta**”. Ao mesmo tempo em que seus discursos associam competência com vitória, aparece geralmente no mesmo discurso do ator social certa justificativa de não ser vencedor, o que se verifica em alguns discursos:

[...] Eu acho que **o técnico é competente quando ele tem um grupo, é, de meio, miolo, forte, se ele evolui o miolo da equipe.**

[...] **acho que ter um grupo como... você se ver líder do grupo e aquele grupo confiar no que você fala, acreditar na tua proposta.**

[...] Eu **acho que o que estuda, que trabalha bastante, que gosta do que faz, e sempre vai para o clube.**

Outro ponto importante para eles, se refere às oportunidades na equipe, pois em uma temporada esse técnico pode possuir um grupo mais talentoso ou não; se ele

não possui atletas com grandes habilidades, fica difícil para ele provar a capacidade técnica de sua equipe, a culpa muitas vezes recai em não ter atletas habilidosos, e não no trabalho feito pelo técnico naquela temporada; esse é um dos discursos produzidos pelos atores:

[...] A gente não pode medir só o técnico pelos seus resultados, porque algumas vezes, ele não tem uma geração de bons atletas.

[...] competência você vê assim, mais ou menos o perfil dos atletas. Você vê o perfil do técnico e do atleta. E na hora que ele vai falar, todo mundo tem que estar prestando atenção no que ele está falando. Esse daí eu já vejo o que é um técnico bom.

Após a análise dos discursos, parece que as habilidades e competências mais importantes remetem ao conhecimento sobre o campo da natação - técnicas de nado, regras, periodização, conhecimentos específicos de área, psicologia e saber lidar com os atletas, mas ressalta-se que esse sistema periférico da representação sobre essas habilidades e competências é muito raso, ratificando que os atores se preocupam com somente aquilo que lhe dá condições específicas para desenvolverem seu trabalho na área do treinamento da natação.

Coadunado com Coelho citado por Simão (1998), também entende-se que o técnico esportivo deva assumir como papel principal de sua qualificação profissional, acompanhar permanentemente a evolução dos conhecimentos sobre a área, sobre os conhecimentos que ajudam de forma direta ou indireta na sua preparação, bem como, acompanhar a própria evolução científica do treinamento esportivo na área da natação de rendimento; pois ele não pode perder de vista que seu trabalho diário exige os conhecimentos técnicos, pedagógicos e científicos da natação.

Nesse sentido, utilizando a fala de Lawson (1990), é importante que o técnico esportivo estabeleça rotinas no que diz respeito à sistematização e realização de suas tarefas enquanto técnico. Essas rotinas fazem parte de suas competências profissionais enquanto;

[...] são repertórios perceptivos e comportamentais e, como o *script* para os atores, uma vez aprendida e internalizada, essas rotinas vão guiar as ações e percepções relacionadas ao trabalho. Lawson vai argumentar sobre a importância de se compreender essas rotinas como construídas e estruturadas socialmente (SORIANO, 2003, p.117).

Simão (1998), ainda aponta que a preparação do técnico esportivo deve ser equilibrada, coerente, participativa, programada, planejada e integrada, nesse sentido, Lima (2001), afirma que a formação inicial e depois a continuada de um técnico esportivo deveria ser assegurada para todos, pois somente assim, ele terá condições de executar plenamente suas funções de técnico e saber quais são as habilidades e competências de sua profissão. Não se pode deixar de reconhecer que o pilar de conhecimento: específico, científico e técnico, é muito importante para o sucesso desportivo e formativo dos atletas, mas no quesito conceituação de técnico competente é difícil encontrar consenso para essa questão.

Apesar de conhecimento, competência e habilidade caminharem juntos, muitas vezes são estudados de forma diferente. Quando se fala em conhecimento surgem diferentes definições; a literatura em geral aponta que se trata da representação de um determinado domínio de princípios ou conceitos produzidos cientificamente, que são apreendidos e depois reproduzidos. Porém, o conceito, não significa saber aplicar; é aqui que entram as competências e habilidades. Esses conhecimentos, que o técnico esportivo deve dominar, são os pilares para o reconhecimento das habilidades de aplicação desse conhecimento para a resolução dos problemas encontrados. Sendo assim, amplia o leque de competências assumidas pelos técnicos esportivos, que são materializadas nos treinamentos, nas competições e principalmente na capacidade de organização de uma temporada.

3.1.4 QUARTO SISTEMA PERIFÉRICO DISCURSIVO: TÉCNICO DE NATAÇÃO E EXPERIÊNCIA DE TER SIDO ATLETA OU NÃO

Este **sistema periférico** que emerge dos discursos dos atores sociais, refere-se à dúvida: **existe diferença para ser técnico entre quem foi atleta e não atleta?** Em seus discursos, os atores sociais apresentam que o fato de ter sido atleta pode ser um ponto importante no processo de treinamento, principalmente por eles terem experimentado reações, sensações enquanto atletas, e, que quando estão na

condição de técnicos, podem utilizar essa memória motora para compreender o que ocorre com os atletas nos períodos de treinamentos e/ou competições.

Essa discussão se faz muito presente, e mesmo velada não deixa de apontar alguns problemas na intervenção, pois mesmo entendendo que o campo do técnico esportivo se apropria de todos os avanços da modernidade, a questão da competência do técnico ainda permanece desconexa, pois é muito forte nos discursos uma formação baseada na experiência prática do ex-atleta.

Os atores sociais da pesquisa provocam um deslocamento sobre as representações que tiveram enquanto atletas e as transportam para o papel de técnico. Dessa maneira, se sentem mais confortáveis por entenderem que sabem o que acontece, e isso segundo eles, melhora a relação com seu atleta, pois já sentiu o que eles sentem. Eles produziram os seguintes discursos:

[...] É, eu acho que existe diferença em qualquer esporte.

[...] Ele te dá uma pequena, uma pequena vantagem, como também pode dar uma desvantagem.

[...] Eu acho que a diferença existe porque você tem uma bagagem maior. Por exemplo, quem é ex-atleta, ele uma, tem uma ideia, que foi no treino, como que funciona, como que é fisicamente a parte nutricional, e ele também tem o conhecimento científico disso, que é o que a universidade proporciona.

[...] Não que seja obrigatório, mas ajuda bastante. Eu acho... é isso que eu falo, as experiências do que, da prática do que foi feito.

[...] visualizando a prática e com bom conhecimento teórico. E daí com a bagagem que você tem de atleta e é um dos grandes potenciais que a gente tem.

[...] se de repente a pessoa ter sido atleta, a vantagem pode ser de ter passado por um balizamento, por uma situação de stress, de saber de repente repassar isso para o seu atleta, mas através de estudos você pode pesquisar sobre isso. Na minha opinião, não sei.

[...] Eu acho que o fato de ter sido atleta facilita esse diálogo, essa abertura, essa compreensão de problemas.

[...] Eu acho que o fato de ter sido atleta, como eu falei, eu acho que as relações, as contenções de determinadas situações acabam

sendo mais facilitadas. As situações de dia a dia, de conflito, principalmente com os adolescentes.

[...] você tem uma bagagem motora para você conseguir mostrar de maneira mais assertiva o seu movimento.

[...] que a parte boa é que na hora de você demonstrar a técnica ou até de se autocorrigir quando você estuda a biomecânica do nado, ela facilita ter sido atleta. Eu assumo que a prática é importante, eu acho ela bem importante.

[...] também aquele lance que todo mundo comenta, né, de já ter sentido na pele o que você está passando. Então não é qualquer pessoa que entende o que é um 40 x 100 na A3 a cada 2 minutos. Só passando por isso que você sabe mesmo o que a molecada está passando, (...) você tem essa percepção de entender se não dá mesmo, se ele está dando “migué”.

Percebe-se nos discursos acima, que a prática, a experiência de ter vivenciado a natação enquanto atleta, é considerado um diferencial no currículo do treinador esportivo e se torna importante nesse campo. É notória a presença entre os técnicos esportivos, de ex-atletas, e a natação não foge à regra; entretanto, acreditar a vivência de atleta pode capacitá-lo para o trabalho é suposição, apesar de ser nítida a preferência na contratação por aqueles que já possuem experiências de atletas. Marques (1997, p.11), observa que o estatuto dos técnicos necessita de mudanças, pois “[...] nem sempre, (...), a experiência como atleta encontra correspondência na competência como treinador. E cada vez menos aquela é suficiente para suportar a competência deste”.

Estudos de Marturelli Júnior (2002) e Oliveira e Paulo (2010), sobre técnicos de futebol, apontam que prioritariamente a função de técnico é composta por ex-jogadores vitoriosos em suas carreiras de atletas, e especificamente no campo do futebol, boa parte deles não possuem formação reificada, porém esses mesmos técnicos apesar de não terem passado pelos bancos universitários apresentam resultados significativos, garantindo-lhes a manutenção em seus cargos.

Enquanto que o estudo de Ramos *et al.* (2011), com técnicos de basquete, apontou que a aprendizagem da profissão de ser técnico passou pelas experiências de quadra na época em que jogavam, o autor diz que o envolvimento que eles tiveram no decurso de serem atletas pode ter sido um fator significativo no campo de conhecimento por meio das observações de onde estavam inseridos. Essa valoração

aparece também na natação: “[...] **Então, você sendo ex-atleta, você consegue identificar e fazer melhor o processo de treinamento**”. Fica evidente que as relações vivenciadas no período que foram atletas, segundo seus discursos, contribuem de forma expressiva para se estabelecerem enquanto profissionais, e são determinantes para sua atuação enquanto técnico. Para o ator social: “[...] **então nessas coisas eu consigo sentir, não é daí eu li, mas é porque eu me lembro do que é que eu senti**”.

Em alguns momentos, a experiência de ter sido nadador passa a ser mais importante do que o conhecimento; não negam o conhecimento, porém, a experiência é parte fundamental no desenvolvimento do trabalho. Não raramente, para as resoluções de alguns problemas do campo da piscina, eles buscam na memória do tempo de atleta algumas soluções.

Mesmo com toda a ciência e tecnologia disponível no mundo do esporte, infelizmente, ainda se têm um perfil de técnico brasileiro polarizado entre o ex-atleta e acadêmico, sendo que esse ex-atleta é caracterizado por aquele indivíduo que possui as experiências da beira da piscina, que possui o domínio da técnica por ter vivenciado os nados diariamente e principalmente o saber fazer da maneira como foi treinado, “[...] **eu consigo sentir, não é daí eu li...**”. Contudo, muitas vezes a fundamentação teórica fica em segundo plano; percebe-se isso quanto à valoração da formação inicial, o papel da universidade para eles.

O profissional que passou pela universidade, possui a seu favor a fundamentação teórica, a ciência produzida, domina os processos pedagógicos, ele tem posse do saber o que/ quando/ como e o porquê ensinar e utilizar este ou aquele método, porém, possui certa dificuldade em reconhecer ou ter as maneiras/atalhos/meios de quem vivenciou dentro da água todas as experiências. Na realidade a vantagem nesse processo é de quem pode aliar os dois, o conhecimento prático e o teórico, a formação inicial aliada às atualizações de cursos, leituras ente outros.

Não se pode deixar de levar em consideração que a experiência de atletas nesse campo ajuda em alguma parte do processo, porém não é essencial. Schempp (2003), sugeriu que essa experiência de atleta fosse um antecedente importante no quesito de se tornar um técnico, mas Borko e Putnam (1998), previnem que ainda estão sendo feitos estudos para compreender a relação cognitiva dessa transferência, a forma como os indivíduos realizam a transmissão de conhecimentos adquiridos na

prática para novos contextos. Esses discursos: “[...] **Era o que eu conhecia como atleta, tecnicamente, (...) mas eu não tinha formação nenhuma**”, ou “[...] **então são muitos anos como atleta**”, remete que parece ser natural essa passagem de atleta à técnico; ter sido um atleta é a certificação para essa profissão de maneira geral.

Em pesquisa realizada por Oliveira, Rodrigues e Falcão (2016), sobre o perfil dos treinadores brasileiros de natação das categorias infanto-juvenil, apresentaram que a maioria dos técnicos partícipes do campeonato brasileiro foram atletas, e que os mesmos apontaram que, ter sido atleta foi uma importante via de acesso para que chegassem ao treinamento, à profissão de técnico de natação.

Quando fala-se em intervenção à beira da piscina, o técnico necessita dos conhecimentos de base conceitual, conhecimentos específicos do treinamento esportivo e da área, para realizar sua atuação profissional. E, também utiliza seus conhecimentos organizados pela base do gestual motor aprendido por ele nos tempos de atleta, e a forma como seus técnicos aplicavam os treinos; sendo que, esses conhecimentos e princípios serão utilizados como base na sua prática como técnico, de acordo com Cushion, Armour e Jones (2003). Esse conjunto de conceitos para Brasil, Ramos e Nascimento (2015, p.490), tem a ver com a representação que esses, “[...] componentes e episódios do processo de treino fornece uma estrutura formal ao treinador para que ele possa refletir sobre sua própria prática nesse processo”.

Dessa maneira, para Cotê e Gilbert (2009), existe maior possibilidade de se obter qualidade em sua intervenção, principalmente, segundo os autores, porque eles associam a estrutura conceitual formal e a experiência prática deles, enquanto nadadores. A partir dessa associação podem criar um repositório de arquivos que foram organizados, permitindo que o técnico tenha a tomada de decisão de forma consciente. Corroborando com Brasil, Ramos e Nascimento (2015, p.490), ao dizerem que “a atuação do treinador esportivo, portanto, parece depender de uma combinação de experiências práticas e conhecimentos formais, associados aos avanços sociais, tecnológicos e científicos”.

De maneira geral, essa prática é comum no mundo do esporte. Aqui não se está criticando o ex-atleta, pois em todos os cantos a figura do técnico esportivo com sucesso na profissão, está associada ao ex-atleta, porém é comum na Europa e porque não no Brasil, que esses técnicos busquem formação qualificada, geralmente oriunda de cursos de preparação específica de técnicos de suas áreas. Esses cursos

permitem que os mesmos se apropriem de conhecimentos específicos e necessários, e são organizados em alguns países como cursos de preparação para a profissão de técnico.

Dois dos atores sociais, buscaram complementação no curso de formação técnica de base nos Estados Unidos: o curso da ASCA⁴⁴, que é a maior associação mundial de treinadores de natação e está sediada em *Fort Lauderdale*, na Flórida. Em torno de 14 países sediam cursos da Asca e no Brasil vem acontecendo a certificação desde 2014. Seu objetivo é oferecer cursos de preparação técnica e tática como uma continuação da formação dos mesmos. Os brasileiros passam pelo mesmo processo de certificação que é desenvolvido em 5 níveis a saber, de acordo com o quadro abaixo que apresenta os níveis de certificação proposto pela ASCA.

Quadro 3: Níveis de certificação da ASCA

NÍVEL	NÍVEIS DE CERTIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO DEMOGRAFICA DA CERTIFICAÇÃO
1	Fundações de treinamento.	20%
2	Escola de estilos, construção e correção.	50%
3	Escola de fisiologia, planejamento e execução de treinamento.	18%
4	Escola de liderança – Todo treinador deve ser um líder	8%
5	Escola de administração, mantenha seu programa efetivo.	4%

FONTE: Extraído do site <http://www.asca.esp.br> em 02/01/2016.

Dois técnicos paranaenses que participaram da formação da ASCA relatam a importância de ter feito a formação proposta por esse curso para seu fazer profissional. Eles apontam:

[...] eu faço parte da ASCA ((telefone)) eu sou nível dois da ASCA. E a vantagem de você fazer parte, hoje, da ASCA, é que você recebe muitas atualizações. Atualizações em vídeo, atualizações

⁴⁴ ASCA: American Swimming Coaches Association.

em ... eles mandam absolutamente tudo o que tem de novo para você, é desde a parte fisiológica.

[...] **eu fiz a nivelção da ASCA, né. , eu fiz o 1, presencial, e o 2 e o 3 eu fiz online. Em português é fácil, não é? O primeiro em português é fácil. Os outros dois... .**

[...] **Olha, até mesmo por causa desses cursos, eu tenho acompanhado bastante assim, os métodos da natação americana.** Então métodos, sistemas de trabalho, algumas variantes ali que com o meu grupo de atletas eu costumo trabalhar mais com.

[...] **Eu acho que a CBDA devia fazer um curso de formação, podia até ser online, no modelo dos cursos da ASCA.**

Pode-se perceber nos discursos acima, a importância dada aos cursos da Asca, onde subentende-se que para os atores sociais o curso lhes deu mais condição de aperfeiçoamento; isso aliado a sua experiência enquanto ex-atleta os qualifica para o trabalho, vide o discurso: “[...] eu fiz o último curso aí da ASCA, eu fiz com o Bob humm. Se eu não me engano ele é engenheiro. Ele nunca foi técnico de... nunca fez Educação Física.(...) ele tem até o nível cinco da ASCA, ele é membro top da ASCA e os cursos de formação, realmente eles vão te dar a base daquilo que você precisa para ser técnico. Asca, mas quem vem dar o curso é americano”.

Esses cursos possuem um apelo maior entre os treinadores brasileiros, pois eles tendem a responder automaticamente suas dúvidas. Ademais, além de uma formação de base específica, eles tornam-se local de perguntar sobre seus problemas pessoais com sua equipe. Em alguns momentos, eles dizem que somente ter sido atleta não é suficiente, e aqui aparece à busca da formação, o discurso do conhecimento específico para evoluir na área, veja alguns discursos produzidos:

[...] **eu nunca fui, eu nunca fui atleta. Segundo, eu não tenho vícios. Eu não sou cético. Porque eu tenho conhecimentos, então, eu sou um cara aberto.**

[...] **Eu acho que independente, se foi atleta ou se não foi atleta, se a pessoa estudar e tiver a determinação e dedicação para fazer aquilo, ela vai alcançar.**

[...] **Eu acho totalmente normal um técnico de natação que não foi atleta. (...) mas tenho certeza que ter sido atleta dá muita base.**

[...] E o cara que nunca foi atleta, ele tem que ralar, ele tem que ralar para ele saber passar o que ele quer, e ele tem que saber convencer o atleta a fazer o que ele quer, sendo que ele nunca fez.

Apesar dos discursos apontarem que não veem problema algum o técnico não ter sido atleta, sempre aparece de forma velada em suas falas, apontamentos sobre alguma deficiência que seria necessário ser suprida pelo não atleta. O que os torna iguais, os aproxima, são os discursos da importância de se ter conhecimento: “[...] **mais vantagem é quem está lendo a mais e está estudando mais, e esse é que tira vantagem porque a nataçãõ está muito dinâmica**”.

O conhecimento é a chave principal nesse campo, existe uma bagagem de conhecimento que deve ser considerada, sendo ex-atleta ou não. Todo treinador esportivo necessita saber sobre fisiologia, biomecânica, fisiologia do exercício, psicologia do esporte, cinesiologia, pedagogias de treinamento, didática, métodos de controle de cargas, entre outros, e se esta bagagem de conhecimento não for adquirida no período da formação de educação física, onde eles irão buscar essas informações? Entende-se que no Brasil o meio de preparação é a universidade, porém, em outros países isso se dá de maneira diferente, existem cursos específicos de preparação do treinador esportivo com temporalidade de duração diferentes, de acordo com cada país.

Sobre a questão de ex-atleta, somente com sua bagagem do período de atleta, poder atuar ou não, existem divergências sobre o assunto, e cada vez mais aparecem soluções para tais colocações. É um debate premente, e que necessita ser levado mais a sério, e pensado pelos profissionais da área tanto específica quanto academicamente, visualizando se existem outras possibilidades de formação profissional que não seja somente pela graduação. Esse debate tem perpassado por vários profissionais e tem se instalado dentro e fora das instituições de ensino, não com tanta força quanto o assunto merece, porém as discussões estão presentes em blogs, com ex-atletas, em programas esportivos televisivos, etc., cada qual fazendo sua defesa sobre seu ponto de vista.

No blog “Treino em foco”⁴⁵ comandado pelo professor Dr. João Moura, no programa do dia 07 de abril de 2016, com o título: “Treino em foco responde: Ex-

⁴⁵ Extraído do site: <http://www.treinoemfoco.com.br/treino-em-foco-responde/ex-atletas-atuarem-como-treinadores-qual-a-opiniao-do-treino-em-foco/> em 02/01/2017 às 15h

atletas atuarem como treinadores – qual a opinião do treino em foco?”, o professor Doutor abre o debate fazendo a pergunta em questão. Esse debate aparece na semana em que o Senado brasileiro aprovou na Comissão de Assuntos Sociais do Senado um relatório do projeto de Lei nº 522/2013, projeto inicial proposto pelo senador Alfredo Nascimento, que versa sobre as relações profissionais do técnico ou treinador profissional de modalidade desportiva coletiva.

O senador⁴⁶ Romário de Souza Faria, apresentou uma emenda na qual ex-atletas podem exercer a atividade de técnico esportivo desde que comprovem no mínimo 5 anos de atividade como atleta. Essa emenda proposta pelo então Deputado Federal Romário de Souza Faria, busca dar direito ao trabalho de técnico à ex-atletas que tenham atuado no futebol por no mínimo 5 anos, e segundo a avaliação do então deputado um dos méritos do projeto e de sua ementa se refere a iniciativa de democratização do exercício da profissão, o então deputado Romário de Souza Faria diz: “[...] *Além disso, são normas úteis para a melhoria do treinamento e desempenho de nossos atletas, já que traz a experiência e expertise de quem já atuou na área para o treinamento*”⁴⁷. Pode-se dizer que esse discurso é equivocado, referente ao que é uma formação profissional, suas consequências, habilidades e competências que são necessárias.

Urge que a área da Educação Física enfrente essa discussão, percebendo suas fragilidades no que tange à formação de um técnico esportivo, e mais do que isso, que se iniciem discussões com grupos diferentes, olhando o caso do técnico esportivo como algo urgente e sério. Não se trata apenas dos técnicos que estão em grandes equipes, mas também daqueles dos bairros, das pequenas prefeituras, dos clubes, e outros que desenvolvem o esporte, muitas vezes com medo de serem apanhados pela fiscalização do CREF. No entanto, esse mesmo órgão não realiza debates apropriados para iniciar uma discussão sobre essa problemática.

O programa “Treino em foco responde: Ex-atletas atuarem como treinadores – qual a opinião do treino em foco?”, inicia apresentando a vantagem de ser ex-atleta, por ele ter vivenciado experiências enquanto atleta, em qualquer modalidade. Dessa maneira, para o Dr. João Moura, o ex-atleta traz um conhecimento interno sobre a

⁴⁶ À época da apresentação da emenda o Senador Federal Romário de Souza Faria ainda era Deputado.

⁴⁷ Discurso extraído do site <http://www.romario.org/news/all/senado-aprova-relatorio-de-romario-que-permite-ex-atletas-atuarem-como-tecnicos-esportivos/> no dia 02/01/2016 às 19h15min.

competição, sobre a pressão da competição e do treinamento, enfim sobre as coisas que estão girando em torno do meio competitivo. Sendo assim, no seu entender, o profissional formado em Educação Física e que não teve experiência nenhuma como atleta, por mais conhecimento teórico que tenha, em detrimento da preparação científica organizada no meio acadêmico, não teria o conhecimento da vivência prática, o que seria um ponto negativo para sua trajetória de técnico esportivo.

A discussão no programa perpassa pelo debate que norteia a prática, que no imaginário social infere que ter sido atleta é mais importante e é referencial de competência. Isso fica evidente na pesquisa de Lopes (2005), sobre os relatos do treinador Geninho, que tem convicção de que suas experiências de jogador podem suprir a necessidade de realização de um curso de formação profissional sistematizado, para técnicos de futebol. Seu discurso, apresentado pelo pesquisador: *“então, eu não sinto falta de ter feito algum curso específico pra futebol. Talvez se eu não tivesse jogado bola eu teria que fazer. Está aí a diferença entre o teórico e o que jogou. O teórico tem que fazer alguns cursos. Tem que conviver ... De repente algumas situações ... fazer alguns estágios ... é o que a gente vê muito, com alguns treinadores, pra viver o vestiário, porque ele não viveu no meio. Fora o fato do jogador respeitar sempre mais quem jogou (Geninho, técnico de futebol)”*.

Pode-se dizer que ter sido atleta para os atores sociais, foi uma experiência importante e porque não imprescindível para sua atuação técnica. Veem com bons olhos companheiros que experienciaram essa ação: ter sido nadador. Porém, justificam que, o que nunca foi atleta estudando pode chegar lá, mas no silêncio de seus discursos, para eles, ele nunca se igualará a eles que foram atletas, pois as sensações, sentidos, experiências, dores, amarguras, vitórias, espírito de equipe, apenas quem foi atleta pode saber. E Lawson (1990), sugere que muitas vezes a ação da prática passa a ser o foco, nesse sentido Betti (1996, p. 103), sugere que:

Em função da variabilidade do contexto, os profissionais constroem sua própria visão de conhecimento útil, que Lawson denomina conhecimento de trabalho ou conhecimento operacional. É um tipo de conhecimento tácito, que resulta do processo de socialização no interior da profissão. Um profissional aprende com outros colegas, aprende por tentativa e erro, adapta suas ações às demandas institucionais, às aspirações da comunidade, etc. Neste processo, seleciona e adapta conteúdos e estratégias de ensino aprendidas na sua formação acadêmica, e despreza outros.

Dessa maneira, os atores sociais, utilizam os conhecimentos oriundos do campo da prática para organizar suas ações, e de acordo com Soriano (2003), algumas vezes essas práticas não são ignoradas em detrimento da sistematização do conhecimento que provém de pesquisas. Então a partir de autores como Lawson (1990), Lovisolo (1996), Rangel-Betti (1998) e Soriano (2003), esse profissional ao trazer suas experiências e vivências práticas, constroem um conjunto de respostas que passa a ser a sua referência para sua prática diária, e elas não necessariamente foram construídas a partir das bases do conhecimento científico; elas são alicerçadas em suas experiências diárias, nas conversas à beira da piscina entre outras, o que evidencia a valoração no campo para aqueles que trazem como experiência a prática do atleta.

3.1.5 QUINTO SISTEMA PERIFÉRICO DISCURSIVO: FORMAÇÃO DE TÉCNICOS NO PARANÁ E CONSIDERAÇÕES DE UM PROGRAMA/ESCOLA PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE TÉCNICOS DE NATAÇÃO

A **formação dos técnicos no Paraná e considerações de um programa/escola para formação profissional de técnicos de natação** constitui o outro **sistema periférico**.

No que diz respeito à **formação de um técnico de natação no Paraná** os discursos dos atores sociais remetem à temporalidade, pois o caminho é longo, as etapas devem ser realizadas passo a passo, porém existe certa dificuldade no campo de intervenção profissional, principalmente no que se refere à inserção profissional inicial no campo do treinamento; o discurso aponta: **"[...] As pessoas que trabalham com a natação hoje, são as mesmas que trabalhavam há 20 anos atrás. Então você não tem espaço, não tem, digamos, nem público de atletas para uma demanda de técnicos"**. Esse parece, ser um dos grandes problemas apresentados por eles, e não ocorre somente no campo da natação competitiva, de maneira geral,

esse é um dos problemas mais comum do campo do esporte. Porém, sabe-se que no Brasil, para que o técnico possa trabalhar no treinamento esportivo é necessário que ele tenha a formação acadêmica em nível superior.

Segundo a Lei nº 9696/98, que regulamenta o exercício profissional do educador físico na área de Educação Física, designando o Profissional de Educação Física como sendo o único que possui a prerrogativa para atuação nessa área, com um condicionante: para exercer a profissão, ele deve estar regularmente registrado nos Conselhos Regionais de Educação Física (BRASIL, 1999), ou então, que ele seja um profissional provisionado, de acordo com a Resolução CONFEF nº 45/2002, apresenta as condições para que ele possa exercer o cargo na condição de provisionado, após comprovada atividade exercida por prazo não inferior a 3 anos, da data de 02 de setembro de 1998, de acordo com o início da vigência da Lei nº 9696/98 (BRASIL, 2002).

Em relação a como está acontecendo essa formação, eles produzem os seguintes discursos:

[...] **Falha.**

[...] No **Brasil** aí mesmo, **o pessoal novo ainda está entrando devagar**, eles não vão chegando aí muito, **não considerando brasileiro não tem muito ainda. O pessoal novo está...**

[...] No **Paraná** eu acho assim, que **tem um pessoal mais novo entrando aí, com vontade também. Vai dar bastante futuro bom aqui.**

[...] Um pouco, **está tendo um pouco de renovação de técnico**, tem um pouco de renovação.

[...] **Eu vejo que a qualidade do acadêmico hoje que vai fazer estágio e que sai recém-formado da faculdade, precisava ser revisto os currículos, especificamente na parte da natação.** Em modalidades eu não tenho como avaliar, **mas pelos outros técnicos do clube, que a gente está sempre em contato, a reclamação é a mesma.**

[...] **Já foi pior.** Mas se você for ver hoje aí quem que está de novo... na natação aí tem pouca gente. **Basicamente aí falando, tem os meninos ali de Maringá.**

Essa renovação na área acontece não mais como antes, percebe-se que somente aqueles que foram nadadores é que voltam seu olhar na formação para esse campo; são raros os indivíduos que não vieram do campo da natação e que procuram esse espaço enquanto formação. Ainda   presente a formação sendo realizada através de experiências práticas: “[...] **formação de técnico de natação, eu acho que a maioria das formações, elas vêm, do que eu vejo, do que eu sinto falar muito, da forma como aconteceu comigo também, é uma coisa que vem passando de geração para geração o currículo, os técnicos mais velhos, mais experientes com aqueles que estão chegando,   esse contato que a gente tem um com o outro e...**”.

Pode-se dizer que, de maneira geral, eles atribuem   formação do técnico, muito próxima das experiências vivenciadas na água, e acaba por culpabilizar a formação inicial da universidade (como já visto no primeiro sistema periférico), esquecendo que essa formação inicial tem por objetivo possibilitar um olhar generalizado na área, principalmente para aqueles que fizeram sua formação em Licenciatura (a maioria deles), e aqueles que tiveram sua formação nos cursos de Bacharelado também corroboram com essa ideia, como o discurso de um deles: “[...] **O professor, a universidade em si, ela me mostrou as ferramentas, ela não abrangeu nada. (...) ela simplesmente me habilitou para ter um leve conhecimento**”, como nenhum dos atores possui formação na graduação de Esporte, talvez os discursos seriam diferentes para quem teve formação em um curso que trata especificamente sobre esporte.

Segundo Ponte (2017, não paginado), a formação apresenta características diferentes que para ele; “[...] a formação está muito associada à ideia de “frequentar” cursos, numa lógica mais ou menos “escolar”, o processo de desenvolvimento profissional do indivíduo é realizado por múltiplas formas, no qual se deve incluir a participação de curso inicial (universidade), mas também levar em consideração outras atividades. Simon (1995), diz que, os cursos de graduação, da maneira que estão estruturados, não são capazes de formular uma preparação adequada a todos os campos que abarcam a área, sendo que para eles, muitas vezes a formação na universidade   deficitária. Eles produzem esses discursos: “[...] **Então é um contato que a gente tem na universidade, eu acho que é muito amplo para você dizer, “Puxa, eu saio da universidade, estou técnico de natação.” “[...] é muito**

arriscado isso". Por isso, para eles, a formação é a mesma: "[...]... **digamos, a sucessão de tempo logo depois de mim, seguem a mesma linha que eu segui**".

Ao destacar o tema formação profissional em Educação Física, Simon (1995), ainda afirma que os cursos de graduação, tal como estão estruturados, não são capazes de formular a saída para a crise vivida pela área. Espera-se do graduando a integração dos conhecimentos que apreenderam nas diversas disciplinas trabalhadas no curso de graduação. Então, é recomendável que eles transformem esses fragmentos em um todo coerente e, ainda, que vislumbrem as relações desse todo com a prática (ROSS, 1981). Pode-se inferir que seja um dos motivos, que a formação de profissionais em Educação Física ainda é considerada deficiente no Brasil.

Fica evidente que existe relação entre a formação, o local para a intervenção e a estrutura para o trabalho no estado do Paraná. Pode-se apontar que somente um clube paranaense possui toda a estrutura física, técnica e tática para o desenvolvimento dos treinamentos e formação de atletas; esse clube possui uma estrutura com um grupamento de profissionais que apoiam e dão subsídios para que os técnicos trabalhem; entretanto, a maioria das equipes do estado, são deficitárias quanto a essa organização estrutural. Por isso, eles até apresentam certa dificuldade em pensar em renovação, pois para se ter renovação é necessário ter lugar para o desenvolvimento dos treinamentos e locais para inserção desse novo profissional: "[...] **Como é que eu vou renovar o quadro técnico se eu tenho só três lugares para trabalhar?**" (No Paraná).

Sabemos que atualmente para obtenção de bons resultados com uma equipe, faz-se necessário ter uma equipe multidisciplinar. Como pensar nisso, quando a maioria dos atores sociais trabalham sozinhos em seus clubes/ associações/escolas de natação, e que há pouca oportunidade para a entrada de novos técnicos no mercado de trabalho, pois faltam locais investindo na natação de rendimento no Estado? Essa diminuição de demanda técnica, e conseqüentemente falta de local para trabalhar também acontece em todos estados brasileiros.

Nas décadas de 1970 a 1980, na cidade de Londrina, por exemplo, existiam 5 grandes clubes com equipes competitivas e 2 duas escolas de natação, que desenvolviam o trabalho competitivo com técnicos e auxiliares, atualmente se restringe a apenas um grupo, que está organizado em uma academia, cujo técnico aluga o espaço para o treinamento de seus atletas. Essa diminuição ocorreu em todo o estado, e até mesmo Curitiba e região, que porta maior número de clubes/

associações/escolas, sofreu significativa diminuição, principalmente por ter muitas escolas de natação que tinham equipes de treinamento, que já não existem mais no campo competitivo.

Esse tipo de estrutura para o desenvolvimento do treinamento que remete a local, equipamentos e pessoal qualificado não é exclusividade do Paraná, em pesquisa com treinadores Oliveira, Rodrigues e Falcão (2016, não paginado), apresentam os seguintes resultados:

Dos treinadores que atuam nas categorias infantil e juvenil, 38,6% não possuem equipe multidisciplinar. Possuem médico 36,8%, 52,6% possuem nutricionista, 43% possuem psicólogo, 19,3% fisiologista e 14% possuem algum outro profissional de apoio (auxiliar técnico, biomecânico, etc.). O desenvolvimento dos talentos esportivos na natação infantil e juvenil podem ser melhor explorados através do acompanhamento multidisciplinar, o que não foi verificado na população estudada.

Questões relacionadas ao desenvolvimento de um plano de carreira para o técnico esportivo também passa a ser uma preocupação; a manutenção de seu emprego depende exclusivamente da temporada finalizada, os resultados obtidos garantem a manutenção do emprego. Na natação ocorre em menor âmbito, e no futebol com maiores trocas, mas em geral, todas as modalidades esportivas se baseiam em resultados e objetivos traçados para a continuação do processo. Por isso, esse discurso remete à preocupação com sua carreira profissional, os rumos que ele pode ter: “[...] **a perspectiva de evolução de um técnico de natação, ela não existe. Você não tem um plano de carreira de técnico de natação. Você chega a ser técnico e pronto, você chegou e pronto. É aquilo, que se você for isso o resto da vida, é isso**”. Corroborando com esse discurso, a pesquisa de Oliveira, Rodrigues e Falcão (2016, não paginado), com técnicos da categoria infanto-juvenil de natação, onde apontam que dentre os técnicos pesquisados 71,9% possui mais de um vínculo empregatício, devido as dificuldades da área de treinador de natação, e:

A impossibilidade de dedicação exclusiva à natação competitiva, sobretudo por conta dos baixos salários, certamente incide nos resultados conquistados por treinadores que possuem dois ou mais vínculos. Uma política salarial melhor definida, sobretudo através de sindicatos ou órgãos de classe, podem modificar o perfil do treinador sob este aspecto, possivelmente modificando os resultados nas piscinas.

Pesquisa desenvolvida por Lopes (2005, p.153), sobre técnicos de jogadores de futebol iniciantes, diz que, como todas as profissões, essa também, a profissão de técnico esportivo caracteriza-se por um grande desgaste para esse profissional. Esse desgaste é; “[...] proveniente de grande quantidade de papéis exercidos por esse indivíduo; a atividade exaustiva durante os treinos e competições, a dependência do resultado desportivo para manter o *status* e o emprego”, e pode-se inferir que esse tipo de apreensão não faz parte somente do mundo do futebol, isso ocorre em todos os espaços de trabalho com esportes de rendimento.

Esses técnicos fazem parte de um grupo social, que estabelecem e constroem sua profissão nesse espaço. Sendo assim, são importantes dentro da estrutura social da sociedade. E ao pensar na profissionalização deles de maneira mais eficaz, se faz necessário remeter à maneira como eles se organizam, como articulam seu *expertise* para sua própria intervenção. É necessário prestar atenção naqueles que estão à beira da piscina construindo essa profissão e se formando: “[...] **Então, imagina, um país dessa dimensão toda e a natação está concentrada e esses caras ficam concentrados aqui. Como é que ela vai se disseminar? Como que vai haver renovação se é aqui? Como é que eles vão transmitir conhecimento, expandir o conhecimento, se eles estão fixos aqui, presos aqui?**”.

Pensar hoje a formação profissional dos técnicos no remete a Barros, que em 1996, trazia apontamentos sobre a profissão em Educação Física e Esportes, na qual apontava que a profissão não poderia mais ser exercida como “um bico”, ou simplesmente um trabalho que supra a subsistência do indivíduo. Ele dizia que:

Embora não seja representante da organização profissional da Educação Física, minha abordagem do tema pretende argumentar a favor de que tal organização é um fator a ser considerado na problemática que envolve a questão colocada: perspectivas e tendências em Educação Física e Esportes. É importante chamar a atenção para o fato de que a inexistência de uma organização profissional, modernamente constituída e atuante, no campo da Educação Física, torna mais difícil (1996, p.41)

Nesse sentido, como estão sendo pensado e repensados os currículos de formação profissional, para atender essa demanda os conhecimentos específicos que percebemos nos discursos eles almejam? Então, pensar em reformas curriculares no processo de formação do profissional de Educação Física é importante, e para Nunes, Votre e Santos (2012, p. 288), se faz necessário a elaboração e implementação de

reformas curriculares que impliquem em que a “[...] inovação possa proporcionar mudanças, estimular novas contradições e provocar movimentos, que alterem o equilíbrio no contexto dessa formação profissional”.

Devemos entender que transformações de hábitos e costumes é primordial para os atores envolvidos no processo de construção de uma profissão, então o grande desafio para as IES é encontrar o equilíbrio para essa formação profissional do Bacharel, principalmente quando os estudantes chegam em busca de uma formação específica para o campo do esporte. Para os atores, o grande desafio seria a recontextualização dos conteúdos e modos de ensinar para a formação profissional do Bacharel em Educação Física.

As informações e/ou formação e busca de conhecimento específico deveria chegar a todos de forma igualitária. Porém, os atores sociais em seus discursos apontam que, parece que as informações chegam para alguns e para outros não. Tudo isso depende novamente da estrutura de trabalho e de sua própria característica para compor sua formação, o quanto ele está mergulhado nisso, e quanto ele se propõe a gastar para aprimorar os conhecimentos que fazem parte da sua profissão. Os discursos produzidos sobre os conhecimentos: “[...] **Não chegam aqui, você tem que ir atrás e quando você vai atrás é muito caro e aí o técnico, ele não ganha para isso. O técnico não**”.

Para que haja formação mais eficiente, é necessário o envolvimento de toda a comunidade aquática, e não somente dos técnicos. As Federações Estaduais e a própria Confederação Brasileira devem cumprir seus papéis no processo de formação continuada, e não apenas circular na organização das competições. No entanto, não é isso que acontece segundo os atores sociais, em seus discursos demonstram claramente uma insatisfação referente a isso: “[...] **eu acho que existem algumas clínicas isoladas, que se o técnico quiser ir ele tem que ter dinheiro para ir, não vem nada, assim, das federações**”. O papel que as Federações deveriam ocupar, ajudaria no processo de fortalecimento desse grupamento profissional, pois de acordo com Wolf (1993), a valorização do conhecimento produzido por um grupo profissional fortalece esses profissionais, e pressupõe a existência de papéis diferenciados nas categorias profissionais construídas socialmente.

Segundo Nascimento (2004, p.15), embora “as profissões tenham se constituído em categorias sociais, elas não são homogêneas em sua organização dentro do mercado de trabalho”, elas se identificam de acordo com suas categorias, e

possuem organização sistematizada, que as diferenciam das outras, por terem condição de fazer a instrução a partir do treinamento e da apropriação de conhecimento em nível de ensino superior, criando certo grau de homogeneidade, que revelam nessa formação que os profissionais;

[...] se diferenciam por segmentos e especialidades concretas, por circunstâncias diferentes da prática, por seus papéis de profissional comum, professor, pesquisador e administrador, e por sua relativa proeminência como líderes culturais, políticos e intelectuais da profissão e do mundo do leigo exterior (p.71)

Não se trata de negar a contribuição dos cursos de formação profissional inicial em Educação Física: Bacharelado, Esporte e Ciências do Esporte, ou até mesmo, os cursos em nível técnico de formação de treinadores, mas sim, evidenciar a centralidade das experiências com a modalidade, e das experiências de trabalho no processo de formação e desenvolvimento profissional de técnicos, na perspectiva de se privilegiar investigações sobre a pessoa do treinador e a natureza de seu trabalho, sendo este um objeto de estudo emergente.

A partir dessa discussão, surgiram **considerações de um programa/escola para formação profissional de técnicos de natação**, que expressam seus olhares sobre a maneira que poderia acontecer a formação profissional do técnico de natação. Como fica claro, que eles não percebem a universidade como campo de formação e preparação para a profissão de técnico, pois entendem que essa formação deva trazer saberes que contemplem somente as coisas referentes ao mundo do treinamento da natação, apontam alternativas que ficam próximas do que eles consideram ser interessante para sua formação de técnicos. Eles produzem seus discursos realizando certa defesa para uma nova formação:

[...] Eu **sou a favor da escola**, até para gente não pegar os paraquedistas.

[...] **Eu acho válido (...) a escola de formação, porque é como seria a pós-graduação específica para você trabalhar naquela área.**

[...] **Eu acho legal ter esse nível para técnicos, esse curso. Porque é fundamental. Você pode fazer esse curso mais tarde com uma especialização e você ir subindo, mas a formação acadêmica eu acho fundamental.**

[...] Pelo menos os cursos que eu vejo dos Estados Unidos, esse voltado já para o treinamento mesmo.

[...] Até no vôlei, o nosso maior técnico, o Bernardinho, não é formado em Educação Física, ele é formado em Administração. E vai falar o que dele? A gente não pode falar nada. Mas assim, ele está trabalhando em um... Como eu posso dizer? Na parte final da cadeia, não é? Que é no alto rendimento com adulto.

[...] Eu acho que tem, eu acho que sim. Uma escola superior de técnico de natação, uma coisa assim.

[...] Eu acho que o caminho deveria ser outro, deveria ser, como eu te falei, uma escola diferente, uma formação diferente, um curso superior de técnicos, uma escola especializada, uma pós-graduação, sei lá, alguma coisa assim.

Percebe-se que eles querem cursos que os preparem para essa área específica, algo muito próximo de um curso de pós-graduação na área. Porém, vale lembrar que principalmente nas décadas de 1980 e 1990, era comum a existência de curso de pós-graduação em natação, com uma carga horária de aproximadamente 360 horas onde se discutia somente esse segmento. Também se apresentavam cursos sobre o mesmo formato em outras modalidades esportivas. O campo de formação de técnicos esportivos no Brasil teve alterações, principalmente pelo acontecimento da regulamentação da profissão, na qual demandou várias alterações nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Bacharelado em Educação Física. É importante destacar que, em nenhum momento de seus discursos fizeram referência ao curso de Esporte que existe.

Nota-se que a formação universitária, enquanto campo de proteção da profissão, é importante para alguns dos atores sociais; no entanto nem todos comungam desta ideia, e surgem discursos que protegem a formação inicial: **“[...] eu acho que você tem que ter a formação acadêmica”**, e **“[...] a universidade, ela forma no geral para todos, por exemplo, para vários”**. A formação universitária garantiu as funções do profissional e delimitou seu campo de intervenção profissional de acordo com a Lei da regulamentação n. 9696/98 em Brasil (1998), na qual está destacada que cabe ao profissional da Educação Física;

[...] coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos,

bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto.

Nessa lógica, aqueles que pretendiam trabalhar ou já trabalhavam com o processo de iniciação esportiva ou treinamento esportivo, em outras áreas que abarcam a educação física no campo de formação Bacharelado, obrigatoriamente teriam que passar pela formação universitária (quem quisesse a formação) ou então, comprovar sua atuação no esporte específico, segundo a lei nº 9696/98 (BRASIL, 2002), no mínimo três anos antes da data da regulamentação da profissão (provisionado).

Esse novo cenário no campo da formação passa a delimitar a área de atuação, bem como aumentam os debates sobre os mesmos, debates estes, que geravam dúvidas e se materializaram posteriormente em novas Diretrizes Curriculares Nacionais, referentes aos cursos de graduação em Educação Física – Bacharelado. Essa necessidade de um diploma passa a diferenciar o tipo de formação anterior como aponta o ator social: “[...] **Tipo você sair do... acabar de ser atleta, acabou de ser atleta lá com 26 anos, fazer o cursinho e com 28, 29, já estar em condição de trabalhar na beira da piscina**”; isso era muito comum na formação, mas com a chegada da profissionalização passa-se a ter um novo olhar com a obrigatoriedade dela, na qual segundo a Resolução nº7 de 2004, aponta que todo profissional formado em Educação Física deve ter assegurada “[...] a indissociabilidade de teoria-prática por meio a prática com o componente curricular, estágio profissional supervisionado e atividades complementares (BRASIL, 2004, p.19)

Ainda para *Milistetd* (2015, p.45), a formação profissional deve propiciar o reconhecimento;

[...] das experiências práticas, enquanto oportunidades fundamentais para o desenvolvimento das competências profissionais nos cursos de graduação em Educação Física representa um avanço na preparação dos treinadores, aproximando-se das reais necessidades de aprendizagem desta área profissional.

Se a partir do olhar do campo de formação, a universidade, a formação e as ações são claras para os professores pesquisadores, porque ainda, os técnicos esportivos veem esses espaços como campo de garantia de proteção, e não como o

princípio da formação profissional? Para eles, a importância de cursos específicos traria uma facilidade no processo de construção da profissão, e dão exemplos considerados por eles de sucesso: “[...] **se nos EUA a gente percebe que funciona tão bem, eles estão lá no topo, tem tantas pessoas, tem tantos atletas, só... a gente vê alguns números aí que só em número de, não sei se era infantil, de atletas infantis nos EUA, já batiam todos os federados do Brasil, de todas as categorias**”. O discurso atribui competência à formação praticada nos Estados Unidos, que ocorre de forma diferente do Brasil, como já apontado. A formação do técnico de natação nos Estados Unidos se dá pela participação nos cursos da ASCA, que remete a 5 níveis de preparação, tendo uma duração curta, e são avaliados por provas que certificam a aprovação em cada nível.

Outros exemplos de sucesso no campo da formação trazem como referência a Confederação Brasileira de Técnicos -CBT, seus discursos apontam: “[...] **E já tem um pouco melhor definido do que na natação, que tem... que a confederação, no caso, que seria a nossa CBDA, que é a CBT, que eles já têm os módulos muito bem definidos. Módulo A, Módulo ‘B’, Módulo ‘C’, perfeitinho para os professores. O que se tivesse na natação, seria fantástico**”.

Um modelo desenvolvido que poderia ter sido exemplo, e iniciar um processo de reestruturação da formação profissional, foi o curso de formação organizado pelo Instituto Olímpico Brasileiro (IOB) que faz parte do Departamento de Educação da Confederação Olímpica Brasileira – COB, projeto este desenvolvido especificamente para o esporte olímpico brasileiro. O referido curso, objetivava ampliar e difundir o conhecimento, promovendo a formação profissional de qualidade através de programas de capacitação específicos em modalidades olímpicas. A caracterização dessa capacitação se daria por meio de congresso, seminários, cursos e eventos de ordem científica, tudo isso, dentro do curso de formação e capacitação de técnicos de alto rendimento.

É importante destacar que, entre os técnicos entrevistados, somente um participou desse programa de formação proposto pela COB e realizado pela Academia Brasileira de Treinadores (ABT), sendo que o curso fez parte de uma estratégia definida pelo COB em procurar tentar fazer do Brasil uma potência olímpica nos Jogos Olímpicos de 2016. Sendo assim, ele foi iniciado em 2012 com carga horária de 750 horas/aula nas modalidades de natação, ginástica rítmica e atletismo. A formação do curso certificou os participantes com um Brevê que o denominou Treinador Nacional

em Esporte de Alto Rendimento na área de concentração: Desenvolvimento Esportivo ou Aperfeiçoamento Esportivo. Esse tipo de curso é objeto de desejo dos atores sociais, pois amplia o olhar, pensando em possibilidades diferentes dessa formação, conforme segue os discursos :

[...] Então eu acho mais interessante ter um curso de formação específica, como se fosse uma residência médica.

[...] A gente tem um curso. “Ah, eu quero me formar em natação.” Não uma pós-graduação em natação para você ter assim, um *up* ali, **você tem uma residência mesmo em natação, têm que ser como a medicina, tem que ter residências para você vivenciar, para você fazer e você se tornar aquilo. Seria mais ou menos isso, eu acredito que daria bem certinho, viu.**

Pode-se afirmar que, atualmente no Brasil não há parâmetro nacional para se pensar em formação de treinadores esportivos. A legislação atual garante formação universitária, com conteúdo que fornecem base generalizada para o profissional de educação física para atuar nas áreas do lazer, esporte, saúde e dança.

Contudo, não há uma legislação específica, que assegure uma formação de qualidade para os técnicos esportivos, de acordo com a modalidade, e porque não, um curso de formação técnica com duração de dois anos?

Acredita-se que Políticas Públicas no campo do esporte devem ser pensadas a partir de uma legislação apropriada para essa formação, buscando uma formação que integre o mundo da universidade e das instituições oficiais (Confederação e Federação estaduais e Ligas) no campo do esporte. Se existe entendimento que é necessário melhorar a qualidade dos cursos de Educação Física no quesito aprofundamento dos saberes, para que o técnico esportivo entre no mercado de trabalho com melhor qualidade, será necessário conhecer e aplicar novas Diretrizes, novas Políticas Públicas de Esporte que passem a regulamentar e reger o exercício do profissional do campo esportivo, criando uma estrutura de educação continuada eficaz para que eles possam ter pleno desenvolvimento de suas carreiras.

3.1.6 À BEIRA DA PISCINA O UNIVERSO CONSENSUAL COMO NÚCLEO CENTRAL

O **núcleo central** que emergiu dos discursos dos técnicos de natação remete à **beira da piscina**; este é o elemento que mantém a estabilidade das representações sociais dos técnicos paranaenses. As práticas à beira da piscina como campo onde se faz o técnico, garante a manutenção da continuidade no contexto evolutivo e variável da função de ser técnico; sempre foi assim que se fizeram técnicos: ontem, hoje, e amanhã.

É à beira da piscina que os técnicos elaboram a construção de sua realidade a partir do meio em que estão inseridos. Esse elemento, à beira da piscina como **núcleo central**, é a que mais resiste à mudanças, por isso ela é estável e coerente. Conseqüentemente, assegura a continuidade e a permanência da representação, tem como função gerar o significado básico da representação e determina a organização global de todos os elementos periféricos.

O **núcleo central** da representação dos técnicos de natação, é marcado pela memória coletiva de todos, refletindo os valores do grupo e possibilitando a sensação de pertencimento; então ele se constitui como uma base comum, consensual a todos, partilhada coletivamente a partir das suas representações de se fazer técnico, assim fica definida a homogeneidade deste grupo social: técnicos de natação paranaense.

À beira da piscina representa sua profissão, local onde eles estabelecem e constroem suas teias de relação; é aqui que ocorre a autonomia para sua intervenção: ser técnico, a formação dele se constitui naquele espaço. E essa formação possui uma condição ritualística, na qual segundo eles, todos devem passar, como se fosse um ritual de passagem. As etapas que cada um ultrapassa, são iguais para todos, os degraus para se chegar a ser técnico lhes dá uma condição de aprendizagem que, no processo final eles se constituem técnicos, talvez, seja devido a essa ação ritualística, construída no imaginário de todos os técnicos de natação, que existe a dificuldade em reconhecer a universidade como campo/espaço para o início dessa aprendizagem, eu só aprendo a ser técnico se estiver à beira da piscina.

À beira da piscina se constitui na sacralização de um local que só eles compreendem o ritual, representa o espaço sagrado das águas, que traduz seu lugar,

à beira da piscina: campo sagrado de trabalho. Seu mundo se constitui ali, à beira piscina, seus olhares, seus amigos, enfim sua vida. Por isso eu aprendo a ser técnico nesse lugar: ou como aponta esse discurso: “[...] **Para mim é tudo, é o meu dia a dia ali. O mais importante da minha vida estar ali na beira da piscina**”, é o lugar de aprendizagem: “[...] **é justamente isso, é eu aprender a ser técnico na beira da piscina, é aprender na prática, é aprender ali levando paulada de muita gente**”.

À beira da piscina se constitui sua vida profissional, e muitas vezes ela se mistura com a sua própria vida particular. Esse campo é tão importante que eles reportam a prazer, não a trabalho, criam relações cotidianas da casa, da vida, das amizades, muitos não percebem a beira da piscina como trabalho, ela se transformou na “casa”, simbolicamente; então suas relações pessoais e profissionais se misturam naquele espaço. As relações que eles travam fazem parte de sua vida cotidiana, e trazendo a fala de Heller (1972) citada por Lima (2004, p.13), essa vida cotidiana “(...) é a via do homem inteiro”. Conseqüentemente, não existe homem sem cotidiano, pois todo homem participa de uma vida cotidiana “(...) com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade”.

Não obstante, Martins (2000, p.142), aponta que essa vida cotidiana de todo indivíduo não se reduz apenas a usos e costumes ou ser algo repetitivo, rotineiro, pois segundo ele, a história de cada um é vivida, e “(...) de modo algum o cotidiano pode ser confundido com as rotinas e as banalidades de todos os dias”, pois estes momentos são únicos para eles. O viver a piscina, é se entregar de corpo e alma no cotidiano construído ali: os treinos, as relações construídas com os atletas, com os pais, as conversas com seus pares, seu dia a dia é construído naquele local, por isso a sensação de representação da beira da piscina significa tudo para eles: sua vida se constitui ali. Algumas estruturas discursivas deixam isso marcadamente:

[...] **eu considero aquilo o céu, para mim. Ó, que se eu morrer e o céu for aquilo, para mim está bom”, sabe?**

[...] **às vezes é difícil até de considerar isso um trabalho.**

[...] **e para mim eu sinto uma satisfação imensa em estar na borda da piscina e é uma coisa, é a melhor hora do dia.**

[...] **assim, a minha vida se resume à beira da piscina. Estou criando a minha filha na beira da piscina. Então eu resumo a minha vida na beira da piscina.**

[...] **É praticamente família ali**. A gente sabe o que está acontecendo um com o outro.

Como grande parte deles cresceu naquele espaço, nadando, o sentimento de pertencimento àquele lugar - à beira da piscina - é mais presente, pois ele remete imediatamente à teia de relações cotidianas, inicialmente representada pelo campo de quando foram atletas e agora a transferência para o campo de ser técnico, existem os laços de identidade entre os pares, pois diz respeito somente ao cotidiano daquele grupo, “[...] **A beira da piscina é a vida da gente**”, ou, “[...] **assim, a minha vida se resume à beira da piscina**”.

É à beira da piscina que esses técnicos vão construindo sua identidade profissional, e corroborando com Vaz e André (2017, não paginado), a construção dessa identidade “está intimamente ligada ao ambiente em que o sujeito está inserido, ao sentimento de pertencimento, aos hábitos, às visões e aos posicionamentos perante as situações do dia a dia”. A vida pulsa por meio dessas relações, eles se identificam entre seus pares, um dos atores sociais diz que: “[...] **eu acho que além da vida profissional a gente tem a vida na beira da piscina, então para mim é, toda a minha vida hoje está numa beira da piscina. Tudo o que eu sei eu aprendi na beira da piscina**”.

A sensação e a certeza de pertencer àquele lugar, faz parte da vida deles; se faz necessário compreender as identidades culturais que cada sujeito ou grupo pertencem - de onde vem. E trazendo a fala de Hall (2006, p.8), onde aponta que vários aspectos de identidade pessoal ou de um grupo, “[...] surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e acima de tudo nacionais”, diferenciando que as identidades culturais remetem ao encontro de determinadas particularidades do sujeito ou do grupo com as vivências de um determinado local, local este aqui caracterizado como à beira da piscina.

Já pertencimento de acordo com Vaz e André (2017, não paginado), simboliza o “[...] compartilhamento de experiências, vivências e características pessoais e coletivas com os demais integrantes de sua comunidade, levando a se acentuar (ou não) a percepção de pertença”, no qual esse discurso deixa evidente essa relação: “[...] **ah, cara, você aprende de tudo, convivência, amizade, né. Você vê os meninos que hoje me ajudam lá, são praticamente os meninos que eu formei. Tem o xxxx, que foi meu atleta**”.

Considerando a teoria de Abric (2001), o **núcleo central** sempre é determinado pela natureza do objeto estudado, como estão constituídas as relações que esse grupo de técnicos de natação mantém com sua formação profissional. Sendo assim, não se pode esquecer que essas relações são regidas pelo sistema de normas sociais e pelos valores do contexto social em que eles estão inseridos.

Contudo, pode-se inferir que as orientações que os técnicos de natação possuem sobre sua formação profissional provêm de um universo consensual, que está fortemente marcado nas relações construídas ao longo de sua carreira, ele não se forma técnico, ele se faz técnico a partir dessas relações: “[...] **é que tudo isso você vai aprender na borda da piscina. Não consegue ter um (pausa) um parâmetro assim, só na parte teórica assim**”; “[...] **na beira da piscina, que é ali que se deu o aprendizado**”.

Quando o ator social apresenta esse discurso: “[...] **No dia a dia. Erro e acerto, eu me faço técnico**”, seu aprendizado se dá no dia a dia, nos erros e acertos, nas conversas à beira da piscina nas competições, nas rodas de conversas num barzinho, nas discussões sobre os problemas enfrentados no dia a dia, tudo isso vai se revelando como constituinte de sua formação profissional. Pinto (1992), diz que se pensar maneiras e/ou critérios de analisar um técnico esportivo não pode ser somente por meio de seus títulos acadêmicos, e nem tão somente por ele ter tido um passado vitorioso enquanto atleta, isso evidencia a dificuldade que a área ainda possui em definir como se faz/ o que se faz/ e quem realmente pode ser o técnico esportivo.

Nesse sentido, apontamos que a ancoragem da representação social de formação profissional do técnico paranaense, se dá à beira da piscina e possui fortes marcas de uma ação ritualística: é tradição se fazer assim. As práticas pessoais e profissionais são orientadas pelos discursos produzidos ao longo do tempo no campo da natação brasileira, sempre foi assim a formação.

A representação à beira da piscina como campo de formação atua no domínio simbólico de significado, fazendo então sentido para aquele grupamento de técnicos, os sentidos dessa prática reafirmam a demarcação de um lugar próprio, à beira da piscina, que então determina o critério de inclusão para essa formação de técnicos de natação no Paraná e também no Brasil.

A importância de cada vez mais se ter um contexto técnico-científico no campo da natação não é negado, e essa ciência está presente entre eles. Contudo, seus discursos continuam atendendo ao grupamento de um determinado local e as

relações simbólicas existentes no campo da natação fortalecem esses discursos. Apesar de tudo, a marca simbólica dessa formação, garante a ancoragem da representação, que se materializa na formação profissional do técnico paranaense, que se dá ao longo de sua vida, ele se faz técnico à beira da piscina.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: (DES)-(RE)CONSTRUINDO OS OLHARES DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS DE NATAÇÃO

A pesquisa desenvolvida com os técnicos de natação, teve como objetivo identificar as representações sociais instituídas no imaginário dos técnicos de natação paranaense, verificando como ocorreu o processo de sua formação profissional, na qual buscou-se identificar quais foram os sentidos dados por eles nesse processo de formação profissional por meio de seus discursos.

Analisar as representações sociais que os técnicos paranaenses possuem sobre sua própria formação, possibilitou nossa compreensão de como eles as constituíram historicamente, no decorrer de sua atuação profissional e de suas ações, que são fundamentadas em suas vivências pessoais, profissionais e sociais, bem como perceber as concepções que subsidiaram sua formação inicial e a construção da formação continuada dentro da área profissional que atuam do treinamento em natação.

Ao transitarmos pelos caminhos das representações sociais, como campo científico referencial, tendo como base a proposta de Moscovici (1978), a qual aponta que toda representação social sugere uma representação de algo ou de alguém, ela não pode ser considerada a duplicação do real ou de um ideal em comum, nem muito menos uma parte subjetiva do objeto estudado ou a parte objetiva do sujeito. Ela faz parte de um processo que vai estabelecendo relações entre o mundo e o sujeito com as coisas que aqui chamamos de objeto do estudo.

Dessa maneira, a base teórica nos permitiu transitar por caminhos/trilhas, na maioria das vezes, não muito familiares para o campo da educação física. Possibilitou-

nos então, trilhar por caminhos diferentes daqueles considerados seguros pela área, sendo assim, podemos dizer que as representações sociais possibilitaram uma ampliação sobre a lente da área, trazendo olhares que ainda não tinham sido colocados como foco central do objeto de estudo. Então, de acordo com Moscovici, as representações constituídas, são concebidas sob forma de aporte social, de modo que nos permitem compreender as relações existentes, pois elas advêm de grupos sociais já constituídos. Sua natureza nos apresenta a importância que opiniões, avaliações, valores, proposições e reações fazem parte do conjunto de representações e que se organizam diferentemente nos diversos grupos, que formam universos diferentes.

O processo de instituição da representação social no imaginário dos técnicos de natação, refere-se às condições objetivas e aos contextos em que surgiram as suas representações. Portanto, a presente pesquisa identificou as representações sociais de um grupo de profissionais: técnicos de natação, que embora seja uma categoria heterogênea nas características de atuação profissional no campo do treinamento esportivo em natação, eles, compartilham valores, ideias, ideais e práticas comuns a esse grupamento social específico.

No processo das análises dos discursos produzidos pelos técnicos de natação, procuramos levar em consideração a singularidade que cada discurso possui. Eles são únicos e portam atitudes, conceitos, ações que foram determinadas pelo grupo profissional de técnicos de natação; então, seus discursos revelam comportamentos que cabem somente a esse grupo profissional, comportamentos esses, que vão ao encontro das relações simbólicas instituídas pelo grupo sobre sua própria formação profissional, pois é desta maneira que eles trabalham, vivem e se relacionam.

Foi possível verificar que a construção de sua profissão ainda está organizada, tomando como base as relações existentes no período de atleta, eles possuem conhecimentos adquiridos enquanto atletas, e em alguns momentos não conseguem fazer a transição entre o que faziam no período em que foram atletas, com os ensinamentos aprendidos na formação inicial caracterizada como a formação universitária. Para eles, aquele profissional que foi atleta possui características, percepções diferenciadas sobre o campo do treinamento e isso ocorre devido às experiências vividas em relação àquele que nunca foi atleta.

Seus discursos remetem a um olhar inequívoco sobre sua formação no período que frequentaram a universidade, no qual para eles o papel principal da

universidade/faculdade era habilitá-los para a atuação de técnico, para então serem credenciados, para o exercício da profissão. A formação acadêmica aparece fortemente como informação, mas não como campo de conhecimento determinante para sua profissão. Quando se nega essa formação, identificamos marcas simbólicas de um campo que ainda transita pela “**tradição que sempre foi assim**”, porém se faz necessário avançar para que essa formação esteja alicerçada em bases sólidas.

Tanto Bosi (1996) como Freidson (1998), corroboram com a ideia de que qualquer profissão não pode estar alicerçada em um processo estático, pois os acontecimentos, a ciência produzida nesses campos é dinâmica, e também se deve ter cuidado nas generalizações do campo profissional, cada profissão possui características que são inerentes aos grupos específicos, elas possuem características próprias e traços comuns àqueles profissionais.

Pensar a formação inicial, é entender que ela prepara o indivíduo para conhecer de forma generalizada o mercado de trabalho a qual ele será inserido ao final dessa formação. É importante também perceber, que esse processo é inicial, é o começo de um caminho, mas, ao escolher o campo profissional se faz necessário mergulhar mais profundamente nas coisas relacionadas a ele, para que então se tenha uma visão geral do campo de atuação profissional, e, somente após esse reconhecimento, que se começa a mergulhar nas especificidades daquela que será a especialidade a ser estudada para sua intervenção, lembrando sempre que a formação inicial, a graduação é o início da formação, e a importância que se deve dar a formação continuada durante a profissão.

De maneira geral, os atores sociais, como passaram por experiências de atletas, já adentram na formação inicial, querendo buscar respostas e soluções para os problemas que fazem parte do seu mundo à beira da piscina. Isso os deixa fora do compasso da formação, não entendem, não compreendem ou não querem ver, o papel dessa formação.

Outro ponto importante verificado em seus discursos, remete às disciplinas mais importantes na construção de sua formação, e apesar de terem passado por um rol de disciplinas na formação inicial, universidade, e o próprio campo demandar de conhecimentos científicos diversificados, eles apresentam como disciplinas importantes somente a biomecânica, fisiologia e psicologia do esporte.

Podemos dizer, que prevalece uma visão reduzida da área, que considera apenas esses campos como suporte para terem sucesso no treinamento esportivo,

disciplinas da biomecânica e fisiologia também foram encontradas na pesquisa de Egerland, Nascimento e Both (2009), sobre competências percebidas por técnicos esportivos. E, no campo de atuação atualmente um dos conhecimentos mais importantes e citados por eles, remete à biomecânica, Desta maneira, fica evidente, que não compreendem o rol de disciplinas que dão base à formação profissional, sendo que seguem o “percurso natural” do campo do esporte que é olhar somente para os objetos que circulam em seu meio, não levando em consideração o processo como um todo. Então, eles são técnicos de natação e não profissionais da Educação Física.

De acordo com Campbell (1993), são distantes as maneiras de formarem técnicos esportivos pelo mundo; vários aspectos norteiam essa formação de acordo com cada país. Ainda se faz presente à configuração da entrada do técnico no campo esportivo, levando em consideração o confronto do modelo antigo de técnicos que eram convidados, devido suas experiências de atleta, ou o ex-atleta que busca a formação inicial (no caso do Brasil é obrigatória), e também daqueles estudiosos que nem sempre foram atletas, mas buscam a formação específica pautada na ciência.

Podemos apontar que a formação profissional almejada por todas as pessoas que passam pelos bancos da universidade, vai depender da interação realizada no processo ensino-aprendizagem entre o professor de cada disciplina e o estudante, objetivando qualidade nesse processo de formação profissional, pois o conhecimento não se dá de forma isolada. Cabe aos cursos de formação inicial capacitar seus estudantes para cumprir os compromissos da profissão escolhida, dessa maneira, iniciam a mobilização para a intervenção profissional.

Sabemos que esse é o início do processo da construção de um profissional competente na área escolhida, segundo Werneck (1998, p.54), essa formação, ela deve “[...] assumir um sentido construtivo, que busca levar o profissional a encontrar seu próprio caminho, a transformar-se, a evoluir, a refletir, a relacionar-se com trocas interdisciplinares enriquecedoras e significativas”, nesse sentido, é importante ampliar o olhar para que esses atores possam ver além do campo da natação.

A formação do técnico esportivo, também passa pelo processo de aprendizagem pautado nos saberes (*expertise*), nas habilidades e competências que são exigidas para o exercício de uma profissão, e também corroboramos que ela não se limita à universidade. Levamos em consideração o conhecimento prévio que eles possuem, a reconstrução de ideias e valores que devem ser reorganizados a partir da

apropriação dos conhecimentos reificados, pois necessariamente, sua atuação deverá sofrer mudanças significativas, à medida que ele se apropria de novos conhecimentos e passa a ressignificar sua própria atuação profissional; pois é a partir da relação da prática diária desse profissional que ele será capaz de refletir sobre sua própria atuação, produzindo então, conhecimentos.

Corroboramos com Filippis (2012, p.22), quando nos diz que a “qualidade do profissional depende, igualmente, de sua reflexão sobre como utilizar, com ética e respeito, os conhecimentos adquiridos durante sua formação”. E, ainda trazendo a fala de DeLuiz (1996, p.19,) onde aponta que esses espaços destinados à preparação e formação profissional deve possibilitar a “construção de competências necessárias a sua atuação, implicando uma redefinição dos métodos de gestão e da formação de docentes”.

Os atores sociais valorizam mais o que diz respeito à formação dado a eles por meio de cursos, clínicas, workshops, entre outros, do que ao conhecimento da universidade enquanto formação inicial. Podemos dizer, que a formação inicial é importante, mas não é exclusividade, e para Brito (2007, p.46):

É importante destacar que a formação profissional é ampla, sendo desenvolvida a partir da universidade, mas não é um processo exclusivo dela, indo desde a incorporação dos valores e sentimentos pessoais e que estruturam a comunidade até a análise técnico-metodológica e sócio-política da ação pessoal, contemplando a formação inicial, a continuada, além da formação de vida, que engloba a autoformação.

Quando os atores sociais, dão maior importância no que diz respeito a essa formação, que está caracterizada por saberes específicos de seu mundo, a atuação, eles valoram esses espaços de diálogos e conhecimentos, e cada vez mais ignoram a formação inicial, pois o primeiro remete às coisas que eles estão sedentos em saber, falar, discutir, e a segunda remete a um conhecimento generalizado sobre o processo de formação do profissional de Educação Física.

Contudo, temos que nos ater que uma formação profissional adequada não pode se pautar somente em pequenas possibilidades de saberes que são importantes para um determinado grupo, mas, deve compreender que os conteúdos, saberes, possuem respostas para intervir a partir das necessidades que foram construídas historicamente, possibilitando a melhora desse profissional em sua intervenção. Assim, concordando com a fala de Filippis (2012, p. 23), todo, “[...] processo formativo

deve ser norteado, determinando os conhecimentos que serão trabalhados desde o início, expressando as habilidades que serão necessárias para o começo da atuação profissional”.

Queremos deixar claro, que a ciência faz parte do desenvolvimento dos atores sociais no campo de atuação, eles citam a busca de conhecimento via livros, internet, blogs de atletas ou técnicos de sucesso, conversas entre os pares, e trocas de materiais em competições, e quando há possibilidade de conversas com outros técnicos de natação oriundos de outros estados. Entendemos que tanto a prática como a teoria são necessárias para o processo de formação, sendo que uma não pode ser mais importante que a outra. Um bom profissional deve possuir conhecimento prático, e além desse conhecimento, deve possuir uma base sólida de conhecimento reificado para que em sua prática profissional diária, possa desenvolver o senso crítico, ser criativo possibilitando uma intervenção segura e profissional.

Outro ponto importante que destacamos, diz respeito à certificação do técnico esportivo no Brasil, que passa pelo processo de regulamentação que é representado pelo CONFEF/CREF. São esses órgãos que regulam e fiscalizam o credenciamento dos profissionais para atuarem no campo do profissional de educação física. Para eles o diploma universitário garante essa certificação do CONFEF/CREF, a carteirinha, o registro lhes dá a garantia do trabalho.

Porém, é necessário ficar atento ao Projeto de Lei do Senado (PLS) nº 522/2013⁴⁸ que tramitou em caráter terminativo, no qual disciplina a profissão de técnico profissional de todas as modalidades esportivas coletivas; pois com a aprovação que ocorreu em 06/04/2016 pelo CAS – Comissão de Assuntos Sociais, será necessário repensar a formação profissional, bem como todos os parâmetros vigentes até então. Esse projeto, apresenta normas aplicáveis a um mesmo perfil profissional, pois irá definir as regras de profissionalização aos esportes como futebol, voleibol, futsal, basquetebol, entre outros. Vale lembrar que com essa aprovação legal do Senado as estruturas profissionais nesse campo se alteram.

⁴⁸ Em matéria do dia 06/04/2016 da agência Senado a Comissão de Assuntos Sociais (CAS) aprovou o projeto de lei (PLS 522/2013) que disciplina a profissão de técnico de todas as modalidades esportivas coletivas, não apenas futebol, como ocorre hoje. Uma das emendas apresentadas pelo relator, senador Romário (PSB-RJ), ampliou ainda mais as possibilidades de acesso à profissão. O projeto prevê a revogação da Lei 8.650/1993, que trata apenas do exercício da profissão de treinador de futebol. Segundo Romário, o objetivo maior do PLS 522/2013 é estender as regras a todos os técnicos e treinadores de esportes coletivos, como o basquetebol, o voleibol e o futsal, entre outros. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/04/06/aprovado-na-cas-projeto-que-regulamenta-profissao-de-tecnico-de-esportes-coletivos>

O ponto de maior discussão do projeto está pautado na interpretação de uma ação restritiva, pois, segundo o CONFEF só pode atuar no esporte quem possui formação em Educação Física (obrigatoriedade), e o que o projeto aponta, permite a atuação como técnico para atletas e ex-atletas da modalidade que treinam. Nesse caso, a experiência profissional deve ser comprovada de no mínimo cinco anos, e segundo o Senador Romário de Souza Faria, a experiência desses profissionais pode trazer contribuição importante no que diz respeito à formação de uma nova geração de atletas.

E o que se vê de forma geral, no campo de treinamento, é que pessoas que atuam nessa área, se formaram na prática da modalidade esportiva, então o significado da valoração desse profissional que traz como bagagem ter sido atleta.

Ao mergulharmos nos discursos dos técnicos, verificamos também, que o mercado de trabalho do campo esportivo exige profissionais que possuam perfil competente, e para eles competência está diretamente relacionada ao saber lidar com outro (relação interpessoal); ter requisitos como: liderança, planejamento da temporada, saber orientar no processo de treinamento e da competição. Esses aspectos apresentados por eles ratificam o papel multidisciplinar que a profissão do técnico enfrenta; sendo assim, identificam a importância da formação fundamentada por conhecimentos reificados. Podemos inferir que competências ligadas diretamente ao contexto competitivo foram as que mais apareceram em seus discursos; por isso, se esse contexto é tão valorado, as suas competências ligadas àquilo que aprendeu enquanto atleta, também são mais valorizadas.

Um técnico competente é aquele indivíduo que consegue mobilizar a variedade de conhecimentos, saberes, habilidades, entre outros, para resolver os problemas de sua atuação diária. Porém, em nosso país, no mundo do esporte, de maneira geral, competência está ligada ao sucesso, a vitória. Esse campo simbólico, fortemente marcado remete à extrema valorização do vencedor, do 1º colocado, e dificilmente nos lembramos do 2º colocado, pois ele é o perdedor. Essa representação estabelecida afeta a condição de competência percebida por eles. Sabemos que o desenvolvimento do que é competência para um técnico pode variar de acordo com os indivíduos que atuam. Mesmo assim, existe um embate interno entre ter sucesso e ser formador de pessoas. Então a dificuldade de produzir um discurso para explicitar o que é um técnico competente; fica mais claro quando tentem apontar quais são as habilidades e competências necessárias para um técnico.

Os técnicos de natação possuem clareza do local de onde falam: a piscina, e nesse campo configuram conhecimentos, conteúdo específicos da área, bem como maneiras de intervenção profissional que são próprias deles. Isso nos possibilita uma compreensão maior sobre o impacto das relações construídas com o conhecimento científico e eles. Reconhecem a universidade como esse campo, produção de conhecimento, contudo, afirmam que ela está distante deles, por entenderem que, o que fazem (os técnicos), não é objeto de estudo dos pesquisadores das universidades.

Dizem que esses pesquisadores querem utilizar seus atletas, no período que querem, para contemplar suas pesquisas; mas não proporcionam uma conversa mútua, ou um processo de pesquisa que vá de encontro aos anseios deles, com o propósito de prestar atendimento e melhoria da *performance* da equipe a ser pesquisada. Esse é o principal motivo pelo qual eles, em sua maioria, fecham as portas para os pesquisadores das universidades. Fica evidente que para eles, que os conhecimentos produzidos pela universidade por parte dos pesquisadores, em contraponto aos que eles utilizam, são necessariamente, constituições bem diferenciadas, e cada um (pesquisadores e técnicos) possuem objetivos diferentes no que diz respeito ao objetivo da pesquisa.

Podemos dizer que, no silêncio de seus discursos, algumas vezes, apresentam até certo medo de serem alvos de preconceitos por parte dos pesquisadores, pois entendem que o conhecimento profissional produzido por eles e trabalhado na intervenção, possui um caráter eminentemente técnico. Sua natureza, as formas de uso desses conhecimentos, a maneira como adequam para seus treinos e suas planificações, as experiências vivenciadas que eles constroem na ação diária do ser técnico, é fruto de seu processo de formação profissional, oriundos de experiências práticas, e nem sempre de explicações com cunho científico.

Identificamos em seus discurso, conflitos entre o campo científico e o campo do senso comum, apesar de apresentar indícios do campo científico, pautados nas leituras, nos cursos dentro e fora do país, na aproximação com metodologias diferenciadas; eles ainda apresentam como fio condutor de toda a sua prática, as experiências vivenciadas na água como atleta e conduzidas para o campo profissional, principalmente nas resoluções de problemas. Podemos até inferir que, quando da necessidade da resolução de um problema difícil, é nas experiências vividas enquanto atleta que eles buscam as soluções.

Compreendem que a formação de técnicos continua falha no processo atual, e também apontam que existe demanda por profissionais mais qualificados no mercado de trabalho. O continuísmo do processo é forte, pois acreditam que **o técnico só se faz à beira da piscina**. O sentimento de pertencimento do grupo, e a valoração do ex-atleta, são mais fortes no imaginário deles.

Conseguimos perceber um movimento, ainda que pequeno, porém, que está ganhando voz, no qual alguns técnicos, percebem que suas intervenções práticas à beira da piscina precisam ter um maior embasamento teórico-científico. Isso fica muito claro, nos discursos daqueles técnicos que estão com atletas que participam de campeonatos brasileiros e até mesmo que estão com atletas convocados em alguma seleção brasileira, pois de alguma maneira, vivenciaram experiências diferentes nos eventos nacionais e internacionais; puderam ter contato com metodologias diferentes, com leituras especializadas oriundas de outros estados e países, tiveram oportunidades de travar conversas com profissionais que desempenham papel multidisciplinar em outras equipes, isso dá a eles a percepção clara da importância do papel da ciência como balizador do processo de treinamento, e a importância de que eles necessitam se apropriar desse material/conhecimento científico; mas essa aceitação só se dará se ficar claro para eles, que haverá melhorias nos resultados e nas soluções de caráter técnico.

Então, ao buscarmos as representações sociais dos técnicos, esta pesquisa fez emergir suas representações por meio do núcleo central e dos sistemas periféricos, os quais ancoram o núcleo central: **“a beira da piscina”**. Os sistemas periféricos que objetivam proteger o núcleo central encontrados foram: **1)** a escolha pela profissão de ser técnico de natação; **2)** Campos de formação profissional; **3)** Habilidades e competências do técnico de natação; **4)** Técnico de natação e a experiência de ter sido atleta ou não; **5)** Formação de técnicos no Paraná e Considerações de um programa/escola para formação profissional de técnicos de natação.

A figura abaixo apresenta de forma sintética como se dá a construção da formação profissional de nossos atores sociais:

FIGURA 3: Constituição da Formação Profissional do Técnico de Natação do Paraná.



FONTE: autoria própria.

Assim, afirmamos que a presente pesquisa nos deu pistas necessárias para inferirmos que a partir dos discursos do atore sociais é **à beira da piscina** que as relações entre os atores se solidificam, é no processo de pergunta e resposta, nos comportamentos, nas suas práticas sociais, na construção e intervenção da prática; é também nas relações de poder que são construídas e que se materializam à beira da piscina, na qual os atores sociais constroem os comportamentos hegemônicos daquele grupo. É aqui que fica estabelecido o campo de aprendizagem profissional e a construção de sua carreira profissional.

Ocorre então, um deslocamento dos sentidos sobre à beira da piscina como lugar sagrado, simbólico, no qual os sentidos sobre o espaço se modificam e se

fortalecem. É à beira da piscina que eles incorporam os hábitos permitindo a eles mesmos a garantia de pertencimento, a incorporação de hábitos de quem só é desse grupo/mundo possui, fazendo com que se reconheçam ali, e que é nesse espaço que se constroem as teias de relação do mundo aquático, o aprendizado se dá ali, por meio das conversas informais, da troca de experiências, da busca de uma compreensão de tudo que acontece com o atleta. Podemos dizer, que são as representações simbólicas sobre vários componentes da relação que eles possuem com a água e com seus pares.

O que eles pensam sobre sua formação profissional está ancorado na representação de que todo técnico deve possuir domínio absoluto em seu campo de intervenção, nesse caso à beira da piscina, por isso a prática é tão importante.

O estudo proposto nesta tese alcança seu objetivo na medida em que, ao realizarmos o mergulho nas representações dos atores, fizemos emergir suas representações sociais sobre o processo de sua própria formação profissional, por meio dos sistemas periféricos e do núcleo central. A pesquisa não para por aqui, outras dúvidas permeiam o processo e podem induzir a novos questionamentos sobre a formação profissional de técnicos esportivos. Levantar discussões sobre novos processos de formação é importante, na medida em que, a área precisa olhar as diferentes formas de formação profissional que contemplem efetivamente os técnicos.

Também se faz necessário, mergulhar no processo de formação relacionando teoria e prática, e pensar, talvez, em propor no cursos de formação inicial estágios com tempo maior de duração, de formatos diferentes daqueles já organizados nos cursos. Um estágio de formação que dê conta de trazer a prática aliada a teoria no campo que eles reconhecem como formação à beira da piscina, no qual essa relação do estágio permita que eles passem por todas as etapas do processo de iniciação esportiva ao treinamento de rendimento.

Por fim, apontamos, ainda, como mais importante, que se repense a formação profissional. Então, sugerimos que Políticas Públicas sejam colocadas à mesa e discutidas, nas quais se apresentem um formato de curso de formação específico para técnicos esportivos que demande de formação técnica instrumental, com menor duração de horas que a formação universitária. Sua organização poderia estar dividida em parte presencial e parte não-presencial. Ele poderia ter caráter de um curso tecnológico com duração de 2 anos, com corpo docente composto por professores da universidade, profissionais estes com experiência relevante nas disciplinas ofertadas,

bem como profissionais de capacidade reconhecida e inseridos no mercado de trabalho. Assim, poderíamos tentar uma maior aproximação com o campo de intervenção.

Nesse tipo de formação, o aluno é rapidamente habilitado para desempenhar as funções exigidas em sua área de escolha: treinamento de natação, aumentando consideravelmente seu nível de conhecimento específico e competitividade no mercado de trabalho. Podemos dizer também, que esses cursos de menor duração oferecem oportunidades para a ampliação de sua área profissional, visto que, eles já apontam que gostariam de uma formação mais voltada para sua área de atuação.

Que esse curso contemple uma base de formação geral, base de formação específica e uma base de vivência prática, para colocarem em ação a relação teoria e prática. Que ele faça aproximações com os saberes da universidade (conhecimento reificado) e os conhecimentos produzidos à beira da piscina. Que esses conhecimentos dialoguem com os saberes da universidade, a Confederação e as Federações de Esportes Aquáticos, possibilitando uma formação mais fortalecida, que vá de encontro ao que eles pensam e almejam.

Modelos de cursos de formação específica do esporte no Brasil já existem; vide os casos da Confederação Brasileira de Voleibol, que organiza em níveis a preparação técnica, e só podem atuar nos jogos oficiais de acordo com a certificação do nível conquistado.

E, gostaríamos de deixar claro, que discussões a partir da formação do curso de Esporte, hoje ofertado somente pela USP, não aparece em nossas análises, visto que não temos nenhum profissional dentre aqueles que constituíram a amostra da pesquisa com formação no curso de esporte. Fazendo uma varredura na FDAP dos técnicos que possuem equipes, identificamos apenas 1 técnico trabalhando atualmente, ainda na fase de formação de atletas competitivos, com uma empresa que oferece treinamento para atletas de natação, este técnico ainda não foi convocado para integrar a seleção paranaense no papel de técnico. Ele possui mestrado em Desempenho Humano e Atividade Física e também é ex-atleta de natação. Também é importante informar, que dentre as entrevistas realizadas nenhum técnico de natação apontou o curso de esporte como formador do técnico.

Dessa forma, apresentar as representações de nossos atores não foi uma tarefa simples e acabada, é só um (re)começo, pois as discussões aqui apresentadas, as relações que foram exploradas por meio dos discursos podem suscitar outros

debates, outros caminhos a serem percorridos. Esperamos que outros trabalhos possam surgir, e, quiçá, desperte o interesse em outras temáticas a serem estudadas na Educação Física, tendo como aporte as representações sociais, haja vista, que não existem trabalhos desenvolvidos com essa apropriação temática nos programas de pós-graduação do Estado do Paraná e em outros estados, e particularmente, com discussões sobre a formação profissional, utilizando a Teoria das Representações Sociais.

Que outros pesquisadores voltem suas lentes para discutir de forma clara e objetiva esse campo de formação profissional, buscando olhar de frente para o problema, possibilitando perceber as deficiências e facilidades que o processo possui na formação inicial e continuada e desta maneira, olhar as possibilidades de como se poderá melhorar a formação profissional dos técnicos de uma maneira mais ampla, visando uma formação mais consistente. Esse olhar é importante, como eles mesmos deixam transparecer nos silêncios de seus discursos.

Aqui finalizamos este estudo, contudo, muitas outras questões poderão ser levantadas para a continuidade desta conversa. Conseqüentemente, outros olhares, outros pesquisadores surgirão, exigindo esforços na tentativa de refinar o debate sobre formação profissional de técnicos esportivos, na natação e em outras modalidades esportivas, proporcionando outras pesquisas para esse campo investigativo.

Paro por aqui, mas com muitas dúvidas e incertezas, no entanto, com sensação de dever cumprido nesta etapa. Gostaria de assinalar que, também nesse processo me foi possibilitado voltar às origens. Consigo perceber ao final desta caminhada que minha subjetividade foi engendrada no campo esportivo, e foi muito importante esse deslocamento de sentido para me transformar na profissional que sou hoje.

Mas passando algum tempo
Com a cabeça já serena, finalmente...
Você consegue avaliar e
Descobre que sempre ficou
Algo agradável pra recordar.
Silvana Duboc.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J-C. **Prácticas sociales y representaciones**. México: EdicionesCoyoacán, 1994.

_____. A Abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.) **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998, p. 27-38.

_____. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, D. (Orgs.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H . F; LOUREIRO, M. C. da S. (Orgs). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. UCG, p. 37-57, 2003.

ALTET, M. As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In: PAQUAY, L.; PERRENOUD, P.; ALTET, M.; CHARLIER, E. (Org.). **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 23-35.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWADZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: a pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1999.

AGÊNCIA SENADO. **Aprovado na CAS projeto que regulamenta profissão de técnico de esportes coletivos**. 06/04/2016. Disponível em <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/04/06/aprovado-na-cas-projeto-que-regulamenta-profissao-de-tecnico-de-esportes-coletivos>. Acesso em 03 de janeiro de 2017.

ANDRADE, M. M. **Língua Portuguesa. Noções Básicas para Cursos Superiores**. 4ª ed., São Paulo, Atlas S.A., 1994, parte II. p.49-50.

ANGELIN, P. E. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. REDD – **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 3, n. 1, jul/dez. 2010.

ANTUNES, A.C. Mercado de trabalho e educação física: aspectos da preparação profissional. Disponível em [file:///C:/Users/User/Downloads/MERCADO%20DE%20TRABALHO%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/MERCADO%20DE%20TRABALHO%20(1).pdf). Acesso em 15 de maio de 2014.

_____. **A dimensão prática na preparação profissional em Educação Física: concepção e organização acadêmica**. Tese (doutorado) - Faculdade de

Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. 265 f.

ARAÚJO, J. M. **Ser treinador**. Lisboa: Editorial Caminho, S.A., 1994.

_____. **Treinador, saber estar, saber ser**. Lisboa: Editorial Caminho S.A, 1998.

ARAÚJO, R. M. L. Competência e qualificação: duas noções em confronto, duas perspectivas de formação dos trabalhadores em jogo. **Trabalho e crítica**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 173-186, 1999.

ARRUDA, A. M S. Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, set./dez., 2009, p. 739-766.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBOSA, M. L. O. Para onde vai a classe média: um novo profissionalismo no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v.10, n.1, mai. 1998. p.129-142.

_____. As profissões no Brasil e sua sociologia. **DADOS, Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v.46, n.3, 2003. p. 593-607.

BARROS, J.M.C. Educação física e esporte: profissões? **Kinesis**, v.11, p.5-16, 1993.

_____. Educação Física: perspectivas e tendências na profissão. **Motriz**. V.2, n.1. Junho, 1996. p.49-52.

BECKER JR., B. **Manual de psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Novaprova, 2000.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**: a Educação Física na escola brasileira de primeiro e segundo graus. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v.3, n.2, 1996. p.73-127.

_____. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexão a luz da filosofia da ciência. **Rev Bras de Educ Fís e Esportes**. São Paulo, v.19, n.3, Julho/setembro, 2005.

BENTO, J. O. Profissionalidade, ciência da profissão e competência profissional na formação do pedagogo do desporto e educação física. **Espaço**, Porto, v.1, n.1, p.5-16, JAN/JUL. 1993.

BETTI, I.C.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. **Motriz**, v.2, n.1, Junho. 1996. p.10-15

BORKO, H.; PUTNAM, R. T. The role of contexto in teacher learning and teacher education. In: Contextual Teaching and Learning: preparing teachers to enhance student success in and Beyond School. **Information Series**. nº 376, 1998. Disponível em <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED427263.pdf> 1998. Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

BORGES, E. C.; BUONICORE, A. C. **Memória do esporte educacional brasileiro: breve história dos Jogos Universitários e Escolares**. São Paulo: Centro de estudos e Memória da Juventude, 2007. Disponível em http://www.cemj.org.br/revistasPdf/livro_cmej_esporte.pdf. Acesso em 22 de fevereiro de 2017.

BOSI, M. L. M. **Profissionalização e conhecimento: a nutrição em questão**. São Paulo: Hucitec, 1996.

BRANDÃO, C. F. **A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e sociogênese**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

BRASIL. **Lei nº 6.251/75**, de 08 de outubro de 1975. Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências. Disponível em <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=205630>. Acesso em 03 de março de 2017.

_____. **Lei nº 6.251/75, Política Nacional de Educação Física e Desportos, Plano nacional de Educação Física e Desporto – PNDE**. Ministério da educação e Cultura, Departamento de Educação Física e Desportos. Brasília: Distrito Federal: 1976.

_____. **Ministério da Educação e da Cultura – Conselho Nacional de Desportos e departamento de Educação Física e Desportos**. Lei nº 6251 de 08 de outubro de 1975: Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Decreto nº 80.228 de 25 de agosto de 1977: regulamenta a lei nº6.251, de 8 de outubro de 1975 que Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília: Distrito Federal: 1977.

_____. **Parecer 215/87**, de 11 de março de 1987. Estabelece sobre a reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física Conselho Federal de Educação. Acesso em 10 de março de 2015.

_____. **Resolução 03/87**, de 16 de junho de 1987. Fixa os mínimos conteúdos e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). Disponível em http://crefrs.org.br/legislacao/pdf/resol_cfe_3_1987.pdf. Acesso em 18 de maio de 2015.

_____. **Lei nº 9698**, de 1º, de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física, 1998. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9696.htm. Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

BRASIL. **Resolução nº 7/2004**, de 31 de março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

_____. **Resolução CONFEF nº 001/99**, de 04 de março de 1999. Dispõe sobre o estatuto do Conselho Federal de Educação. Disponível em http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=1&textoBusca. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

_____. **Resolução CONFEF nº 45/2002**, de 18 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre o registro de não-graduados e Educação Física no Sistema CONFEF/CREFs. Disponível em http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=81. Acesso em 10 de março de 2017.

_____. **Regulamentação da Educação Física no Brasil**. Disponível em <http://www.confef.org.br/extra/conteudo/default.asp?id=16>. Acesso em 23 de fevereiro de 2014.

_____. **Resolução nº 056/2003**, de 18 de agosto de 2003. Dispõe sobre o Código de Ética dos Profissionais de Educação Física registrados no Sistema CONFEF/CREFs. Disponível em http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=103. Acesso em 10 de março de 2015

BRASIL, V.Z.; RAMOS, V.; NASCIMENTO, J.V. Propostas conceituais a respeito do conhecimento profissional do treinador esportivo. **Re. Educ. Fis/UEM**, v. 26, n 3. 3º semestre. 2015, p.483 – 493 3 semestre

BRITO, G. A. P. **Formação e qualificação para atuação profissional em lazer: o caso da política pública de Piracicaba - SP**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba, 2007, p. 157.

BROHM, J-M. **Critiques dusport**. Paris: Cristian Burguois, 1976.

BURRAGE, M. De la educación práctica a la educación profesional académica pautas de conflicto y adaptación en Inglaterra, Francia y Estados Unidos. In: ROTHBLATT, S.; WITTRÖCK B. **La Universidad europea y americana desde 1800: las tres transformaciones de la Universidad moderna**. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor, 1996. p.156-206.

CAMPBELL, S. Coaching education around the world. **Sport Science Review**, Bucharest, Romania, 2, 1993. , p. 62-74.

CAMPOS, P. H. F. Representações sociais, risco e vulnerabilidade. Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva. PUC, Goiás, 2013, p.13 a 34. Disponível em <http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/viewFile/1153/1052>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

CAMPOS, P. H. F.; ROUQUETTE, M-L. Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, p.435-445,2003.

CÁRDENAS, R.N.; CÁRDENAS, Y.N. Psicologia como ciência aplicada ao esporte de alto rendimento. **Revista Digital: Lecturas educacion física y deportes**. Buenos Aires, ano 15, n 166, marzo 2012. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd166/a-psicologia-aplicada-ao-esporte-de-alto-rendimento.htm> em 27/12/2016 Acesso em 27 de dezembro de 2016.

CARMO, A. A. **Educação física**: crítica de uma formação acrítica. São Paulo, Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. 1982. 184p.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas, SP: Papirus, 1988.

CAVAZANI, R. N. *et al.* O técnico de judô: um estudo comparativo após 10 anos da regulamentação da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.21, n.3, 2013. p. 105-117.

CHARLIE, E. Formar professores profissionais para uma formação contínua articulada à prática. In: PAQUAY, L.; PERRENOUD, P.; ALTET, M.; CHARLIER, E. (Org.). **Formando professores profissionais**: Quais estratégias? Quais competências? Porto Alegre: Artmed, 2001, p.85-102.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CIAMPOLINI, V. *et al.* Coaches' formation in Brazil: Overview of Olympic confederations. **X International Symposium of Physical Education, Leisure and Health**. Florianópolis: Brasil, 2014.

CONDE, P.R. Natação vai usar a ciência para se adaptar à sua Olimpíada noturna. **Folha de São Paulo on line** – Esporte – 26/12/2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/12/1567259-natacao-vai-usar-ciencia-para-se-adaptar-a-sua-olimpiada-noturna.shtml>. Acesso em 7 de janeiro de 2017.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Academia Brasileira de treinadores capacitará 108 técnicos de três modalidades, 2013. Disponível em <http://www.cob.org.br/noticias-cob/academia-brasileira-detreinadores-capacitara-108-tecnicos-de-tres-modalidades-035407>. Acesso em 12 abril de 2014.

COSTA, E.; COUTINHO, B. T. O.; MOARIS, A. M. **Formação de professor de educação física**: relação teoria e prática à luz da filosofia da práxis. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conece/3conece/paper/viewFile/2201/988> . Acesso em 10 de maio de 2017.

COSTA, I.; SAMULSKI, D. M.; MARQUES, M. P. Análise do perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Mineiro de 2005. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.14, n.3, 2006. p. 55-62.

COSTA, T. L. **Técnico desportivo**: formação, intervenção profissional e sua importância para a equipe. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Graduação no curso de Educação Física da Faculdade Estácio FIC. Fortaleza, 2012, 39p.

COSTA, I. T.; SAMULSKI, D.; MARQUES, M. Análise do perfil de liderança dos desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Motriz**, Rio Claro, v. 17 n. 2, 2011, p. 280-291.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science and Coaching**. London, v. 4, no. 3, 2009, p. 307-323.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K.; JONES, R. Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach. **Quest, Champaign**. v. 46, 2003, p. 153 – 163.

CRUB, B. Funções e competências dos professores de Educação Física: consequências para a formação inicial. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, Lisboa, n. 23, p. 61-76, 2002. Disponível em <http://www.spef.pt/content/view/85/120/>. Acesso em 10 de maio de 2017.

DA SILVA, N. N.; ROMCY, D. M. L.; GONZALES, R. H. Treinamento psicológico: perfil do conhecimento de treinadores de basquetebol cearenses. **Revista Digital, Lecturas educacion física y deportes**. Buenos Aires: año 17, n. 169, Junio de 2012 Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd169/treinamento-psicologico-conhecimento-de-treinadores.htm>. Acesso em 28 de dezembro de 2016.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola**: Questões e reflexões. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2003.

_____. **Educação Física na Escola**: implicações para a prática pedagógica, 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011

DELFINO, T. **Papel da ciência na sociedade**. 31 de outubro de 2012. Disponível em <http://www.aprenda.bio.br/portal/?p=4269>. Acesso em 10 de março de 2017.

DELUIZ, N.. A globalização econômica e os desafios da formação profissional. In: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Rio de Janeiro. **Boletim Técnico do Senac**. Rio de Janeiro, 1996, v. 22, nº 2, maio/agosto, 1996. Disponível em <http://www.cefetsp.br>. Acesso em 01 de agosto de 2014.

DIAS, M. H.; SOUZA, E. L. A. Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas. **Psicologia & Sociedade**, 24, n.3, 2012, p.729-738.

DICIONARIO de sinônimos. Disponível em <https://www.sinonimos.com.br/> . Acesso em 10 de setembro de 2016.

DIEM, C. **História de los deportes**. Barcelona: Luís de Caralt, 1966.

DINIZ, M. **Os donos do saber**: profissões e monopólios profissionais. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

DOISE, W. Atitudes e Representações Sociais. In: JODELET, D. (Orgs.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p.187-204.

DUARTE, D. F. T. S. **O treinador de sucesso no futebol**: uma perspectiva de treinadores e jogadores de elite do futebol português. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

ERGLAND, E. M.; NASCIMENTO, J. V.; BOTH, J. Nível de associação entre a importância atribuída a competência percebida dos treinadores esportivos. **Revista Pensar a Prática**. v 2, nº 3, 2009.

EIRAS, Y. Zico concorda com Renato Gaúcho: 'Futebol não se discute, é um dom'. **Jornal O Dia**. 08/12/2016. Disponível em <http://odia.ig.com.br/esporte/2016-12-08/zico-concorda-com-renato-gaúcho-futebol-nao-se-estuda-e-um-dom.html>. Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

ESTEVES, B. B. Educação física escolar e esporte: como foi que se tornaram "sinônimos" em terras brasileiras.2015. **Revista Digital, Lecturas educacion física y deportes**. Año 20, nº 207, Agosto de 2015. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd207/educacao-fisica-escolar-e-esporte-se-tornaram-sinonimos.htm>. Acesso em 06 de janeiro de 2017.

FAERMAN, L. A. A pesquisa participante: suas contribuições no âmbito da ciências sociais. **Revista Ciências Humanas - UNITAU**. v.7,n.1, jan-jun, 2014, p.41-56,.

FARIA JÚNIOR, A. G. Perspectivas na formação profissional em Educação Física. In: MOREIRA, W.W. (Org). **Educação física & esportes**: perspectivas para o século XXI Campinas: Papyrus, 1992, p. 227-238.

FARINATTI, P. T. V. Pesquisa em educação física no Brasil: por um compromisso com a evolução. In: FARIA JR, A. G.; e FARINATTI, P. (Orgs). Pesquisa e produção de conhecimento em educação física. Rio de Janeiro: **Livro Técnico**, 1992, p.34-68.

FAUSTO, B. **A Revolução de 1930 – História e Historiografia**. Brasília: Editora Brasiliense, 1970.

FERNANDES PINTO, J.; VAGO, M. T.; FARIA FILHO, L. M. **Representações de esporte e educação física na ditadura militar**: uma leitura a partir da revista história

em quadrinhos Dedinho (1969-1974). Disponível em <http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/234.pdf>. Acesso em 07 de março de 2016.

FENSTERSEIFER, P. E. A crise da racionalidade moderna e a Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.22, n.1, maio, 2002. p.29-38.

FILLIPIS, A. **Formação profissional em lazer, nos cursos de Educação Física, no estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências da Saúde / Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, SP: [s.n.], 2012. 124 fl.

FLAMENT, C. Aspectspériphériques des représentations sociales. In: GUIMELLI, C. (Ed), **Structures et transformations des réprestations sociaux**. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1994, p. 85-118.

FRANCO, G. S. **Psicologia no esporte e na atividade física**. São Paulo: Manole, 2000.

FREIDSON, E. **Profissão Médica**: um estudo de sociologia do conhecimento aplicado. São Paulo: Unesp, 1994.

_____. **Renascimento do profissionalismo**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. Para uma análise comparativa das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.31, ano 11, jun. 1996. p.141-154.

FRIZZO, G. Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola. **Movimento** Porto Alegre, v.19, n.4, out/dez, 2013. p. 163-180.

GHILARDI, R. Formação profissional em educação Física: a relação teoria e prática. **Motriz**. V.4, n.1 junho, 1998. p. 1-11.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GILBERT, W. D.; TRUDEL, P. Learning to coach through experience: reflection in Model Youth Sport Coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 21, 2001, p. 16-34.

GONSALVES, E. P. **Conversa sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

GOMES, A. C.; SOUZA, J. **Futebol**: treinamento desportivo de alto rendimento. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal 1. Da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

GONDIM, S. M. G.; FISCHER, T. O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo. **Caderno Gestão Social**, Salvador, v. 2, n.1. 2009, p. 9–26.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11^o ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens** (1938). 5^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOLYNIK FILHO, C. **Educação física**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1996.

KOKUBUN, E. Negação do caráter filosófico-científico da educação física: reflexões a partir da biologia do exercício. In: FERREIRA NETO, A.; GOELLNER, S. V.; BRACHT, V. (Org.). **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1995. p. 53-69.

KUNZ, E. *et al.* Novas Diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Educação Física: justificativa, preposições, argumentações. **Revista do CBCE**, vol 20(1), 1998, p.37-47.

KUPFER, M. Cr. **Freud e a Educação – O mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1995.

LANE, S. T. M. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LAWSON, H. A. **Invitation to physical education**. Champaign Illinois: Human Kinetics Publishers, 1984.

LAWSON, H. A. Beyond positivism: Research, practice, and undergraduate professional education. **Quest**, n.42, 1990, p.161-183.

LECOURT, D. **Para uma crítica da epistemologia**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1980.

LEITE, W, S. S. Biomecânica aplicada ao esporte: contribuições, perspectivas e desafios. 2010. **Revista Digital, Lecturas educacion física y deportes**. Año 15, nº 145, Junio de 2010. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd145/biomecanica-aplicada-ao-esporte.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

LIMA, T. **Com que então quer ser treinador? Basquetebol – da aprendizagem à competição**. Lisboa: Centro de estudos e Formação Desportiva, 2001.

LIMA, M. D. O imaginário sobre o trabalho e suas representações no cotidiano dos comerciantes do mercado público em Pernambuco. **Ciências & Cognição** 2004; Vol 03 de Novembro de 2004. Disponível em http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v03/cec_vol_3_m34415.pdf. Acesso em 07 de janeiro de 2016.

LISTA EXTRA: 20 jogadores que já passaram pelo Ensino Superior. **Jornal Extra Digital**: 26/06/2014. Disponível em <http://extra.globo.com/noticias/educacao/vida-de-calouro/lista-extra-20-jogadores-que-ja-passaram-pelo-ensino-superior-13029771.html>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

LOPES, R.S. **Formação do técnico desportivo de jovens**: abordagem sobre status profissional e escolaridade de nível universitário entre técnicos da modalidade futebol no Estado de Pernambuco. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Porto, 2005.

LOVISOLO, H. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. **Motus Corporis**, v.3, n.2, 1996, p.51-72.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, T. B. **A Educação Física e os esportes nos Institutos Federais em Educação, Ciência e Tecnologia: debatendo os rumos da formação dos estudantes**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Rio de Janeiro, 2013.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte**: temas emergentes. Jundiaí: Ápice, 1997.

MACHADO, L. R. S. Educação Básica e Empregabilidade. **Revista Trabalho e Educação**. Belo Horizonte, NETE / FAE / UFMG, jan / jul, nº 3, 1998.

MAIA, M. M. O. Dimensões sociais do esporte: perspectivas trabalhadas nas escolas da cidade de Pau dos Ferros, RN. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires. Ano 15, nº 144, Maio. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd144/dimensoes-sociais-do-esporte-nas-escolas.htm>. Acesso em 11 de maio de 2017.

MALLET, C. J.; *et al.* Formal vs informal coach education. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Reino Unido, v. 4, n.3, 2009, p. 325-334.

MANFREDI, S. M. Trabalho, qualificação e competência profissional: das dimensões conceituais e políticas. **Educação e Sociedade**. Campinas, v.19, n.º 64, set., 1998, p.13-49.

MARCHI JR., W. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Huicitec, Ijuí: Unijuí, 2004.

MARCON, D.; NASCIMENTO, J. V.; GRAÇA, A. A construção das competências pedagógicas através da prática como componente curricular na formação inicial em Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.

21, n. 1, p. 11-25, 2007. Disponível em: http://www.usp.br/eef/rbefe/sumariov21n1/2_v21_n1_p1125.pdf. Acesso em 10 de maio de 2017.

MARCONDES, A. P; SOUSA, C. P. de. Parceria de abordagens metodológicas no estudo de representações sociais da avaliação institucional. 26ª Reunião Anual da Anped, **GT 20: Psicologia da Educação**, 2003. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/26/posteres/anamericapradorcondes.rtf>. Acesso em 23 de fevereiro de 2014.

MARQUES, A. T. As profissões do corpo: o treinador. **Revista treinamento Desportivo**. Curitiba: v.5, n.1, junho, 2000, p.4-8.

_____. **As profissões do corpo: o treinador**. Tese. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto. 1997.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Preparação profissional em educação física. In: PASSOS, S. C. E. (Org.). **Educação física e esportes na universidade**. Brasília: Ministério das Educação, 1988. p. 225- 246.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARTINS, I. M. L. Graduação: desafios da formação acadêmica. **Coleção Pedagógica**, n.9. p. 27-35. Disponível em file:///C:/Users/Morgana%20Claudia/Downloads/Monitoria_2.pdf. Acesso em 06 de janeiro de 2016.

MARTURELLI JUNIOR, M. **A organização do trabalho de treinadores de futebol: estratégias de ação e produtividade de equipes profissionais**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MAZZANTI, D. L. **Educação de jovens e adultos: uma aplicação da regra de três e porcentagem em cálculos trabalhistas**. 2008. 103f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – PUC, São Paulo, 2008.

MEINBERG, E. Training: a special form of teaching. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v. 2, nº 4, 2002, p.115-123.

MINISTÉRIO EXTRAORDINÁRIO DO ESPORTE-INDESP. **Memórias: Conferência Brasileira de Esporte Educacional**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.

MILISTETD, M. *et al.* A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar a prática**. Goiânia, v. 18, nº 4, out./dez. 2015, p. 982 – 994.

MOLINA, O. **Ler para Aprender. Desenvolvimento de Habilidades de Estudo**. São Paulo, E.P.U., 1992, p. XIII - XVIII.

MOURA, E. S.; MATSUDO, S. M.; ANDRADE, D. R. Perfil do hábito de leitura de alunos do curso de educação física do Centro Universitário UniFMU. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** Brasília, v.9, n.2, junho, 1996.

MOSCOVICI, S. **Representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NASCIMENTO, J. V **formação inicial universitária em Educação Física e Desportos:** uma abordagem sobre o ambiente percebido e a auto-percepção de competência profissional de formandos brasileiros e portugueses. Tese (Doutorado). Porto: FCDEF – UP, 1998.

_____. **Formação Profissional em Educação Física:** contexto do desenvolvimento curricular. Minas Gerais: Montes Claros: Editora da Unimontes, 2002.

NASCIMENTO, G. L. **Como os profissionais de Educação Física avaliam a consequência de sua intervenção profissional a partir da perspectiva do erro.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.

NASCIMENTO, J. V. *et al.* Formação acadêmica e intervenção pedagógica nos esportes. **Motriz.** Rio Claro, v.15, n.1 1993. p. 5-16.

NANDAKARI, K. **O perfil do bom professor de Educação Física na opinião dos alunos do ensino fundamental, do ensino médio e ingressantes e concluintes do curso de Licenciatura do IB-UNESP - Rio Claro, no ano de 2001.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Física.) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2001.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, non formal and informal coach learning: a holistic conceptualization. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 1, 2006, p. 247-259.

NEWELL, K. M. Kinesiology: the label for the study of physical activity in higher education. **Quest**, n.42, 1990. p. 269-278.

NUNES, M. P.; VOTRE, S. J.; SANTOS, W. O profissional em educação física no Brasil: Desafios e perspectivas no mundo do trabalho. **Motriz**, Rio Claro, v.18, nº 2, abr./jun. 2012, p. 280-290.

OELKE, S. A.; RAITER, G.; MONTAGNOLIA, D. A formação do profissional da educação física: algumas perspectivas. **Anais...** do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. | UIVALI – Itajaí– SC 23 a 25 de setembro de 2010. Disponível em:

<http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/vcsbce/vcsbce/schedConf/presentations>. Acesso em 10 março de 2017.

OKUMA, S. S. Significado da experiência: Outra visão sobre vivências práticas no curso de graduação em Educação Física. **Caderno Documentos**, nº2, Escola de Educação Física - Universidade de São Paulo, 1996, p.28-31.

OLIVEIRA, J. E. C. O campo de atuação do profissional de educação física e do esporte. **Revista Digital, Lecturas educacion física y deportes**. Año 16, nº 161, Octubre de 2011. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd161/o-campo-de-atuacao-de-educacao-fisica.htm>. Acesso em 24 de setembro de 2015.

OLIVEIRA, E. G. P.; BONFIM, M. N. B. Situando os saberes pedagógicos na composição da estrutura curricular do curso de Licenciatura em Letras da UFMA. In: SAMPAIO, M. L. P.; REZENDE, N. L.; BONFIM, M. N. B. (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: entre documentos, discursos e práticas**. São Paulo, SP: Humanitas, 2012, p. 63-83.

OLIVEIRA, E. M.; PAULO, A. C. A formação do treinador de futebol e sua relação com os resultados no campeonato brasileiro de 2008. **Revista Digital, Lecturas educacion física y deportes**. Buenos Aires, ano 15, nº 143, 2010.

OLIVEIRA, F.S.; RODRIGUES, J. P. B.; FALCAO, L.A. Perfil profissional do treinador de natação brasileiro das categorias infantil e juvenil. **Revista Digital, Lecturas educacion física y deportes**. Buenos Aires, año 21, N. 223, Diciembre de 2016. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd223/perfil-profissional-do-treinador-de-natacao.htm>. Acesso em 28 de dezembro de 2016.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4 ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2 Ed. Campinas: SP: Pontes, 2001.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas: SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P.; LAGAZZI, S. (Orgs) **Introdução às Ciências da Linguagem**: Discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PIOVEZAN, A. M. W. *et al.* A análise do discurso e questões sobre a linguagem. **Revista X**, v.2, 2006, p.1-19.

PELLEGRINI, A. M. A Formação Profissional em Educação Física. In PASSOS, S. C. E. (Org.) **Educação Física e Esportes na Universidade Brasília**: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto, 1988.

PELLEGRINI, A. M., ALBUQUERQUE, L. M. B. A educação física para o novo milênio. In: RESENDE, H. G., VOTRE, S. J. (Org). **Ensaio sobre educação física, esporte e lazer**: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: SBDEF: UGF, 1994. p. 103-114.

PEREIRA, J. A. G. **Formação em educação física**: discursos e a prática curricular.

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Educação Física. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física, 2014. 171 páginas.

PEREIRA, J.M.; HUNGER, D. Formação e atuação profissional no voleibol: opinião de técnicos da cidade de São José dos Campos, SP. **Motriz**, Rio Claro: v.9, nº 2 mai/ago, 2003, p.93-102.

PERRENOUD, P. *et al.* Fecundas incertezas ou como formar professores antes de ter todas as respostas. In: PAQUAY, L; PERRENOUD, P.; ALTET, M.; CHARLIER, E. (Org) **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p.211-233.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**. São Paulo, Cortez, 2002.

PINHO, S. T.; ALVES, D. M.; RAMOS FILHO, L. A. O. **A relação técnico-atleta**. 2010. Disponível em <http://joseaugustolealfutsal.blogspot.com.br/2010/02/relacao-tecnico-x-atleta.html>. Acesso em 26 de dezembro de 2016.

PIRES, A. G. M. G. **As bóias-frias e suas representações sociais sobre tempo livre e lazer**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2000, 350f.

PIRES, F. P.; ABREU, J. R. G.; FRANCA, R.G. Educação física e esporte: o esporte na escola e da escola nas aulas de educação física. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 21, Nº 219, Agosto de 2016. Extraído do site: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 10 de março de 2017.

PINTO, J. Profissionais de educação física versus treinadores de futebol. **Horizonte**, v.44. ago/set 1992.

PIZZANI, J.; BARBOSA-RINALDI, I. P. Identidade dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física no Paraná: uma análise das áreas de conhecimento. **Rev Bras Educ Fis Esporte**, São Paulo, out/dez. 2014.

PONTE, J. P. Perspectivas de desenvolvimento profissional de professores de Matemática. **Revista Perspectivas de desenvolvimento profissional**. Disponível em http://spiem.pt/DOCS/ATAS_ENCONTROS/1995/1995_11_JPPonte.pdf. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

PRIBERAN. **Dicionário Priberan de Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/>. Acesso em 10 de maio de 2015.

PROGRAMA BEM AMIGOS. **Participação no programa em 24 de junho de 2016**. Rio de Janeiro: Sportv. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=q6sW0qDIVWw>, e https://www.youtube.com/watch?v=L5aa4HHOg_A. Acesso em 04 de março de 2017.

RANGEL, M. Ensaio sobre aplicações didáticas da teoria de representação social. 2007. **Olhar de professor**. v.10, n. 2, Ponta Grossa: p.11-22, 2007. Disponível em <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>. Acesso em 10 de fevereiro de 2013.

RANGEL-BETTI, I. C. A. **Educação física e o ensino médio: analisando um processo de aprendizagem profissional**. São Carlos. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de São Carlos, 1988.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar - a utopia da cidade disciplinar**. São Paulo: 2ª edição, Paz e Terra, 1987.

RAMOS, V. *et al.* A aprendizagem profissional. As representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Motriz**, Rio Claro, v.17 nº 2, abr./jun. 2011, p.280-291.

RAMOS, G. N. S. **Educação física: licenciatura e/ou bacharelado? analisando as implicações de uma estrutura curricular**. São Paulo: PUC. Dissertação (Mestrado em Educação) - Supervisão e Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995, 189p.

_____. A formação profissional em Educação Física e as novas diretrizes: reestruturação curricular. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.). **Formação profissional em Educação Física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 147-158.

REZENDE, B. **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

RIBEIRO, R.J. É preciso correr riscos. **R. Cont. Fin. – USP**, São Paulo, v. 25, nº 66, set./out./nov./dez. 2014, p. 208-210.

RIGHETTI, S. Brasil cresce em produção científica, mas qualidade cai. **Folha de São Paulo on line** – 22/04/2013 – Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2013/04/1266521-brasil-cresce-em-producao-cientifica-mas-indice-de-qualidade-cai.shtml>. Acesso em 09 de dezembro de 2016.

RIZZUTTI, E. V. **Representação social dos professores de educação física sobre a relação entre as atividades físicas e o desempenho acadêmico**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Gama Filho, maio de 1999, 215f.

RODRIGUES. A. J. **Metodologia Científica: completo e essencial para a vida universitária**. São Paulo: Avercamp, 2006.

ROSS, S. The epistemic geography of Physical Education: addressing the problem of theory and practice. **Quest**, Estados Unidos, v.33, nº 1, 1981.

ROSSONII, J. C.; FELICETTI, V. L. Reflexões sobre a profissão docente: saberes, práxis educativas e ensino de língua portuguesa. **VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão/SE/Brasil. 20 a 22 de setembro de 2012. Extraído do site: http://educonse.com.br/2012/eixo_02PDF/19.pdf . Acesso em 15 de maio de 2017.

RUDA, C. Educação superior e escolha profissional no Brasil. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. Salvador, v.5, n.1, 2016. P. 74-85.

SÁ, C. P. **Representações dos Estudantes do Ensino Superior Plitécnico sobre a Formação Inicial**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: UTL-FMH, 1994.

_____. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPIN, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**. As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.19-45.

_____. **O núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPIN, M. J. P.(Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SACRISTAN, J. G. **Poderes insetables em educación**. Madrid: Ed. Morata, 2008.

SARMENTO, P. **Aspectos da Formação de um Treinador**. Horizonte, nº50, 1992, p. 67-70.

SCHWARTZ, G. Aperte os cintos, o mercado sumiu! In: As profissões do futuro. São Paulo: **Publifolha**, 2000.

SARGENTINI, V. M. O. **A noção de formação discursiva**: uma relação estreita com o corpus na análise do discurso. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/vanicesargentini.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2009.

SEVERINO, A. J. Diretrizes para a leitura, análise e interpretação de textos. In: **Metodologia do Trabalho Científico**. 20ª ed. São Paulo, Cortez, 1998, p. 47 - 61.

SCHEMPP, P. G. The role of knowledge and experience in expert sport instruction. **Jornal de la Recherche sur l'Intervention em éducation Physique et Sport**, 2003. Disponível em <http://www.fcomte.iufn.fr/research/ejournal3/Schempp%20eJ%203.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2016.

SERPA, S. **A relação interpessoal na díade treinador-atleta: desenvolvimento e aplicação de um inventário de comportamentos ansiogénicos do treinador**. Tese de Doutoramento em Lisboa: UTL-FMH. 1995, p. 17-22.

SODRÉ; N. W. **Formação Histórica do Brasil**. Brasília: Editora Brasiliense, 1973.

SILVA, E. T. **O Ato de Ler. Fundamentos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1981. p.31-49.

SILVA, O. O. N. Licenciatura e Bacharelado em Educação Física: diferenças e semelhanças. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 124, setembro. 2011. p. 76-84.

SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. A. Ciência e Tecnologia: Transformando a relação do ser humano com o mundo. **IX Simpósio Internacional Processo Civilizador: Tecnologia e Civilização**. Ponta Grossa. Disponível em <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/workshop/art19.pdf>. Acesso em 07 de dezembro de 2016.

SIMÃO, J. **A formação do treinador**: análise das representações de treinadores em relação à sua própria formação. Mestrado. Lisboa: UTL-FMH. 1998, p. 6-17.

SIMON, V. C. A. **O curso de licenciatura em Educação Física - Unesp/Bauru**: Suas reestruturações curriculares. Trabalho de conclusão de curso. Licenciatura em Educação Física - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 1995.

SORIANO, J. B. **A constituição da intervenção profissional em Educação Física**: interações entre o conhecimento “formalizado” e a noção de competência. Tese (Doutorado em Educação Física) Unicamp, Campinas, 2003.

SOUZA NETO, S. *et al.* A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, nº 2, 2004, p. 113-128.

TAFFAREL, C. N. Z; CRUZ, D. K. A. A história nos currículos de formação de profissionais/professores de Educação Física e esporte: disciplina curricular X matriz científica. In: Congresso de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. nº 7, 2000, Porto Alegre. **Anais:...** RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p. 261-265.

TANI, G. Vivências práticas no curso de graduação em educação física: necessidade, luxo ou perda de tempo? **Cadernos Documentos**. São Paulo, n.2, 1996. p. 1-27.

_____. Avaliação das condições do ensino de graduação em Educação Física: garantia de uma formação de qualidade. **Rev Mackenzie Educ Fis Esporte**. V.6, nº 2, 2007; p. 55-70.

TALAMONI, G. A. **A trajetória de treinadores de futebol campeões brasileiros**: Análise das implicações da formação na atuação profissional. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013, 124p.

TALAMONI, G. A. *et al.* Perfil dos treinadores da seleção brasileira de futebol sob a ótica da teoria configuracional de Norbert Elias. In: **II Congresso Internacional de Formação Profissional em Educação Física; VI Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física**, 2012, Florianópolis. **Anais**, 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TOJAL, J. B. A. G. **Currículo de graduação em educação física: a busca de um modelo.** Campinas, Edunicamp, 1989

TRAVINHA, **História da natação.** Disponível em <http://www.travinha.com.br/esportes-aquaticos/54-natacao/212-natacao-a-historia>. Acesso em 10 de agosto de 2015.

TRUDEL, P; CULVER, D; WERTHNER, P. Looking at coach development from the coachlearner's perspective: considerations for coach development administrators. In: POTRAC, P.; GILBERT, W.; DENISON, J. (Ed.). **Routledge handbook of sports coaching.** London: Routledge, 2013. p. 375-387.

TRUDEL, P.; GILBERT, W.; WERTHNER, P. Coach education effectiveness. In: LYLE, J.; CUSHION, C. (Orgs.). **Sports coaching: professionalisation and practice.** London: Elsevier, 2010. C. 9, p. 135-152.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte.** 2º ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. O esporte educacional como uma dimensão social do fenômeno esportivo no Brasil. In: MINISTÉRIO EXTRAORDINÁRIO DO ESPORTE-INDESP. **Memórias: Conferência Brasileira de Esporte Educacional.** Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996. p.9-16.

_____. **500 anos de Legislação Esportiva Brasileira: do Brasil Colônia ao início do Século XXI.** Rio de Janeiro: Shape, 2002.

UEL. **Departamento de Ciência do Esporte.** Universidade Estadual de Londrina. Disponível em <http://www.uel.br/cefe/des/portal/>. Acesso em 15 de março de 2017.

USP. **Escola de Educação Física e Esporte: História.** Universidade de São Paulo. Disponível em <http://www.eefe.usp.br/?pagina/mostrar/id/115>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

VERENGUER, R. C. G. Dimensões profissionais e acadêmicas da educação física no Brasil: uma síntese das discussões. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, v.1, nº 2, jul./dez. 1997, 164-75.

VELOSO, C. M. **Diferença da concepção entre esporte escolar e esporte de rendimento.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 15p.

VERENGUER, R. C. G. **Preparação profissional em educação física: das leis à implementação dos currículos.** Campinas. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 1996. 95p.

VAZ, A. C. S.; ANDRE, B. P. Construindo identidades no espaço escolar: percepções de professores sobre o sentimento de pertencimento dos seus alunos e a construção da cidadania. **IX Colóquio Internacional de educação, cidadania e exclusão: didática e avaliação.** Disponível em

http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_MD1_SA7_ID575_19052015193150.pdf. Acesso em 02 de janeiro de 2017.

WERNECK, C. L. G. A formação profissional no lazer em nossa moderna sociedade: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. **Revista Licere**, v. 1, nº 1, set. 1998, p. 47-65.

WOODMAN, L. Coaching: A Science, an art, an emerging profession. **Sport Science Review**, v.2, n.2, 1993, p.1-13.

WRIGHT, J. T. C.; SILVA, A. T.B.; SPERS, R.G. O Mercado de trabalho no future: uma discussão sobre profissões inovadoras, empreendedorismo e tendências para 2000. **Revista de Administração e Inovação**. São Paulo: v.7, n3. P.174-197., jul/set., 2010.